

**EQUIPAS DE NOSSA SENHORA**

# **AS BEM-AVENTURANÇAS**

**Um estilo de ser, viver e pensar**

**TEMA DE ESTUDO**

**1ª edição – Setembro 2004**

# Índice

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>CAPÍTULO I – As BEM-AVENTURANÇAS</b> UM ESTILO DE SER, VIVER E PENSAR	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO II – PRIMEIRA BEM-AVENTURANÇA</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO III – SEGUNDA BEM-AVENTURANÇA</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO IV – TERCEIRA BEM-AVENTURANÇA</b>	<b>47</b>
<b>CAPÍTULO V – QUARTA BEM-AVENTURANÇA</b>	<b>63</b>
<b>CAPÍTULO VI – QUINTA BEM-AVENTURANÇA</b>	<b>75</b>
<b>CAPÍTULO VII – SEXTA BEM-AVENTURANÇA</b>	<b>91</b>
<b>CAPÍTULO VIII – SÉTIMA BEM-AVENTURANÇA</b>	<b>105</b>
<b>CAPÍTULO IX – OITAVA BEM-AVENTURANÇA</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO – SÍMBOLOS PARA A ORAÇÃO</b>	<b>133</b>

## INTRODUÇÃO

### O Tema

*“Vendo a multidão, subiu ao monte e sentou-se rodeado pelos seus discípulos. E, tomando a palavra, ensinava-os dizendo: Bem-aventurados...”* (Mt 5, 1-2).

Passados dois mil anos, continuamos a fazer destas palavras um acto de fé porque continuamos a acreditar n’Aquele que as proclamou; as Bem-Aventuranças são a síntese da sua pregação, autêntico caminho para a humanidade, a força que faz do homem um homem; são o caminho do amor sem limites.

Originais, profundas, ousadas, valiosas e também inquietantes e exigentes, resumem intensamente a nova lei; a sua vigência é tão absoluta como o próprio Evangelho e oferecem-nos o único projecto digno de se viver em verdade e em plenitude; daí termos decidido dar ao tema o sub-título **um estilo de ser, viver e pensar**.

### Para preparar os temas

Seria bom que cada membro do casal fizesse uma primeira leitura para compreender o esquema geral e ficar com uma visão de conjunto. Depois, uma segunda leitura atenta, sublinhando e tomando notas.

Com estes elementos e já em casal, responder a todas ou a algumas das perguntas do questionário, sem nunca esquecer que estas são propostas para orientar o diálogo: a troca de ideias sobre o tema deve ajudar-nos a tomar atitudes de vida e não apenas a enriquecer a nossa formação.

Para além do questionário, cada tema engloba uma proposta para a oração em equipa, ponto forte da reunião. Sugere-se que se procure um símbolo para centrar a oração e servir de recordação para o mês. No final, em anexo, há informações sobre alguns símbolos que podem ser utilizados, mas o ideal seria que cada equipa elaborasse os seus próprios.

## **Sugestões para viver as Bem-Aventuranças ao longo do mês**

Cada tema contém no final sugestões para os pontos de esforço que o Movimento nos propõe: dever de se sentar, regra de vida, oração pessoal, conjugal... Não se trata de os cumprir todos e para todas as reuniões.

Ao propormo-nos fazer em equipa o nosso tema de estudo, uma das coisas que vimos claramente foi a unidade ou harmonia que deveria existir em tudo o que fizéssemos. Por isso, pediram-me que, após cada reflexão do tema, se seguisse uma proposta de dever de se sentar, regra de vida, etc. ; é certo que um mês não é tempo suficiente para mudança de atitudes.

### **O Objectivo**

O que pretendemos é, nada mais, nada menos, mergulharmos profundamente na imensa riqueza e nas incalculáveis possibilidades que oferecem as Bem-Aventuranças; elas são a chave para vivermos o Evangelho e as armas para sermos plenamente felizes.

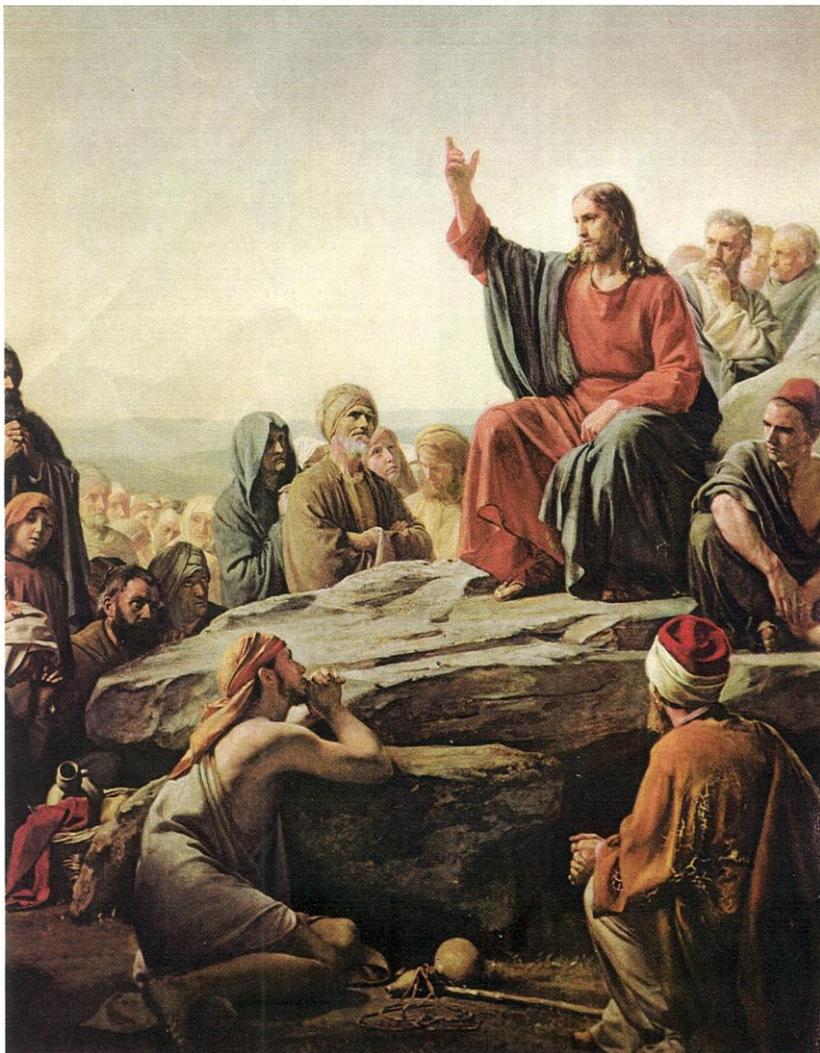
Resta-me pedir do fundo do coração ao Espírito Santo que estas páginas nos ajudem a descobrir a riqueza e o amor que Cristo nos manifestou e nos deixou nas Bem-Aventuranças.

Pedro Fernandez Amo  
*Conselheiro da Equipa da Região da Estremadura (Espanha)*

### **Agradecimento**

Ao tomarmos conhecimento, na reunião da nossa Zona Euráfrica, realizada em Valência, em Julho 2003, que a Supraregião de Espanha iria tratar o Tema das Bem-Aventuranças, tão importante e sempre tão actual, concebido pelo padre Pedro Fernandez Amo, conselheiro espiritual da Região da Estremadura, pedimos imediatamente autorização para o traduzir e pô-lo assim à disposição de todas as equipas que o queiram tratar.

À Supraregião de Espanha, na pessoa do casal Supraregional Maru e Paco Nemésio, e, principalmente ao padre Pedro Fernandez Amo, os agradecimentos da Supraregião de Portugal.



AS BEM-AVENTURANÇAS  
UM ESTILO DE SER, VIVER E PENSAR

Oito caminhos para andar.  
Oito novidades para explorar.  
Oito felicidades para saborear na terra  
e instaurar o reino.  
Oito degraus para ascender ao céu.  
As bem-aventuranças são  
a essência da mensagem messiânica,  
o cume de toda uma vida,  
o sinal do cristão  
e alternativa para o homem.

(Antonio Pavía)

# CAPÍTULO I

## AS BEM-AVENTURANÇAS UM ESTILO DE SER, VIVER E PENSAR

*“Quantas gerações antes da nossa já se comoveram com o Sermão da Montanha! Os primeiros a ouvi-lo levaram gravada nos seus corações a recordação de outro monte: o Monte Sinai... Estas duas montanhas, o Sinai e o Monte das Bem-aventuranças, servem-nos de guia, como se de um mapa se tratasse, da vida cristã e como uma súpula dos nossos deveres para com Deus e com o próximo.*

*A mensagem de Jesus é nova, mas não anula a já existente, antes desenvolve ao máximo as suas potencialidades. Jesus ensina que o caminho do amor conduz a Lei à sua plenitude (cf. Gálatas 5, 14). Ele ensinou esta verdade importantíssima neste monte, aqui na Galileia.*

*“Bem-aventurados!”, diz Ele, “os pobres de espírito, os mansos e misericordiosos, os que choram, os que têm fome e sede de justiça, os pacíficos, os perseguidos! Bem-aventurados!”. Mas estas palavras de Jesus podem parecer estranhas. Parece estranho que Jesus exalte os que o mundo considera fracós. Ele diz-lhes, “Bem-aventurados vós que pareceis que haveis perdido, porque vós sois os verdadeiros vencedores: o Reino dos Céus é vosso!”. Estas palavras ditas por Ele, Que é “manso e humilde de coração” (Mateus 11, 29), constituem um desafio que exige uma profunda e constante “metamorfose” do espírito, uma conversão do coração.*

*Vós compreendereis porque é necessária esta conversão do coração! Porque tendes consciência da outra voz que fala dentro de vós, uma voz contraditória. É uma voz que diz: “Bem-aventurados os soberbos e os violentos, os que prosperam a qualquer preço, os que não têm escrúpulos, os duros de coração, os perdidos, os que instigam à guerra e não à paz, os que atropelam aqueles que se atravessam no seu caminho”. E esta voz parece ter sentido num mundo em que triunfam com frequência os violentos e em que dá a impressão de que os desonestos são bem sucedidos. “Sim”, diz a voz do mal, “estes são os que vencem”. “Bem-aventurados!”*

*Jesus traz-nos uma mensagem muito diferente. Confiar n'Ele significa que quereis acreditar no que diz, por mais estranho que pareça, e que desprezais as seduções do mal, por mais razoáveis e atraentes que possam parecer.*

*Jesus não proclama apenas as Bem-Aventuranças. Ele vive as Bem-aventuranças. Ele é as Bem-aventuranças. Olhando para Ele, vereis o que significa ser pobre de espírito, manso e misericordioso, justo, puro de coração e perseguido.*

*As Bem-aventuranças falam da verdade e da bondade, da graça e da liberdade: de tudo o que é necessário para entrar no Reino de Cristo. Cabe-vos agora ser apóstolos valentes desse Reino! ...*

(Homilia de João Paulo II, no Monte das Bem-aventuranças)

## **1. AS BEM-AVENTURANÇAS, CAMINHO PARA O REINO DE DEUS**

Estamos no início da vida pública de Jesus, no momento em que vai escolher os doze apóstolos para que a Sua obra possa perdurar após a Sua morte. Jesus subiu à montanha para rezar. O monte é, na Bíblia, local de retiro, de proximidade de Deus. No Antigo Testamento, é no cume dos montes que se transmitem quase sempre as grandes decisões de Deus para o Seu povo. Dizem-nos os evangelistas que a decisão de Jesus, ao escolher “os que quis”, veio de Deus.

Quem tenha já tido a oportunidade de subir a uma montanha saberá que no seu cume é diferente o silêncio, a paisagem, a amizade; a solidão está cheia de profundidade..., vê-se a vida de uma forma diferente, Deus torna-se “palpável”. Lá no cimo, a oração dos fiéis brota espontaneamente do mais profundo dos seus íntimos, sente-se renascer a vida do espírito.

A fama de Jesus havia-se espalhado. De toda a parte Lhe levavam doentes para curar. Agora está no centro da cena e dirige-Se a todos.

O problema da felicidade é, possivelmente, o principal que já se nos deparou em todos os tempos e em todos os lugares. O que é a felicidade? Como atingi-la? Sentir-se feliz significa experimentar a verdadeira vida, vivendo-a com intensidade e compromisso; é sentir-se a si próprio, pessoa que ocupa o seu lugar na história e o preenche.

Quando não o conseguimos – o que acontece quase sempre – sentimo-nos frustrados e somos invadidos por um vazio e por uma solidão. Temos a sensação de ter fracassado na vida. Estaremos todos de acordo até aqui? As principais diferenças surgem na busca do caminho para a felicidade. Cada cultura, cada religião, cada idade... tem os seus próprios

critérios para alcançá-la. No entanto, devem ser falsos, pois não é precisamente a felicidade o que abunda sobre a face da terra.

Com as Bem-aventuranças, que sintetizam todo o Sermão da Montanha, Jesus apresenta-nos o Seu caminho para que o homem atinja a sua verdadeira felicidade, a verdadeira vida. É evidente, basta lê-las superficialmente, que não são exactamente o caminho que escolheu a nossa sociedade do ter e do consumo.

Depois da escolha dos Doze, estando reunidos os discípulos, Jesus proclama os verdadeiros valores humanos e cristãos, os únicos que podem encher o coração humano. Os que os acolham e os ponham em prática serão seus discípulos. Os destinatários são todos os homens, ao apresentar-nos ideias de vida que estão em perfeita conexão com as profundas esperanças humanas.

Esta mensagem de Jesus não é fácil de compreender, sobretudo quando o homem vive superficialmente. Se o fosse, estaríamos a dar mostras de sermos cristãos com a nossa vida e não faltaríamos explicações. Porém há coisas muito evidentes e parece que não as vemos.

## **2. AS BEM-AVENTURANÇAS: O TEXTO**

É possível que não saibamos de cor o texto das Bem-aventuranças, como tudo o que nos é excessivamente conhecido – ou conhecido superficialmente – que, por isso mesmo, já não nos diz nada. E das duas uma: ou as Bem-aventuranças não são para este mundo, ou julgam sem piedade a Humanidade que entre todos temos construído.

As Bem-aventuranças aparecem relatadas em S. Mateus (5, 1-12) e S. Lucas (6, 20-23), embora não com o mesmo número. O primeiro transmite-nos um número maior, oito ou nove, conforme consideremos ou não a nona, parte da oitava. S. Lucas, quatro. É possível que Cristo tenha procedido desta forma em várias ocasiões, já que é um excelente recurso pedagógico de pregação popular. Cada uma consta de duas frases relacionadas ao modo hebraico. Na primeira assinala-se uma virtude ou opção; na segunda, o prémio ou promessa correspondente. Têm forte relação umas com as outras, pelo que a recompensa é a mesma em várias delas, conquanto que formuladas com palavras diferentes.

S. Mateus centra o Sermão da Montanha nas exigências do Evangelho, superiores às exigências da lei judaica. S. Mateus quer combater a auto-suficiência religiosa, resultante de pensar-se salvo pelo cumprimento externo da lei. S. Lucas combate a falta de amor, a desigualdade, o egoísmo. Em S. Mateus, as Bem-aventuranças referem-se a disposições do coração; S. Lucas, pelo contrário, fala de uma pobreza real. As Bem-aventuranças de S. Mateus referem-se a todos os homens que praticam a justiça, cristãos ou não; S. Lucas dirige-se aos cristãos.

As Bem-aventuranças referem-se tanto ao interior do homem como às suas relações sociais. Pontualizam as atitudes humanas fundamentais, o caminho para construir o Reino de Deus, o caminho da nova humanidade. São um programa completo de vida: o daqueles que querem verdadeiramente ser seguidores de Jesus.

Para construir o Seu reino, Deus actua nos pobres e puros de coração, nos famintos de justiça, nos perseguidos por serem solidários com o povo.

### 3. A AUDÁCIA DE JESUS CRISTO

O Sermão da Montanha é o discurso inaugural e programático do que será toda a doutrina e pregação de Jesus. As Bem-aventuranças anunciam uma nova era: a do Reino de Deus. Se meditarmos calmamente nas Bem-aventuranças, ocorrer-nos-á pensar como se atreve, assim logo de início, a apresentar umas exigências tão fortes aos seus ouvintes. Só o Senhor absoluto seria capaz de tal. Só Ele Que dá tudo num amor sem limites pode pedir um amor assim. E aqueles homens ouviram-NO até ao fim. E muitos O seguiram e tentaram, pelo menos, viver essa doutrina. E muitos, ao longo dos séculos, foram por esse caminho. E muitos hoje se sentem arrastados por essa “absurda” audácia de Cristo que seguiu em frente.

Jesus Cristo não Se limitou a proclamar as Bem-aventuranças. Viveu-as. Ele é a encarnação de todas elas. Em cada página do Evangelho, na Sua palavra, na Sua vida, nas Suas acções e, sobretudo, na Sua morte, aparece em plenitude cada uma delas.

Muitas vezes se coloca a questão: Até que ponto e em que grau nos obrigam as Bem-aventuranças? Mas esta pergunta não tem sentido: movemo-nos sobre o amor. As Bem-aventuranças são amor sem limite, sem discriminação e sem possíveis restrições. Os Dez Mandamentos, dados por Deus no Sinai a Moisés e ao Povo, são como que a base da moral cristã. Quem não os cumprir, destrói-se. As Bem-aventuranças são como que remover o telhado; é abandonar-se à força do amor. Cristo define-o no final no mandamento novo: *“Amai como Eu vos tenho amado”*. E onde está o limite do amor de Cristo?

As Bem-aventuranças (insistiremos nisto muitas vezes) são uma nova mentalidade, uma forma de conceber a vida e viver a existência num clima de amor total. Quando se chega ao amor total, cessam os preceitos e as obrigações; não porque não tenham de ser cumpridos, mas porque já se cumprem por amor sem necessidade de imposições e muito menos de ameaças.

*“A oitava mensagem, deixada por Cristo em aramaico, exige e permite uma tradução actualizada para os cristãos que hoje percorrem a sua trajectória de vida, pois a variedade de situações sociais que actualmente acontecem num mundo complexo, com as profundas mudanças de vida ocorridas, depois de dois mil anos passados, e mais de trinta gerações, aconselha uma nova semântica que respeite a essência da sua mensagem.*

*Esta actualização, a meu ver, aconselharia a dividir em dois grupos as oito Bem-aventuranças, predominando o carácter negativo das quatro primeiras e o positivo das outras quatro.*

*Expressá-las-ia da seguinte forma:*

- 1ª Bem-aventurados os que se libertam do apego aos bens materiais e são solidários.*
- 2ª Bem-aventurados os que não consideram que a razão está sempre do seu lado e buscam o entendimento com os outros.*
- 3ª Bem-aventurados os que não são insensíveis perante a desgraça dos seus semelhantes.*
- 4ª Bem-aventurados os que não fazem apenas o que lhes traz proveito e submetem a sua actuação às exigências de uma ética que realize a justiça.*
- 5ª Bem-aventurados os que estão de coração aberto aos outros e dispostos a partilhar as suas dores.*
- 6ª Bem-aventurados os que procuram o que há de Deus nos outros e compreendem os seus defeitos.*
- 7ª Bem-aventurados os que compreendem que a convivência exige diálogo e procura de aproximação de posições.*
- 8ª Bem-aventurados os que, por trabalharem pelo interesse colectivo e por melhorarem a situação do seu próximo, só recebem ingratidão e incompreensão.*

*Nas Bem-aventuranças, como palavra revelada de Deus, há uma mensagem que assinala um caminho de aperfeiçoamento e uma trajectória de identificação com os dois mandamentos em que se sintetiza o Evangelho: a procura de Deus acima de todas as coisas e a entrega solidária ao próximo”. (Iñigo Caveró, “**A sede da justiça, uma ética de hoje**”, Planeta Testemunho, pág. 82-84)*

## SUGESTÕES PARA VIVER DURANTE O MÊS

### Para o dever de se sentar

Leiam calmamente o seguinte texto de José Luís Martin Descalzo e depois partilhem as questões que vos sugerimos.

### CAMINHOS PARA APRENDER A SER FELIZ

“Nós, humanos, não nascemos felizes nem infelizes; outrossim, aprendemos a ser uma coisa ou outra, o que, em grande parte, depende das nossas escolhas. Não é certo, como muitos pensam, que a felicidade se possa encontrar como se encontra uma moeda na rua ou que nos possa sair como a lotaria; é, antes, algo que se constrói, pedra por pedra, como uma casa. A felicidade nunca é total neste mundo; no entanto, há razões mais que suficientes de alegria para encher uma vida de utilidade e de entusiasmo e uma das chaves está precisamente em não renunciar nem ignorar as parcelas de felicidade que possuímos pelo facto de pararmos para sonhar e esperar pela felicidade total. Não há receitas para a felicidade porque não há apenas uma, mas, sim, muitas felicidades e cada homem e cada mulher deve construir a sua... Não obstante, há uma série de caminhos que podemos percorrer para lá chegar:

1. Valorizar e reforçar as forças positivas da nossa alma. Descobrir e desfrutar de tudo de bom que temos. Sentir prazer pelo facto de que as nossas mãos se mexem sem que seja possível observar as mãos inertes de um paralítico.
2. Assumir depois serenamente as partes negativas da nossa existência. Não nos fechemos masoquistamente nas nossas dores. Não dar demasiado valor às coisas que nos faltam. Não sofrer por temor de possíveis desgraças que, provavelmente, nunca acontecerão.
3. Viver abertos ao próximo. Pensar que é preferível que nos enganem quatro ou cinco vezes na vida do que passar a vida, desconfiando dos outros. Tratar de compreendê-los e de os aceitar tal como são, diferentes de nós. Mas procurar também em todos mais o que nos une do que o que nos separa. Ceder sempre que não se trate de valores essenciais.
4. Ter um grande ideal, algo em que se centre a nossa existência e para o qual canalizemos o melhor possível as nossas energias. Caminhar incessantemente, embora com alguns retrocessos. Aspirar sempre a mais, mas não a demasiado mais. Dar um passo a cada dia. Não confiar nos golpes da sorte.

5. Crer abertamente no bem. Ter confiança em que no final – e muitas vezes bem no final – o bem tenderá sempre a imperar. Não se angustiar se os outros caminham aparentemente mais depressa por caminhos obscuros. Crer também na lenta eficácia do amor. Saber esperar.
6. No amor, preocupar-se por amar mais do que por ser amados. Estar sempre dispostos a rever as nossas próprias ideias, sem as mudar facilmente.
7. Escolher, se for possível, um trabalho que nos agrade. E, caso seja impossível, tratar de gostar do trabalho que temos, encontrando nele os seus aspectos positivos.
8. Rever constantemente a nossa escala de valores. Cuidar de que o dinheiro não se apodere do nosso coração, pois é um ídolo difícil de arrancar quando já nos fez seus escravos.
9. Descobrir que Deus é alegre, que uma religiosidade que aperta ou estrangula a alma não pode ser a verdadeira, porque Deus ou é o Deus da vida ou é um ídolo.
10. Procurar sorrir com ou sem vontade. Estar certos de que o homem é capaz de ultrapassar muitas dores, muito mais do que ele mesmo imagina”.

De seguida:

A – De todos estes “***caminhos para a felicidade***”

1. Qual é o que se vive com mais intensidade na vossa vida em casal e em família? Como o relacionam com as Bem-aventuranças?
2. Qual deles vos custa mais seguir ou assumir na vossa vida em casal? Porquê?

B – Cada um seleccione um destes caminhos e partilhe-o com o seu cônjuge, explicando-lhe o porquê da escolha e tente relacioná-lo com as Bem-aventuranças.

C – Em jeito de conclusão e quase como uma oração, terminem partilhando como viveu Jesus estes “***caminhos***” e recordando traços da Sua personalidade ou momentos da Sua vida.

## **Para a regra de vida**

Como hei-de ser e que hei-de fazer para ser mais feliz?

## Para a oração pessoal, conjugal e escuta da Palavra

Textos da Sagrada Escritura: Mateus 5, 1-12; Lucas 6, 20-26; Carta aos Filipenses 2, 6-11

Aqui estou Senhor:

quero ser feliz e ter um coração pobre;

quero ser feliz e chorar com os que choram;

quero ser feliz e ter um coração misericordioso;

quero ser feliz e trabalhar para a justiça e para a paz.

Senhor Jesus, Senhor das Bem-aventuranças para o homem,

Senhor do caminho cheio de exigências, de utopia:

abre o meu coração ao impossível, ao inatingível

e dai alento ao meu empenho com o Teu espírito de vida.

Ámen.

## Para a reunião da equipa

### QUESTIONÁRIO:

- O que descobrimos nas Bem-aventuranças? A que damos destaque pela sua novidade e importância?
- Quais os conselhos que nos dá a nossa sociedade? Em que diferem os conceitos das Bem-aventuranças das ideias do mundo para alcançar a felicidade?
- As Bem-aventuranças como atitude vital: Cremos que já se vislumbra algo ou, pelo contrário, ainda estamos longe de o conseguir?
- "Obrigatoriedade" das Bem-aventuranças: Que pensamos a este respeito? O que pensam os crentes que nos rodeiam?

### SÍMBOLO

Deverá ser escolhido na reunião de preparação.

Destina-se a acompanhar a ORAÇÃO e ficará como recordação durante o mês.

## ORAÇÃO

### Prece inicial

Ditoso o homem e a mulher  
que apostam na vida,  
que a protegem, a acarinhos e a desfrutam.  
Ditoso o que ama de coração aberto,  
sem ficar ressentido.  
Ditoso o que goza as flores,  
os rios e os pássaros  
e cuida deles como de coisa própria sua.  
Ditoso o que pensa que começou a ser feliz  
no dia em que tornou ditosa a primeira criança.  
Ditoso o que faz feliz o velho alquebrado,  
o enfermo que sofre as dores, o cego que tropeça.  
Ditoso o que trabalha para abastecer a sua mesa  
e ainda lhe sobra para repartir.  
Ditoso o que ama como sua a pele do negro,  
do cigano, do árabe e do amarelo.  
Ditoso o que canta com o que está alegre  
e chora com o que está triste.  
Ditoso o que sente que Deus o ama  
E, por isso, a felicidade existe.

### Leitura para reflexão: Ap 21, 1-7

*«Vi um céu novo e uma terra nova. Tinham desaparecido o primeiro céu e a primeira terra e o mar já não existia. Vi também descer do Céu, de junto de Deus, a cidade santa, a nova Jerusalém, vestida como uma noiva o faz para o seu esposo. E ouvi uma voz potente, saída do trono, que dizia:*

*“Esta é a tenda de campanha que Deus montou entre os homens. Habitará com eles; eles serão o Seu povo e o próprio Deus estará com eles. Enxugará as lágrimas dos seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem choro, nem dor, porque tudo o que era velho se terá desvanecido”.*

*E disse o que estava sentado no trono: “É aqui que torno novas todas as coisas”.*

*E acrescentou: “Escreve, que estas palavras são dignas de crédito”.*

*Disse-me finalmente: “Está feito! Eu sou o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim. Ao que tiver sede, dar-lhe-ei de beber da fonte da vida. O vencedor receberá esta herança, pois Eu serei o Seu Deus e ele será o Meu filho”».*

## Prece final

Nós Te bendizemos, Senhor, porque ainda há homens e mulheres que escolhem a pobreza, segundo o Evangelho, para serem felizes. Não queremos as pobrezas que humilham, que levam à fome e à marginalidade. Queremos a pobreza que liberta do consumismo, da pobreza provocadora, do sexo e da moda.

Nós Te bendizemos, Senhor, porque há homens e mulheres que não se envergonham das suas lágrimas; que são grito de denúncia de estruturas e sistemas geradores de dor e de opressão. São felizes porque o seu choro e o seu grito são consolo para os que sofrem em silêncio.

Nós Te bendizemos, Senhor, porque há pessoas insatisfeitas com as quotas de justiça já atingidas. Querem menos distância entre ricos e pobres, melhor repartição do dinheiro, de cultura, de saúde, de riqueza disponível. São felizes porque é grande a sua fome e sede de justiça.

Nós Te bendizemos, Senhor, porque ainda restam pessoas de coração sensível, que sentem a dor, a miséria e a fome dos outros; que passam do lamento inútil à busca tenaz de soluções. São felizes curando as feridas de homens e mulheres destroçados pela vida.

Nós Te bendizemos, Senhor, porque há homens e mulheres com alma de criança, com coração de criança, com candura de criança, rectos, simples, transparentes como um lago de inocência, num mundo de mentira, onde impera a cilada e o engano. São ditos porque a verdade querida e desejada é fonte inesgotável de felicidade.

Nós Te bendizemos, Senhor, porque há homens e mulheres que acreditam na paz, que trabalham pela paz, que estão profundamente comprometidos com a paz. Sentem-se felizes desde que ninguém empunhe as armas, desde que parem de fabricar armas para matar.

Nós Te bendizemos, Senhor, porque existem pessoas resistentes, capazes de fazer frente à perseguição e à calúnia. Homens e mulheres que continuam a apostar na justiça, comprometidos com o sentido do Evangelho, quando muitos voltam as costas e coram de vergonha. Continuarão a ser felizes apesar da perseguição, da impertinência e da mentira.



**“Bem-aventurados os pobres em espírito  
porque deles é o reino dos céus”**

“A pobreza é liberdade.  
É uma liberdade pela qual o que possuo  
não me possui a mim,  
o que possuo não me subjuga,  
os meus pertences  
não me impedem de partilhar ou de me dar.”

(Madre Teresa de Calcutá)

## CAPÍTULO II

### PRIMEIRA BEM-AVENTURANÇA

*“Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o reino dos céus.”*

#### INTRODUÇÃO

Ninguém começaria um discurso pragmático declarando ditosos (bem-aventurados) os pobres; para qualquer empresa, a abundância de bens materiais é uma grande vantagem. Se se trata de conseguir adeptos, a exaltação da pobreza afugentá-los-á. Qualquer um pode compreender que Jesus Cristo, com este início, não deveria ir muito longe. Esta forma de começar situa-nos numa mentalidade e numa dinâmica oposta à do mundo. Surge, desde logo, a enorme originalidade do Reino que Cristo quer instaurar, tão contrário ao pensamento dos homens, aos seus objectivos e aos seus planos.

Que reformador mais estranho era aquele profeta galileu! À Sua volta reunia-se um público, composto sobretudo por gente humilde, que esperava que os tempos messiânicos fossem finalmente melhorar as duras condições da sua existência e, em lugar de prometer a felicidade, como era hábito dos tribunos, Jesus, sem nenhuma precaução oratória e como se expressasse uma verdade elementar, começou a ponderar perante os pobres os benefícios da pobreza.

Passados dois mil anos, o mundo continua a surpreender-se igualmente com o enunciado desta primeira Bem-aventurança. Quando o Evangelho ordena o amor e a preocupação com o pobre, todos os espíritos se inclinam: é que aqui se aconselha o amor à pobreza. Então o sentido humano, o bom sentido agita-se. Não convém, pelo contrário, abolir a pobreza ou, pelo menos, diminuir o número de pobres? Os incrédulos olham-nos fundo nos olhos. “Não – dizem-nos – estais a brincar. Bem-aventurados os pobres! Pensais no que dizeis?” E outros acrescentam, com menos cortesia: “Levaremos isso em conta quando os cristãos depreciarem o dinheiro”.

Se, porém, soubessem o mal-estar que essa frase causa aos melhores de entre nós! Porque, inclusivamente, quando julgamos não estar apegados ao dinheiro, o dinheiro continua a subjugar-nos mais ou menos. E como nós estamos certos de que o Evangelho diz a verdade, jamais conseguiremos estar completamente tranquilos.

No entanto, na interpretação desta Bem-aventurança, temos de evitar uma dupla dificuldade: a primeira seria acentuar de tal modo o seu rigor que se torne impraticável para a maioria dos homens, todos eles chamados, de todas as classes, a ser discípulos de Cristo. A outra seria minorizá-la e adoçá-la ao ponto de que não se tornasse em mais do que uma virtude de fachada, hipócrita e ineficaz. Muitos cristãos interrogam-se: Até onde nos vincula esta exortação de Jesus à pobreza? Para compreender bem a doutrina das Bem-aventuranças, temos de retirar de uma vez por todas do nosso vocabulário a expressão “até onde?”. Não nos movemos no campo da legalidade. O Reino de Deus é o reino da liberdade. Jesus deu-nos um único mandamento: Amarás. Pois bem, o amor dá-se espontaneamente, não se obtém por ordem e ignora limites, mesmo quando implica diferentes graus. Ama-se mais ou menos, mas ninguém está dispensado de amar e pode-se sempre amar mais. As Bem-Aventuranças não conhecem outras regras e sem esta chave que empregaremos muitas vezes, seriam incompreensíveis.

Não obstante, convém saber quem são os pobres aos quais Jesus abre as portas do Seu reino em primeiro lugar.

## 1. OS POBRES DA BEM-AVENTURANÇA

Deixando de lado as questões técnicas de tradução, a chave para entender esta Bem-aventurança está no significado que damos a “**espírito**”. E aqui espírito é o espírito humano, caso contrário Mateus diria Espírito Santo. Que significa aqui espírito? Pode parecer-nos claro, mas não o é assim tanto, porque tem por trás a antropologia judaica do Antigo Testamento que se prolonga para o Novo. Para o Antigo Testamento, a interioridade do homem é a sua inteligência, a sua vontade e o seu sentimento.

Inteligência, vontade e sentimento constituem todos a interioridade humana que pode ser: activa ou dinâmica e passiva ou estática. Um acto de vontade é a interioridade dinâmica, ou um acto de intuição, ou um sentimento repentino. Pelo contrário, uma disposição habitual (p. ex: uma pessoa que é amável) é interioridade estática, não dinâmica. Uma convicção que se tem, que pertence ao campo da inteligência, é estática, não é dinâmica, tal como um propósito ou um hábito que se tem toda a vida. Os judeus distinguem muito bem as duas coisas e, à interioridade estática (as convicções, os hábitos, etc.), chamam “coração”, enquanto que à interioridade dinâmica chamam “espírito”. Nas Bem-aventuranças aparecem os dois. Aqui diz-se “**os pobres de espírito**”, adiante dir-se-á “**os puros de coração**”.

Trata-se, pois, de um estado de pobreza que é o resultado de um acto humano. Este espírito nasce da sua interioridade que pode criar um estado de pobreza. Tem de ser um acto de vontade; o conhecimento não cria a realidade: conhece-a, recebe-a. Também não é a vontade que decide o sentimento. Trata-se de um acto de vontade através do qual o homem escolhe o estado de pobreza. Assim, a tradução literal do texto de Mateus seria “*Bem-Aventurados os pobres por decisão*”, ou dito de uma forma mais elegante, “*bem-aventurados os que escolhem ser pobres*”. Esta é a primeira Bem-aventurança, uma opção que nos leva a dizer “*para mim, o dinheiro não é o valor*”, “*o acumular de riquezas não constitui para mim qualquer valor*”, “*não quero acumular bens materiais*”. Compreende-se melhor comparando com o ser rico. O que escolhe ser rico é o que quer acumular e reter para si, o que possui e guarda para si. O pobre tem pouco; porém o pouco que tem não o guarda para si.

Se nos detivermos aqui, pode dar a impressão de que a primeira Bem-aventurança tem uns fortes traços negativos. Pobre significa ter necessidade, não possuir e, portanto, depender de outrem para viver. Mas esses traços negativos têm de ser eliminados porque aqui diz: “*bem-aventurados...*” e, naturalmente, não se pode ser bem-aventurado dessa maneira: Como é possível que Deus chame bem-aventurados aos que são pobres voluntariamente? Porque não se trata de pobres no sentido social da palavra. Um pobre social, um pobre corrente, pode ter um desejo enorme de riqueza e, se não a alcança, é porque não pode, mas o seu ideal é ser rico. Esse não faz parte da bem-aventurança. O das Bem-aventuranças é o que compreende que só mediante esta opção desaparece a injustiça no mundo. Assim temos o que escolhe essa pobreza, esse estado contra o ter muito e guardá-lo para si. Ele tem pouco e está disposto a repartir o pouco que tem. Como pode chamar-se “*bem-aventurado*” a este? “*Porque tem Deus como Rei*”: esta é a razão. Pelo facto de pertencer ao Reino de Deus, de fazer parte da esfera onde Deus mostra o Seu amor, evita as consequências negativas da pobreza. Não há miséria e não há dependência, que são os aspectos negativos da palavra “*pobre*”.

Quando alguém é pobre voluntariamente, podemos afirmar que Deus lhe diz: “*tu és dos Meus, Eu cuido de ti, Eu sou o Teu rei; tu estás no Meu Reino*”; e Deus reina comunicando o Seu Espírito. Por isso, tanto faz dizer “*Deus Rei*” como “*Deus Pai*”. Têm o mesmo significado: aquele que comunica a Sua vida e o Seu amor. Assim, os que fazem parte do Seu Reino ou formam esse Reino estão no ambiente do Espírito de Deus. Forma-se aí uma sociedade nova, um grupo humano novo, onde a relação é a do amor e da entrega, e não haverá nunca miséria nem dependência. Aí se encontra a verdadeira liberdade, a verdadeira alegria, sem as conotações negativas da dependência e da miséria. Onde Deus reina não pode haver miséria, falta de liberdade, que é a dependência dos outros. Por isso Jesus diz “*bem-aventurados...*” É esta a primeira Bem-aventurança. Trata-se de uma opção que tem de se tomar para entrar no Reino de Deus. É esta a porta de entrada. Uma opção de cada um, porque a opção é pessoal e essa opção é contra a riqueza “*como valor*”.

## 2. TRÊS EXPLICAÇÕES DE JESUS

Aprofundemos um pouco mais e vejamos a explicação que Jesus dá da primeira Bem-aventurança. Encontramo-la em Mateus 6, 19ss e diz:

Primeira explicação: *“Não acumuleis tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os corroem e os ladrões arrombam os muros a fim de os roubar”*.

Quer dizer, *“acumulais riquezas como forma de segurança; pois sabeis que a segurança não existe”*. Essa segurança que se procura é uma falsa segurança. Pode falhar. Nem sempre, mas pode falhar. Em vez disso, *“acumulai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os deitam a perder, onde os ladrões não abrem buracos nem roubam”*. A segurança está em Deus. E acrescenta: *“Porque onde tiveres a tua riqueza, terá o teu coração”*.

O nosso coração está onde sente segurança. Se temos segurança na conta-corrente, é quanto nos basta. Se não temos isso, temos liberdade, podemos ter o coração no sítio devido: no grupo cristão (Equipa), no Senhor, porque não há outra segurança para além dessa. O homem define-se pelas suas seguranças e pelos seus objectivos. Se o seu objectivo é acumular dinheiro para obter segurança, está definido. Se o seu objectivo é ficar livre para poder amar, está definido.

Compreenderemos melhor a segunda explicação, se utilizarmos a tradução da Nova Bíblia Espanhola de Luis Alonso Schökel, bom conhecedor do Antigo Testamento: *“A abundância dá o valor à pessoa. Se és desprendido da tua pessoa, tudo bem; pelo contrário, se és avaro, toda a tua pessoa é miserável. E se, por valor, só tens a avareza, que miséria tão grande!”*.

Como se trata de dinheiro, vemos que Jesus contrapõe a generosidade à avareza. E diz: O que é que confere valor a uma pessoa? Ser generoso, ser esplêndido. E, pelo contrário, ser avaro é a miséria de uma pessoa. Continua assim a explicar a primeira Bem-aventurança. Em que consiste ser pobre? Para além de “não ter muito”, é ser generoso, ser esplêndido, ser desprendido, quer dizer, partilhar. Na comunidade nova que queremos fundar, renunciamos a que o valor do dinheiro seja o objectivo da nossa vida, seja o ídolo da nossa vida, o seu valor supremo. Por isso, não podemos ter demasiado dinheiro e, do que tivermos, temos que estar desprendidos, dispostos a ajudar. Por tal forma que: primeiro, uma vida modesta e segundo, uma disposição a partilhar. São estes os traços dessa pobreza pela qual se opta na primeira Bem-Aventurança.

*“Ninguém serve a dois senhores. Porque irá indispor um e agradar ao outro, apegar-se-á a um e desprezará o outro. Não se pode servir a Deus e ao dinheiro”*.

Esta terceira explicação vai ao fundo da questão. Não se pode ter dois amos, dois senhores. A antiga idolatria de escolher os falsos deuses concretizou-se, à luz do Evangelho, no dinheiro: esse falso deus que exige a homenagem da Humanidade inteira, que tiraniza a Humanidade toda. Há que renunciar ao falso deus para ser fiel ao único Deus verdadeiro.

Com isto explica Jesus o que é ser pobre. É optar pelo que agora chamaríamos um nível de vida modesto. E dentro do que cada um tem, ser desprendido, estar disposto a ajudar. É o partilhar próprio da comunidade cristã. E esta opção significa ser fiel ao único Deus verdadeiro.

### 3. TER DEUS POR REI

Depois Jesus explica a segunda parte da Bem-aventurança: “ter Deus por Rei”, que é o que dá sentido à Bem-aventurança. É ditoso porque tem Deus por Rei, porque se alguém simplesmente optasse por não ter nada, não poderia ser ditoso já que ficaria numa situação de inferioridade, de miséria e de dependência. É importante descobrir que nunca se fala a nível individual, mas sim a nível comunitário. Todas as Bem-aventuranças estão no plural. Quer dizer, Jesus aconselha as pessoas escolhidas; fala com todos os cristãos, a sua futura comunidade. Portanto, estes ideais podem viver-se em grupo, não individualmente, pois uma pessoa pode dizer: “eu vou ter pouco, mas, se um dia me vem a fazer falta, o que faço?” Claro! Se não está apoiado numa comunidade, morre de fome. Por isso, fala-se sempre no plural. É por isso que lhes diz: *“não vos inquieteis quanto à vossa vida, com o que haveis de comer ou de beber; nem quanto ao vosso corpo com o que haveis de vestir. Porventura não é o corpo mais do que o vestido e a vida mais do que o alimento?”* Deus deu-nos a vida, deu-nos o corpo. Pois se nos deu o mais, também nos dará o menos. Não pode negar-nos o necessário à vida. Está numa linguagem preciosa, uma linguagem que coloca dois exemplos: Deus cuida dos pássaros e das flores. Se com eles, que valem tão pouco, Deus tem tanto cuidado, o que fará connosco? *“Olhai as aves do céu: nem semeiam, nem recolhem em celeiros; no entanto, o Pai Celeste alimenta-as. Não valeis vós mais do que elas? E qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à duração da sua vida?”*

A angústia de nada serve. A preocupação nada mais faz do que ocupar a cabeça e não resolve absolutamente nada. *“E porque vos preocupais com o vestuário? Olhai como crescem os lírios do campo, não trabalham nem fiam. E digo-vos: Nem Salomão, em toda a sua magnificência, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, homens de pouca fé?”*

A promessa está clara. É o mesmo que “ditosos os pobres”, o que parece uma contradição, mas não o é, já vimos porquê; agora diz que, nesta comunidade, neste grupo onde está presente o amor do Pai, que se traduz no amor de uns pelos outros, não há porque se preocupar porque nunca irá faltar nada.

*“Não vos preocupeis dizendo: Que comeremos nós, que beberemos ou que vestiremos? Os pagãos, esses sim, afadigam-se com tais coisas”.* Esses têm de andar sempre preocupados com o futuro, os que não conhecem o amor de Deus, os que não têm essa experiência.

A experiência do amor de Deus é dupla: interior e exterior. A exterior valida a interior. Uma pessoa pode estar cheia desse sentimento do amor que Deus nos tem, o que é ótimo, mas pode tratar-se de uma ilusão na qual crê. Até ver que isso é realidade cá fora, que há gente que verdadeiramente ama, que há outros que se dedicam a amar-me assim, não poderei estar certo de que não era uma ilusão. Até que se traduza em actos, toda a experiência interna pode ser ilusória. Por isso, o único teste é a mudança de atitude. A praxis é o que valida a experiência interna. Embora não a suplante, pois não podemos chegar a uma praxis autêntica e profunda se antes não houver uma experiência. A experiência é absolutamente necessária. Há que ter a experiência do amor de Deus, do amor do Pai, do amor do Senhor, do Espírito e, a partir de então, – e isso sim, é autêntico – traduzir-se na prática, já que é um impulso do Espírito, a comunicação da força, da vida e do amor de Deus. Se não se traduz, a experiência é falsa, é uma ilusão que não serve para nada. Isto ocorre muitas vezes. Por isso aqui trata-se desse amor do Pai, que se sente através de todos, que sentimos cá dentro, mas que se vê que é verdade porque o sentimos fora; porque há pessoas que estão dispostas a dar-se e a entregar-se aos outros.

Assim explica Jesus a primeira Bem-aventurança. Ser pobres quer dizer: 1) não acumular dinheiro; 2) partilhar, ser generoso e ter disposição para ajudar; 3) ser fiel a Deus. Essa é a realidade do Reino de Deus entre nós. Ele sabe tudo o que nós necessitamos. Quando trabalhamos realmente na obra do Pai, procurando o bem-estar das pessoas, que as pessoas se sintam seres humanos, que sejam felizes, que se acabe com a injustiça, a opressão e tudo o que mutila o homem, então não nos preocupemos: se soubermos entregar-nos não haverá dificuldade para ninguém; estaremos a fazer vida: *“Felizes os que escolhem a pobreza, porque desses é o Reino dos Céus”.*

## SUGESTÕES PARA VIVER A BEM-AVENTURANÇA AO LONGO DO MÊS

### **Para o dever de se sentar**

Podem começar este dever de se sentar sobre a pobreza/austeridade com o seguinte texto. Após a leitura, guardar um momento de silêncio para que cada um reflecta no que mais lhe tenha tocado e, em seguida, dialogar como vivem em casal e em família a partir das afirmações sugeridas sobre a felicidade e as questões sobre a austeridade.

*Pesam demasiado as moedas  
no bolso, mas, sobretudo, no coração.  
Agarro-me a elas como segurança definitiva.  
Apoio-me nesses direitos que a vaidade me insinua  
e o orgulho me impõe.  
Agarro-me à cobiça do privilégio e do consumo.  
São apenas moedas,  
mas convertem-se no meu guarda-costas,  
quase como uma essência que me acompanha, me define,  
me protege e abre as portas a novas relações.  
Pesam demasiado as moedas no coração,  
enche-o, transborda-o,  
não lhe deixa nem um vislumbre de desejo de Deus,  
nem um resquício para o encontro a nu,  
nem um poro para o amor desinteressado.  
Pesam demais as moedas,  
as riquezas pequenas, mas escravizantes,  
essas coisinhas que idolatro.  
Chamas-me a ser pobre.  
A pobreza de não ter, de não açambarcar.  
Mas, sobretudo, a pobreza de não ser:  
de não ser, se Tu não és o meu todo,  
de não ser, porque já recebi tudo,  
de não ser, porque, completamente vazio, Tu enches-me totalmente.  
Estou rodeado de riqueza, que tenta e agarra,  
que me satura e me consome  
...e à que digo “âmen”.  
Rodeado estou também da pobreza,  
mas esta escapa-me ,  
não entra nos meus cálculos nem nas minhas medidas.  
E continua a crescer por onde calha,  
como uma avalanche quase irresistível.  
Estou rodeado de pobreza,  
mas de pobreza dos outros,  
de pobreza alheia  
e – ao dar-me conta –  
apenas asseguro e volto a contar as minhas moedas,  
apenas me consolo fazendo uma oração...  
ou soltando umas moedas.*

(José Fernandez-Peniagua)

## Para responder em casal sobre a pobreza e a austeridade

A pobreza faz-nos felizes?

Se ser felizes é ser autênticos, a pobreza situa-nos na nossa realidade, sem artificios.

Se ser felizes é encontrar uma razão para viver, a pobreza demonstra-nos que, para os vazios de aparência, a vida não é autêntica.

Se ser felizes, para os cristãos, é estar unidos a Deus, a pobreza faz-nos gozar a dita de estar cheios de Deus, que nada mais ocupa o Seu lugar, que nenhuma outra riqueza é mais importante que Deus.

Se ser felizes é sentirmo-nos livres, a pobreza liberta de todas as amarras, de toda a escravatura.

Se ser felizes é amar, a pobreza faz-nos amarmo-nos e amar os outros pelo que são e como são, sem necessidade de máscaras que possam converter o amor em interesse ou vaidade.

Se ser feliz é fazer um mundo feliz, a pobreza pede-nos solidariedade, pois afugenta o esbanjamento e o açambarcamento.

Se ser felizes é simplesmente estar alegres, a pobreza facilita essa alegria que nasce do coração e não das drogas ou da preguiça, e prende-nos à alegria total, não à alegria momentânea.

A austeridade dá um “estilo” à nossa vida de casal? E à nossa vida familiar?

Creemos que, em matéria de consumo, nos deixamos arrastar pela corrente dominante?

Sabemos dizer “não, obrigado” aos contravalores que nos apresenta a sociedade e que nos querem aprisionar?

Temos a coragem suficiente de tomar decisões que vão contra a corrente? Pensem no fenómeno das modas.

Como exercemos concretamente a austeridade em casal? E na nossa família?

Podem terminar este dever de se sentar recitando juntos e pausadamente o Magnificat.

## Para a regra de vida

Fazer uma lista de dez coisas que considerem supérfluas para a vossa vida. Analisem uma ou duas em profundidade. Considerá-las supérfluas deveria obrigar-vos a desprender-se delas.

Informem-se e tomem contacto com as obras assistenciais que existam na vossa paróquia. Trata-se de ver como a comunidade cristã se interessa pelos mais necessitados.

Tratem de definir o que deve ser o estilo de vida de um cristão que realmente se solidariza com a causa dos pobres e vive em conformidade.

## Para a oração pessoal, conjugal e escuta da Palavra

Peguem no salmo 146. (Pode ser tema permanente de oração). Nele se descreve como é Deus. Saboreiem-no calmamente. Podem rezá-lo, sublinhando cada uma das palavras ou frases que mais vos toquem.

Leiam Lc 1, 46-56, o canto do Magnificat. Nele Maria louva a Deus. Penetrem nos mesmos sentimentos de Maria que esteve muito próxima do mistério de Deus.

Deixem que as seguintes perguntas trabalhem no vosso íntimo: Procuramos Deus? Tentamos descobrir como é? Que gosto tem? A quem prefere?

A revelação do Deus dos pobres é boa notícia para nós ou custa-nos a aceitá-la por qualquer razão? Encontramos à nossa volta resistências para acolher o Deus dos pobres?

Durante este mês também vos pode ajudar recitar a seguinte oração:

*Pai do Céu e da terra,  
Que me entregas a felicidade na pobreza,  
ajuda o meu trabalho infrutífero de me despojar,  
o meu trabalho sempre fraco de me encher  
de falsas riquezas, de riquezas pobres.  
Pai generoso,  
Que expropriaste o Teu amado Filho, fazendo-O entregar-Se totalmente,  
põe no meu coração saturado  
esses mesmos sentimentos de despojo  
que levaram o Teu Filho a amar-nos sem reservas.*

*Sabes quais são as minhas aspirações, corrige-as.  
Sabes que és o meu desejo ardente  
pelo qual luto com veemência,  
dá-me fome de Ti.  
Já conheces o dinheiro que me apanha,  
que me faz buscar a felicidade no consumismo,  
lava, com uma gota da Tua graça  
a absurda estratégia do meu coração obstinado pelas riquezas fáceis.  
Compreendes os meus interesses humanos,  
sofres com os meus egoísmos e avarezas,  
converte-me à pobreza do meu irmão...  
Pai de amor transbordante,  
ajuda-me a ser pobre,  
como é Teu desejo,  
para ser bem-aventurado.*

(José Fernandez-Paniagua)

## **Para a reunião da equipa**

### QUESTIONÁRIO:

- Em que medida é que as estatísticas de pobreza abalam a nossa consciência de cristãos?
- Que valor damos à pobreza evangélica na nossa vida pessoal, conjugal, de equipa? Que formas deve adoptar hoje a nossa pobreza para se tornar credível?
- Tem sentido no mundo actual uma opção radical pela pobreza? E se se toma esta opção, qual o objectivo?
- Qual a relação entre a opção pelos pobres e o Evangelho?
- Procuramos formas concretas de traduzir a opção pela pobreza e pelos pobres na vida pessoal e conjugal? O que poderíamos fazer em equipa?

### SÍMBOLO

A ser escolhido pela equipa

## ORAÇÃO

### Prece inicial

Senhor, perante a oferta tentadora do dinheiro fácil,  
do ter como primeira preocupação de vida,  
dá-nos clarividência para descobrir  
os valores do Reino.

Os valores que duram e resistem à ferrugem  
e ao desgaste do tempo inexorável  
e não se desvalorizam como moeda fugaz  
que não resiste mais do que a flor de um dia.

Dá-nos, Senhor, sabedoria  
para optar pela pobreza,  
livre e voluntariamente escolhida,  
pelos valores do Reino,  
que, à semelhança da Tua palavra, nunca passam,  
mesmo que a terra se desfaça  
e os céus se derrubem.

Mantém o nosso ouvido atento à Tua palavra:  
“Vende o que tens, dá-o aos pobres, vem e segue-Me”.

Que o nosso afã de cada dia seja ser pobres  
e estar com os pobres no Reino.

O resto sabemos que nos darás por acrescento.

(Antonio Danoz)

### Leitura para reflexão: 2 Cor 8, 7-12; 15

*“Portanto, já que sobressaís em tudo – na fé, na eloquência, na ciência, em toda a espécie de solicitude e no amor que vos comunicámos – deveis também sobressair nesta obra de caridade.*

*Não o digo como quem manda; se falo da solicitude dos outros é só para pôr à prova a sinceridade da vossa caridade. Conheceis a bondade do nosso Senhor Jesus Cristo, o Qual, sendo rico, Se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer pela pobreza. Apenas vos dou um parecer acerca disto. Tanto mais que é o que vos convém a vós que, desde o ano passado, fostes os primeiros, não só a empreender esta obra, mas até a sugerir a ideia.*

*Agora, acabai a obra para que, assim como a vontade está presente para querer, assim também esteja para cumprir, seguindo os vossos meios. Porque, se há prontidão de vontade, esta é aceite em atenção ao que se tiver e não ao que se não tem.*

*A quem tinha muito não sobejou, e a quem tinha pouco não escasseou.”*

## Prece final

Senhor, há homens e mulheres  
que são felizes por serem pobres e assim o escolheram.  
Acreditaram que Tu eras a sua riqueza  
e a pobreza o seu tesouro,  
por isso puseram em Ti o coração.  
Sabem-se débeis, pequenos  
aos olhos dos poderosos e dos ricos,  
mas sentem-se fortes com a Tua força,  
seguros nas Tuas mãos onipotentes.  
Tu cuidas para que não lhes falte o pão de cada dia,  
o amor de cada hora, o calor de um coração, o Teu,  
Que apenas sabe amar sem limites nem fronteiras.  
Viste a sua nudez com ternura,  
como viste a formosura da azinheira do bosque,  
a dos lírios do campo.  
Deixaram de lado as suas preocupações  
com o que comerão e vestirão amanhã  
e entregaram-se a construir o Reino  
como tarefa única.  
Amar o que tem falta de carinho,  
a servir o indigente,  
a entregar a sua vida e o seu tempo  
ao que nada tem e nada vale  
na cotação dos mercados  
da sociedade de consumo.  
O que tem cotação na sua bolsa de valores  
é o amor, a justiça, a paz, a pessoa,  
sem olhar a cor da pele  
nem o bilhete de identidade.  
E Tu, o Deus dos pobres,  
Que és o pão e o vinho da sua festa,  
convida-nos para o Teu banquete,  
dá-nos um lugar nessa mesa.



**“Bem-aventurados os mansos  
porque possuirão a terra”**

A terra, o reino de Deus, serão definitivamente dos não violentos, dos que aguentam o esticão e não trocam violência por violência.

Há quem sinta prazer na violência activa, visionada, assumida, praticada.

O seguidor de Jesus põe a sua felicidade na **não-violência** proclamada, assumida, professada.

## CAPÍTULO III

### SEGUNDA BEM-AVENTURANÇA

*“Bem-aventurados os mansos,  
porque possuirão a terra”*

#### INTRODUÇÃO

Aqui temo-los chamado “*não violentos*”, mas várias traduções da Bíblia oferecem-nos denominações diferentes ao referir-se aos ditosos desta bem-aventurança: “ditosos os mansos”, “os corteses, afáveis, acolhedores...”, “os de bom coração”, “os submissos, os sofredores”, etc.

De qualquer modo, parece que a atitude que está sempre por trás é a “mansidão”. Uma atitude citada unicamente por Mateus e que, na verdade, não está na moda nos tempos que correm. Ou, por acaso, não a confundimos hoje com o abatimento, a falta de vontade de triunfar, a inércia e até como camuflagem da debilidade e cobardia?

Contudo, o certo é que Jesus não só declara ditosas estas pessoas como lhes promete o domínio da terra inteira.

Vejamos... Quem são os “mansos”?

Não é a mesma coisa dizer “*bem-aventurados os mansos*” e “*bem-aventurados os cobardes*”. Cobarde é o que gostaria de se revoltar, que gostaria de responder, mas não pode, porque lhe é impossível ou porque as consequências são piores. É o mesmo que dizíamos a respeito da pobreza: uma coisa é ser pobre por amor ao Evangelho, que é a fonte da vida, e outra é sê-lo por impotência; neste caso, o homem gostaria de ser rico, mas o que o é pelo Evangelho conforma-se com o que tem, com o que Deus lhe concede. Mansidão também não é o mesmo que debilida-

de. Nenhum manso é débil. Se o fosse deixaria de ser manso. Seria um robot: um simples mecanismo programado para não sentir, não reagir, não gozar nem sofrer. Para o verdadeiro manso (o que não deposita as suas esperanças unicamente no breve percurso por este mundo) pode ser um acto de cobardia o facto de não reagir, quando a injustiça ou os ataques mal intencionados dos seus semelhantes se dispõem a destruí-lo; fugir e deixar de lado os problemas poderia equivaler, chegado o momento, a um acto de indolência muito próximo da preguiça. Portanto, não confundamos mansidão com cobardia ou debilidade.

A palavra grega que se traduz por “mansidão” aplica-se aos possuidores de várias qualidades, que vão da simplicidade ao sofrimento. Em todo o caso, os “mansos” não são os brandos nem os amorfos. A mansidão evangélica implica firmeza de carácter; não se trata de um determinado temperamento, de uma disposição natural feita de indiferença ou de apatia, nem tão pouco do costume de se render perante as razões ou as pretensões alheias para evitar incidentes. A mansidão é uma virtude e, portanto, um acto de fortaleza. Não nos equivoquemos sobre a sua exterioridade tranquila e, por vezes, sorridente, pois não se consegue mais do que severidade para consigo mesmo.

Num mundo em que a força tem a última palavra, o Evangelho não anuncia ingenuamente a supremacia da debilidade, mas ensina-nos onde reside a força. A força, segura de si mesma, não tem de mostrar-se brutal: essa força, intransigente e serena, que acaba por triunfar sobre todas as violências, é o domínio de si próprio. Assim como os pobres, segundo o Evangelho, são os verdadeiros ricos, os mansos são os verdadeiros fortes.

São demasiados os que passam pelo cristianismo sem suspeitar que é uma escola de energia. No entanto, Jesus, Que jamais fez o Seu auto-elogio, considerou oportuno dizer aos que convidava a receber as Suas lições: “*Eu sou manso e humilde*” (Mt 11, 29). Talvez tenha feito esta confidência porque as virtudes da humildade e mansidão têm pouca cotação na bolsa dos valores humanos. Mas vejamos de perto a mansidão de Jesus: paciente no que respeita à lentidão mental dos seus discípulos, acolhedor de todas as misérias, não vacila ao espancar os vendedores que profanam a santidade do templo, nem ao encarar os potentados que oprimem os humildes. Nas trágicas horas da Sua Paixão, o beijo de Judas só lhe inspira piedade para com o crime do traidor, mas, de imediato, ouvimo-Lo declarar altivamente ao governador que, com uma só palavra, O pode condenar ou livrar da morte: “*Não terias qualquer poder sobre Mim, se não te tivesse sido dado do alto*” (Jo 19, 11).

A mansidão e a humildade, que são inseparáveis, são os indícios menos enganosos da fortaleza de carácter e da posse do próprio ser: são a condição da acção reflexiva, ardente e perseverante.

## 1. O DOM DA MANSIDÃO

Um texto que nos convida à mansidão é o que lemos em Mateus 5, 38: “Ouvistes o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’. Eu digo-vos: Não oponhais resistência ao mau; se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra”.

Pode dar-nos a impressão, quando lemos esta passagem de S. Mateus, que apenas temos de a cumprir. Talvez até a primeira coisa que pensemos seja: “*Que pouca sorte!*”, quando lemos as palavras do Antigo Testamento que dizem: “*Esmaga os teus inimigos; atira-os contra as pedras...*”. Que vida daremos a alguém se a nossa fonte está seca? “*Se conhecesses o dom de Deus e Quem é Aquele que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que Lhe terias pedido e Ele dar-te-ia uma água viva*” (Jo 4,10).

Como somos suficientemente inteligentes para saber que tal é impossível para nós, e que não aguentamos, pensamos: “*Bom, Deus chamou alguns em especial, como S. Francisco ou Santa Teresa, para o fazer; evidentemente, eu sou feito de outro material...*”

Até que chega o dia em que compreendemos que isto é um dom de Deus, que a mansidão nos faz bem e que desse modo conheceremos a Deus. Já vai sendo altura de pensarmos que não há nada que provar no nosso amor a Deus e que já temos suficientes números vermelhos na nossa vida para tentar demonstrar algo. Somos adolescentes, todavia, quando queremos observar o Evangelho sob o prisma moral ou exemplar.

“*Pois eu digo-vos: não oponhais resistência ao mal*”. Esta palavra cumpre-se n’Aquele Que se fez pecado por nós, Que assumiu as nossas culpas. “*Aquele que não havia conhecido pecado, Deus O fez pecado por nós para que nos tornássemos n’Ele justiça de Deus*” (2Cor 5,21). Já Isaías fala do servo de Javé. A palavra hebraica “servo” é, para o povo de Israel, sinónimo de “cordeiro”. Como diz S. Paulo, Deus destruiu o mal em Jesus Cristo. O mal do mundo, de todos os homens, absorveu-o nas Suas entranhas como uma esponja. Diz Isaías: “*Foi maltratado e resignou-Se, não abriu a boca, como cordeiro levado ao mata-douro, como ovelha emudecida nas mãos do tosquiador*” (Is 53,7).

Pelo nosso mal podemos compreender as pessoas que nos ofendem e aquelas que nós ofendemos. Talvez nos ajude pensar naqueles que dizemos que nos fizeram mal e no manso como aquele que retribui o bem, que não oferece resistência ao mau.

## 2. UM CONVITE À ESPERANÇA

“*Bem-aventurados os mansos*” é uma catequese sobre a esperança. Não se trata de assumir um ar compungido. Não façamos disto algo de “*emocional*”; não nos fiquemos pelos efeitos especiais da emoção, lágrimas ou coisas parecidas, porque então tê-la-íamos perdido. Compreendamos bem: não procuremos a exaltação, porque nos afasta do Evangelho.

Pode-se pensar que só, rezando, se salva o mundo. Mas o mundo salva-se não oferecendo resistência ao mal e, para tal, é necessária a intervenção do Espírito Santo.

Se lermos o canto do servo de Javé *“Olhai, o meu servo terá êxito, crescerá, elevar-se-á, será exaltado. Assim como, ao vê-lo, muitos ficaram pasmados – tão desfigurado estava o seu rosto que não parecia de homem – assim o admirarão muitos povos; os reis permanecerão mudos diante dele, porque verão o que nunca lhes tinha sido contado e observarão um prodígio inaudito. (...) Ser-lhe-á dada uma multidão como parte, porque ele próprio entregou a sua vida à morte e foi contado entre os pecadores, tomando sobre si os pecados de muitos e intercedeu pelos culpados”* (Is 52,13-15;53,12) e nos ficarmos pelas lágrimas, pela reparação do pobre Jesus e Lhe fizemos um monumento, perdemos lamentavelmente tempo. Nem reparação nem desagravo; não é por aí. Apenas temos de dizer: “Senhor, abre-me os olhos, que todavia nada compreendi; abre-mos para descobrir que aqui, e em mais lado algum, está a fonte de vida”. E depois, se queremos chorar os pecados, choremo-los, que também é um dom de Deus; mas se não passarmos das lágrimas, não vale de nada emocionarmo-nos. Deus vai além das nossas emoções tontas. O importante é que Deus nos abra a inteligência para que compreendamos que Jesus Cristo pôde contemplar o Pai e submeteu-se ao mal para que o mundo soubesse que o amava. *“Bem-aventurados os mansos”* pede a Deus sabedoria, pede-Lhe que nos abra os olhos. Se não sabemos que aqui está a fonte de vida, só podemos gritar, chorar a sós com o Senhor. Gritar, pedir aos gritos até que compreendamos que isto não é exterior ao homem, mas que nasce do mais fundo do seu ser, e que trememos na Sua presença, perante a Palavra. Peçamos que nos faça compreender que, diante do Evangelho, estamos diante de Deus.

E peçamos também a pregação do Evangelho porque temos sido inocentes, tal como os santos, a quem, partindo da necessidade, Deus foi dando progressivamente a sabedoria. Portanto, que ninguém desanime; o importante é que procuremos, pelo menos, na fonte de vida a palavra eterna de Deus, manifestada ao mundo inteiro, como diz o Vaticano II, no santo Evangelho que é, acima de todas, a Palavra de Deus.

Se compreendermos isto, estaremos a acariciar o rosto de Deus, estaremos a ver a Sua imagem.

### **3. FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A TUA PALAVRA**

E Jesus continua: *“Eu digo-vos: Não oponhais resistência ao mau; se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. E se alguém quiser pleitear contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a caminhar durante uma milha, acompanha-o durante duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas a quem te pedir emprestado”* (Mt 5, 39-42).

Não resistamos ao mau porque, quanto menos o fizermos, mais aprenderemos a comer da mão de Deus. Teremos sempre milhares de ocasiões para ver a quantidade de pessoas que nos fazem mal e procuraremos mil razões para não devolver bem ao mal; para além disso, seremos tentados a acreditar que, se o fizermos, a outra pessoa julgará que somos uns fracos. E com estes argumentos tão evidentes, convencemo-nos. Não ofereçamos resistência e sigamos os passos do Cordeiro (Cristo), daquele que não resistiu ao mal.

Perante isto, poderíamos questionar-nos se nos temos preocupado com a nossa dignidade diante de Deus, quer dizer, se Deus nos vê como filhos ou como servos; talvez estejamos a comer com os porcos como o filho pródigo que, caindo em si, disse: *“Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância e eu, aqui, morro de fome! Levantar-me-ei e irei ter com o meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e contra Ti...”* (Lc 15, 17-18).

O manso, por excelência, é Jesus Cristo, o cordeiro que diz: *“Eu nunca estou só porque estou com o Pai e faço o que agrada ao Pai. Ninguém Me tira a vida e Eu dou-a voluntariamente”*. É Aquele que, quando chegam os Apóstolos e está com a samaritana e Lhe dizem que coma, responde: *“Tenho um alimento que não conheceis”*, o alimento de fazer a vontade ao Pai. O manso Jesus nos ensina a viver afectiva e efectivamente pela mão do Pai, e diz-nos: *“Vós sois os que agora envio ao mundo”*, missão insubstituível como a que recebeu Maria. Então, digamos apenas: *“Eis-me, aqui estou”*... Aqui estou, animado diante de Deus; que o Seu poder venha sobre mim e se faça, segundo a Sua palavra. Não prometo nada; para que se faça, segundo a Sua palavra só falta uma coisa: acreditar que a vida que procuramos está no Evangelho.

Tal como Maria: *“Faça-se em mim, segundo a Vossa palavra”*. E tal como ela, que não compreendeu nada, mas seguiu passo a passo e terminou, por assim dizer, fazendo-se pecado aos pés da Cruz. Sem compreender, porque o menino que trazia nos braços era exactamente igual aos outros, fazia as mesmas coisas, nem mais nem menos. Isto é muito duro para uma mulher que disse: *“Faça-se em mim”*. O realmente importante de Maria foi, desde que disse *“Eis aqui a escrava do Senhor”*, ter acreditado em Deus. Se é claro para nós que a fonte da nossa vida é o Evangelho, incapazes de agir como Maria, apenas podemos dizer: *“Senhor, faça-se em mim, segundo o Teu Evangelho”*; então, nesse momento, já teremos rebentado as cadeias que nos haviam posto ao pescoço.

#### 4. POSSUIR A TERRA

Possuirão a terra e lutarão por ela, como temos lutado tanto na nossa vida por outras coisas. Jesus termina a parábola do juiz injusto, dizendo: *“E Deus não fará justiça aos Seus eleitos que a Ele clamam dia e noite e fá-los-á esperar?”* (Lc 18,7). Eleito é o que procura Deus. É este o significado desta frase e não outro, porque, às vezes, pensamos que Deus escolhe uns e outros não. Mas Deus não deixa ninguém de fora, não nos enganemos, não é uma questão de sorte. O eleito é o que procura Deus.

O que procura Deus encontra no Evangelho a medida dos seus desejos. Ao que, a partir da insatisfação da vida, procura a verdade, Deus estende a mão. Essa é a grande verdade do homem. Essa e não outra. Quem busca pode fazê-lo aparatosamente, mas, pouco a pouco, ante a sede de verdade chega o momento em que o Evangelho lhe cai como um manto; dá-se conta de que a descoberta do Evangelho foi o melhor que lhe poderia ter acontecido na vida, algo a que não se pode comparar nem todo o ouro do mundo.

“*Bem-aventurados os mansos*”. Assim se expressa o bondoso Mestre que, pregando o Reino de Deus, disse também aos Seus discípulos: “*Aprendei comigo que sou manso e humilde de coração*”. É manso aquele que vive em Deus. Não se trata de cobardia, mas do autêntico valor espiritual de quem sabe enfrentar o mundo hostil não com ira nem violência, mas com bondade e amabilidade; vencendo o mal com o bem, procurando o que une e não o que divide, o positivo e não o negativo, para “possuir a terra” e nela construir a “civilização do amor”. Eis aqui uma tarefa entusiasmante para todos.

## SUGESTÕES PARA VIVER A BEM-AVENTURANÇA AO LONGO DO MÊS

### Para o dever de se sentar

São muitos os temas que se poderiam escolher para um dever de se sentar ao estudar esta Bem-aventurança: paciência, simplicidade, esperança, tolerância, etc. Tocar-se-á de alguma maneira qualquer deles, já que todos são igualmente importantes na vida familiar e em casal. Uma forma possível de começar seria ler juntos o seguinte texto e fazer juntos uma breve invocação do Espírito Santo.

*Ser simples  
é regressar às fontes da festa permanente,  
reconquistar a espontaneidade perdida...  
É simples  
aquele que vive normalmente a nível de plena intimidade  
e o oferece com delicadeza  
como aquele que nada faz.  
Não se é simples de uma vez para sempre:  
é um processo que nunca termina.  
Pondo o eu à frente do tu,  
a simplicidade tornar-se-á impossível.  
O simples não é  
quem problematiza mais a existência  
mas sim quem sabe encontrar  
para cada problema a sua solução  
e, normalmente, a mais simples.*

*Quem quiser ser simples  
não dê ouvidos à maldade  
e comece por pensar bem de toda a gente;  
não ponha em jogo os mecanismos obscuros  
de aspirar a ser poderoso;  
comece a semear confiança  
e simpatia à sua volta.  
Os simples são aqueles a quem a vida sorri  
porque sabem sorrir à vida.  
Simples é aquele de quem se sente falta quando não está  
porque deixa um vazio.  
Ser simples  
é apostar forte na bondade e no respeito,  
no bem que se pode fazer e está ao alcance.  
Ser simples quer dizer não pactuar com fraudes  
não esconder nada na manga,  
fazer com que as palavras saiam do íntimo.  
Ser simples  
é saber ganhar com a mesma atitude  
com que se sabe perder.  
É simples  
quem sabe equilibrar a capacidade de aceitação  
com a capacidade de espera.  
O simples  
sabe desfrutar do gosto natural e próprio  
que tem cada coisa e cada pessoa.  
Sabe viver o presente com tranquilidade.*

*(Jaume Borrás)*

### **Para questionar-se em casal**

- Calar-se antes de proferir uma palavra dura e esperar para dizer as coisas num momento mais propício e com serenidade.
- Controlo os meus impulsos de personalidade e conto até dez ou até cem antes de reagir bruscamente?
- Passar despercebido e servir os outros sem dar nas vistas.
- Os vossos filhos podem ver em vós modelos de pessoas simples? Porquê?
- Que proposta concreta pensais que teríeis de levar a cabo para potenciar o valor da simplicidade em casal, na vossa família, na equipa?
- Falai de como tendes sido um para o outro e em conjunto para com os filhos, “sementes de esperança”.

- Pensa se és tolerante contigo próprio(a). Quer dizer, és tolerante com as tuas acções? Lembra-te de que a tolerância não implica aceitar qualquer coisa. E com o teu marido/tua mulher? E com os filhos? E com os colegas de trabalho e vizinhos? E com os membros da tua equipa?

Podem terminar este dever de se sentar, lendo juntos o seguinte texto de C.M. Martini:

Com a Bem-aventurança dos **“mansos”**, Jesus condena claramente todas as formas de prepotência. A prepotência não é rentável. Acaba por fracassar. Podemos comprová-lo em múltiplas situações, tanto a nível pessoal como familiar, social ou político. A mensagem de Jesus promove o valor da “não-violência”. Os Padres que comentam as Bem-aventuranças vêem a “mansidão” precisamente como a condenação e repúdio de tudo o que seja violência, confiança na força e no espírito vingativo. Importa, pois, conservar o espírito de doçura, de mansidão e de paz. “Mansidão” é também ir aumentando a capacidade de crer na força transformadora da amizade.

## **Para a regra de vida**

Não queiramos dizer sempre a última palavra nas discussões. Seria muito bonito aprender a Bem-aventurança de quem, num determinado momento, sabe calar na humildade, deixando que seja o outro que saia a ganhar. Porque, afinal, quase nunca importa sair vencedores.

Não respondamos nunca ao mal com o mal. E por “mal” não entendamos unicamente a violência física, mas também essa maldade que intuimos em quem nos fala e a quem tratamos de responder com uma *“má ideia”*. Toda a alusão agressiva ser respondida com uma agressão semelhante, toda a insinuação pejorativa ser respondida com outra, toda a alusão de duplo sentido ser respondida mutuamente, tudo isto vai contra a mansidão cristã.

Finalmente, para viver a mansidão, é necessário prestar muita atenção aos mais fracos, que são mansos por natureza e incapazes de defender-se, pelo menos perante nós.

## **Para a oração pessoal, conjugal e escuta da Palavra**

Alguns textos do Novo Testamento que focam um aspecto importante ao apresentar a mansidão:

- Um dos dons do Espírito Santo (Gal 5, 22; 6,1)
- Uma atitude necessária para manter a unidade da Igreja (Ef 4, 1-6: Col 3,12)
- Imprescindível na hora da correcção fraterna (1Cor 4,21; 2Tim 2, 23-25)
- Uma disposição iniludível no diálogo com os não cristãos (1Pe 3,1-4. 14-16)

- Uma característica essencial da sabedoria (Sant 3, 13-18)
- Um traço singular na própria pessoa de Jesus (Mt 11, 29; 21,5)

### Para rezar esta Bem-Aventura durante o mês

A “**Mansidão**”, na Bíblia, é uma atitude interior que qualifica e determina as relações essenciais do ser humano consigo mesmo, com os outros e com Deus:

No que respeita à própria pessoa, **ser manso** implica o domínio dos próprios impulsos, tendências e desejos naturais.

Em relação aos outros, são **mansos** os que não se deixam arrastar por sentimentos de aversão ou antipatia. Os que estão dispostos à escuta e ao diálogo. Os que sabem reprimir a sua indignação e irritação perante a injustiça. Os que não saltam como energúmenos quando são contrariados, nem se irritam quando se lhes faz a vida difícil. Enfim, os que não andam em disputas de tribunal em tribunal.

Mas este adjectivo qualificativo “**mansos**” implica também uma determinada atitude perante Deus. Essencialmente, mansos são os que “*esperam no Senhor*”, os que confiam n’Ele, os que n’Ele têm posta a sua esperança e n’Ele descansam o seu coração. E tudo isto ao ponto de podermos ter a certeza de que só uma firme orientação de alguém para Deus tornará possível a sua mansidão.

### Também vos pode ajudar recitar a seguinte pregação

*Pregava aquele padre acerca  
de como nós, cristãos, devemos procurar  
ser “tolerantes” e, ao sair, muitos ouvintes contrapunham que isto de “tolerância”  
não é uma ideia muito... cristã.  
É? Não é? Sim, é!  
Lá, onde se pregue o Evangelho,  
onde se repitam as palavras de Jesus  
declarando “ditosos” os “mansos”,  
também haverá que proclamar  
bem-aventurados os ...“tolerantes”.  
Faz-nos compreender, Senhor,  
que um cristão tolerante não é...  
o ignorante disposto a engolir o que quer que seja,  
nem o fraco que não se atreve a enfrentar,  
nem o tívio, transigente com tudo,  
e muito menos o gracioso que tudo o envaidece.*

*Precisamos da luz do Teu espírito, Senhor,  
para ser “tolerantes”.  
Porque cristão tolerante é aquele  
que tem a certeza da Tua verdade.  
Verdade que por ser Tua, só podes  
demonstrar, infundir e assegurar Tu.  
Se nós somos tolerantes,  
o que apenas podemos fazer com os  
que não crêem naquilo em que cremos é...  
facilitar-lhes o caminho como fez o  
Pai do filho pródigo (Lc 15,11),  
mas facilitá-lo esperando,  
compreendendo, escutando, dialogando,  
saindo ao seu encontro.  
Isto é, sendo “tolerantes”.*

## **Para a reunião da equipa**

### QUESTIONÁRIO:

- Em que tem de mudar a nossa mentalidade e a nossa atitude para nos aproximarmos da figura de Jesus manso?
- É fácil viver a virtude da mansidão numa sociedade como a nossa? Porquê?
- Que propostas concretas pensam que poderíamos levar a cabo para potenciar a mansidão nos âmbitos onde nos movemos, especialmente na família, na equipa e na paróquia?
- Que atitudes ou actuações nossas estão marcadas com o selo da mansidão? Os que nos rodeiam podem ver em nós, homens e mulheres, que cumprimos esta Bem-Aventurança que Cristo nos propõe?

### SÍMBOLO

A ser escolhido em equipa

## ORAÇÃO

### Prece inicial

Senhor, enquanto falamos de guerra,  
de agressividade na vida, na publicidade,  
Tu falas de mansidão e de não-violência.  
Multiplica os homens e as mulheres  
dispostos a dar as mãos  
aos que pensam de forma diferente,  
aos de cor, ideias, raças e culturas diferentes.  
Que não haja mais mãos dispostas  
a empunhar armas verdadeiras, as que matam.  
Cria em nós, nos homens e nas mulheres  
que habitamos este planeta,  
um coração pacificador, não violento.  
Dá-nos o talento de um diálogo paciente  
e de um espírito tolerante.

### Leitura para reflexão

*“A força de um homem e de um povo está na não-violência... A não-violência é o primeiro artigo da minha fé e o último... Conheci a Bíblia por volta dos 45 anos... De tudo o que li, o que mais me impressionou para sempre foi o facto de Jesus ter vindo para estabelecer uma nova lei... Não mais olho por olho, nem dente por dente; devermos estar dispostos a receber duas bofetadas se nos dão uma, e percorrer dois quilómetros se nos pedem um... Dizia a mim próprio: isto não é seguramente o cristianismo.*

*O Sermão da Montanha demonstrou-me como estava errado à medida que tomava contacto com os verdadeiros cristãos, quer dizer, com os que viviam para Deus vi que o Sermão da Montanha era todo o cristianismo... Enquanto não formos homens insatisfeitos e não tivermos arrancado a raiz da violência da nossa civilização, Cristo não terá nascido... O princípio da não-violência infringe-se com os maus pensamentos, com a pressa injustificada, com a mentira em todas as suas vertentes, o ódio, desejando mal ao próximo. Violamo-la ao reter para nós o que necessitam os outros. A não-violência, na sua forma activa, é boa vontade em tudo o que se vive. É amor perfeito”.*

(M. Gandhi, *Todos os homens são irmãos*, Atenas, Madrid 1984)

### Tempo para a participação pessoal

## Prece final

Senhor, destes-nos um coração para amar,  
uma inteligência para compreendermos,  
umas mãos para dar e serem apertadas.  
E nós temos produzido  
a cultura “do ódio e da violência”.  
Dai-nos homens e mulheres com um coração novo,  
para criar uma cultura nova,  
a do amor e da não-violência.  
Ditosos os que resistem  
a empunhar armas para matar,  
a fabricar bombas para destruir,  
a criar exércitos para travar guerras absurdas,  
a que, às vezes, chamamos justas.  
Ditosos, Senhor, os que não respondem  
à violência com mais violência,  
ao insulto com o escarro,  
à provocação com a agressão,  
à bofetada na face,  
oferecendo a outra para o beijo reconciliador.  
Senhor, que não conheçamos mais violência  
do que a do amor pleno, da justiça até ao fim,  
da concórdia oferecida e partilhada.  
A violência suficiente para fazer chegar  
o vosso reino com urgência,  
para que surja um novo céu e uma nova terra,  
onde não haja lugar à morte,  
à violação dos homens e das mulheres,  
a campos de papoilas vermelhas  
convertidos em campos de batalha.  
Senhor, que compreendamos  
que o armamento, o ódio, a injustiça, a mentira,  
são as armas dos fracos,  
e o amor, a verdade, a justiça, a não-violência,  
são armas dos fortes.  
Não queremos humilhar o adversário com a vitória,  
só vos pedimos que os pobres humilhados e oprimidos  
recuperem a sua dignidade e os seus direitos,  
sem que se manche de sangue a nossa terra.  
Senhor, queremos herdar uma terra  
de paz e não de violência.



**“Bem-aventurados os que choram  
porque serão consolados”**

Os que não têm tudo de graça,  
os que sofrem ao ver miséria e injustiça,  
os que sentem na pele  
o sofrimento dos irmãos.  
Os que têm consciência da sua  
situação e sofrem por ela,  
os que sabem que são pessoas  
e choram pela liberdade.

## Capítulo IV

### TERCEIRA BEM-AVENTURANÇA

*“Bem-aventurados os que choram,  
porque serão consolados”*

#### INTRODUÇÃO

Nada nos parece tão oposto como os conceitos de “sofrimento” e “ventura”; no entanto, como cristãos, não podemos negar que Jesus foi “Bem-aventurado” e, com a mesma convicção, assegurar que se alguém sofreu foi Ele.

Por um lado, S. Mateus apresenta-nos as Bem-aventuranças como “atitudes” com as quais devemos viver o Evangelho (sendo pobres, não violentos, etc.); por outro lado, isto de “sofrer” não nos parece uma “atitude”, mas algo que nos vem do alto. Como é possível que algo que não é querido por Deus nem por nós – o sofrimento – seja convertido por Jesus numa causa de felicidade e de ventura? É simples: Jesus une a felicidade dos que sofrem ao consolo que estes receberão na proporção da sua conformação, quando lhe derem o sentido que Ele lhe deu, quando for transformado num instrumento de redenção própria e alheia. Nem toda a dor proporciona a consolação divina. Sofrer por sofrer é loucura ou estupidez humana.

Cristo pode proclamar “ditosos” os que sofrem e choram, porque, como o Messias, é o grande “Consolador”. Simeão, mal o vê, sente que pode morrer descansado, porque encontrara o que esperava, a “*consolação de Israel*” (Lc 2, 25). Muito antes, já Isaías descreve Cristo como o Ungido pelo Espírito do Senhor “... a levar a boa nova aos pobres, a curar os de coração despedaçado... a dar aos amargurados de Sião uma coroa em vez de cinzas, o óleo de alegria em vez de luto, a glória em vez de desespero” (Is 61, 1-3).

## 1. QUEM SÃO OS QUE CHORAM?

Cristo refere-se aqui ao sofrimento pelo reino. O que conta é o amor e a dor como expressão e manifestação do amor.

Devemos insistir mais uma vez que o Reino de Deus percorre caminhos opostos aos do mundo. Esta é a constante das Bem-aventuranças e nesta sobressai, de modo especial, “*Os que choram*” por contraponto “*aos que riem*” (Lc 6,25), os que sofrem por oposição aos que buscam o prazer de acordo com o mundo.

O que chora é pobre, despojado de algo desejado ardentemente pelos homens. O justo sofredor (tal como o pobre) aceita humildemente perante Deus uma posição de abatimento. Do Deus de todo o consolo espera alívio, ajuda, força e, de certo modo, uma explicação (dentro do mistério) do porquê da dor. O sofrimento bem aceite, embora custe de início, torna-nos mais humanos e compreensivos, mais tolerantes e educa-nos para ver a outra face da realidade, oculta muitas vezes pela superficialidade, o cansaço da vida ou as mil ocupações com que se possa estar comprometido.

A dor e o sofrimento afectam as raízes do ser humano; são duas vozes que nos despertam das nossas letargias e nos obrigam a olhar na outra direcção. A felicidade não depende do que se possui e, em geral, não está condicionada por bem exteriores, mas interiores, de ter um programa existencial coerente e realista que nos empurra para a frente. Referimo-nos à felicidade de cá de baixo, a que qualquer homem pode ter, trabalhando e sem esquecer que a existência está sujeita a tantas necessidades que sempre faltam peças ou fragmentos que se perderam e não podem completar esse puzzle que é cada um de nós.

S. Lucas acompanha esta Bem-aventurança com uma condenação de Jesus: “*Ai daqueles que agora riem*”, os que vivem uma espécie de gozo superficial, despreocupados de qualquer empreendimento humano que os eleve acima do puramente material. Os risos censurados por Jesus são os risos que soam a falso; os risos condenados são os que profanam o que deveriam respeitar, os que escarnecem das verdades, os que turvam o olhar cândido da criança, os que quebram os entusiasmos generosos. Não resta dúvida de que com esta Bem-aventurança Jesus censura uma concepção de vida limitada à procura egoísta do prazer. Esta Bem-aventurança torna-se bem clara numa parábola: a do rico avarento. Nela há um testemunho claro das duas facetas: a alegria e a tristeza. A do rico é uma felicidade sem fundamento, pois pôs o seu coração nas coisas que brilham e que o enchem. Por isso, o único que pode rir-se de verdade é o cristão, já que possui argumentos que documentam e dão corpo ao seu percurso (Lc 16, 19-31). Esta parábola ensina mais uma lição: a dignidade da pessoa por apenas sê-lo, independentemente da sua posição social, económica, política ou religiosa. O cristianismo é perito e mestre em humanidade.

Nada do que existe na realidade é desprezável. O verdadeiro homem serve-se dos bens do mundo, mas sem pôr neles o coração. Sabe que tudo isso é efêmero, que termina com a morte.

Há também outros que choram e que não tardarão a rir: os que têm capacidade de sentir-se culpados e corrigir, arrepende-se e voltar ao bom caminho. É necessário ter sofrido para chegar a ouvir dentro de si os tímidos apelos da esperança; porém, a quem responde à chamada, a esperança mostra prontamente os difíceis caminhos da fé. Não se vê aqui o primeiro resplendor que ilumina o mistério das dores humanas? Continuaremos a dizer que o Evangelho é cruel, quando proclama a Bem-aventurança das lágrimas? Mas a vida actual seria muito pior se não pudéssemos chorar as nossas culpas; bem basta para castigo não poder repará-las completamente. Sim, começamos por maldizer a sorte que nos voltou as costas, protestando contra a injusta adversidade e o sofrimento imerecido. Depois, um dia, uma luz que não vem desta terra atravessa o nosso espírito e já não nos atrevemos a afirmar que não merecíamos sofrer.

Chorar e lamentar-se por falhas próprias conduz, ou deve conduzir, a mudar, a tentar seguir o exemplo e o modelo que Jesus nos oferece ao longo das páginas do Evangelho. Por aí se reconquista a verdadeira alegria que leva à paz interior. A verdadeira dor de coração leva-nos ao melhor: à dor do amor.

## 2. A ALEGRIA CRISTÃ

A terceira Bem-aventurança enuncia uma regra geral: em todas as circunstâncias, Jesus pode transformar em prazer a aflição dos Seus discípulos. Mas antes de justificar esta afirmação, será de utilidade que, perante os que acusam o Evangelho de ter coberto o mundo e a nossa vida com um véu de tristeza, façamos ver que a alegria é o ambiente normal do cristão. A festa de Natal, que todos os anos celebramos, ajuda-nos a melhor compreender porque Chesterton pôde escrever acerca da alegria que constitui “*o enorme segredo do cristianismo*”.

Acima do berço do Menino Jesus, uma voz proclama: “*Não temais, pois vos anuncio uma grande alegria que o será para todo o povo: Hoje, na cidade de David, nasceu um Salvador...*” (Lc 2,10-11). Poderá um Salvador ser triste? Ao iniciar a sua pregação, comparou o seu ministério com uma festa de casamento (Mc 11,19). Comeu alegremente em casa de todos, o que lhe valeu, da parte dos seus oponentes, a reputação de “*comilão*” e de “*bebedor de vinho*” (Mt 11,19). Tudo não passava de sinais da profunda alegria que brotava da sua intimidade com o Pai e de observar os inúmeros benefícios que podia proporcionar aos homens. Jesus devia resplandecer de felicidade, quando curava os enfermos e os paralíticos e quando reconciliava com Deus os pecadores. Transmitia alegria à sua volta. “*Toda a multidão se alegrava com as obras prodigiosas que fazia*”, escreve S. Lucas (13,17). Porque nos apresentam sempre o rosto de Cristo com golpes e um ar distante? Era

tão fácil vê-Lo sorrir, quando abençoava as crianças e, até mesmo, quando repreendia os seus apóstolos ou a Maria de Betânia! Com que graça teve de descobrir os pitorescos pormenores de certas parábolas! (Cfr. Lc 22,6; 14,8; 18,10).

Tanto foi o homem simples da dor como o pregador da alegria. Esta aproximação nada tem de forçado. No instante em que os Seus discípulos ficavam desamparados pela iminência da Sua paixão, falou-lhes da Sua alegria; deu-a para que enchessem os corações e assegurou-lhes que ninguém Lha poderia tirar. Depois, antes de os abandonar, rogou: “...se digo estas palavras é para que possam participar plenamente da minha alegria” (Jo 17,13). Os verdadeiros discípulos de Jesus respiram alegria.

É mesmo esta a condição da vida cristã. A tristeza nada mais consegue do que um monólogo consigo própria; não se pode adorar mais a Deus do que no momento de O encontrar. Sob o império do aborrecimento não se deseja nada de grande; pois bem, o desejo é o primeiro passo para a virtude. S. Filipe de Néri repetia aos seus jovens discípulos: “*Fora da minha casa nada mais há do que tristeza e melancolia... O servo de Deus deve estar sempre de bom humor. Um bom humor valoriza o coração*”.

Deduz-se, com facilidade, que a alegria é para os cristãos um dever. “*Estejam alegres no Senhor; repito-vos, estejam alegres*” (Fil 4,4). Quando S. Paulo escrevia estas linhas aos fiéis de Filipos, estava prisioneiro em Roma há quase dois anos. Num dos nossos mais antigos tratados de espiritualidade – pois data do século II – o “Pastor” de Hermas repete a mesma exortação: “*Arranca de ti a tristeza porque ela é irmã da dúvida e da impaciência. Reveste-te da alegria que acha sempre graça diante de Deus e Ele aceita-a, e toma nela as tuas delícias... Jamais a súplica do homem triste tem virtude para subir ao altar de Deus*”. (X Mandamento).

### 3. ORIGEM E NATUREZA DA ALEGRIA CRISTÃ

Talvez se possa dizer que na alegria não se manda nem ela pode ser fruto de raciocínio, ou é espontânea ou não é. Isto leva-nos a deter-nos na origem e na natureza da alegria cristã.

O homem comum vive contente, quando a realidade, as decisões alheias ou os acontecimentos estão de acordo com os seus desejos; o cristão, por seu lado, está alegre desde que os seus desejos estejam de acordo com a vontade de Deus. O primeiro apenas sente prazer, quando “tudo lhe corre bem”, enquanto que o segundo descobre a forma de ser feliz mesmo quando “tudo lhe corre mal”. Será isto uma utopia? De modo algum. A alegria do cristão é real, tem a sua fonte em si próprio, é um dom de Deus ou, como dizia S. Paulo, é o fruto do Espírito em nós próprios (Gal 5,22) que explica a sua espontaneidade. Nós possuímos a alegria ou, melhor dizendo, a alegria possui-nos e não certamente como um poder

mágico, mas como um impulso interior para o qual, no entanto, Deus nos pede uma anuência activa. Neste sentido podemos dizer justamente que temos de conquistar a nossa alegria, fazendo tudo o que Deus quer de nós e não é estranho que nos faça sofrer.

Um exemplo de alegria cristã é Joana d'Arc no cárcere de Rouen. As vozes do céu dizem-lhe: "Aguenta tudo com ânimo, não te queixes do teu martírio". O cristão deve aceitar tudo de bom agrado, a felicidade ou a infelicidade, o doce e o amargo, a saúde e a doença, a bonança ou a tempestade. E deve aceitar tudo de bom grado, porque, com a ajuda de Deus, poderemos fazer com que tudo o que nos aconteça sirva para o nosso bem ou para o dos outros. O olhar de Deus segue-nos em todos os acontecimentos, quaisquer que sejam, e não há um único pelo qual não possamos realizar os seus desígnios.

Até mesmo os dias maus trazem a sua pequena alegria a quem confia em Deus; o ardor alegre na adversidade ou, pelo menos, a canção que acompanha o trabalho, o ímpeto interior que resiste ao perigo ou ao duelo ou, simplesmente, a poesia que transforma as miseráveis mesquinhas quotidianas. Os homens entristecem-se, porque não compreendem ou não aceitam. Mas o cristão entrega-se ao Pai Que sabe e Que decide, ao Deus Que distribui os dias de sol ou de tempestade, ao delicado Artista Que imaginou as espinhas para proteger as rosas; sim, sem dúvida alguma, mas ainda se abandona mais ao "Deus Que Se fez homem para que o homem chegasse a ser Deus". E com esta frase de Sto. Agostinho descobrimos o grande segredo da alegria cristã.

Inclinemo-nos diante do berço da Natividade. Descubramos o sorriso que o Menino dá a esta terra que Ele veio salvar. Credes, de verdade, neste assombroso mistério? Não vos ofendais com esta pergunta, mas faço-a a mim mesmo, pois nunca nos entristeceríamos, se pensássemos seriamente neste prodígio de Deus feito homem.

Porque se isto é verdade é porque a miséria dos homens não Lhe causou repulsa, teve o valor de querer ser semelhante a nós, de levar a nossa vida, a nossa pesada e entediante vida quotidiana (pois, certamente, não escolheu para Si a melhor parte), e fê-lo para criar uma nova humanidade à Sua imagem e semelhança, uma estirpe de filhos de Deus. "Depois da Encarnação, já não devemos admirar mais nada" escreveu um autor do séc. XVII. Nenhuma maravilha poderá igualar aquela e já não temos que nos admirar com nada. Pois, que mais poderíamos desejar? "*Ele que não poupou o próprio filho* – escreve S. Paulo – *mas O entregou por todos nós, como não havia de nos dar também, com Ele, todas as coisas?*" (Rom 8,32). O Filho de Deus viveu connosco e como nós. E como nós somos cristãos baptizados, vive também em nós.

Comparado com este prazer, o que valem as nossas aflições? Aquele que crê na Encarnação não pode continuar a afirmar a irremediável maldade dos homens, pois vê o que Cristo

fez do homem, o que pode fazer de todos os homens e o que deve chegar a ser a humanidade. Quem acredita na Encarnação já não tem medo da cruz, esta “sempre alegre”.

Esta obrigação do Apóstolo deveria ser ouvida em toda a terra nestes momentos da história em que tanto se ouve as chamadas às armas, à desconfiança e ao ódio. “*Sejamos os mais fortes e os mais tenazes*”, dizem uns. E outros continuam “*Sejamos os mais audazes e os mais hábeis*”. Estes inúmeros povos, condenados talvez a matar-se uns aos outros, poderiam recuperar instantaneamente a paz e a felicidade: bastaria que todos pudessem ouvir e compreender a mensagem de Emanuel: “*Alegrai-vos porque Deus está no meio de vós*”.

#### 4. O DEUS DE TODA A CONSOLAÇÃO

Há algo sagrado na linguagem das lágrimas. Substitui a impotência da palavra para expressar o quanto de indefinível e de inconsolável está contido na dor. Detém todo o diálogo; diante das lágrimas nada mais há a fazer senão calar-se.

No entanto, antes de acabar, para entrar na terceira Bem-aventurança, temos de voltar o nosso olhar para os que choram, para os aflitos encerrados na sua dor.

“Vós que chorais, vinde a este Deus, pois Ele chora”. Esta frase que Victor Hugo escreveu junto ao crucifixo é a afirmação desconcertante do prodígio da Encarnação. Este Deus Que chora é um Deus perdido em alturas inacessíveis, Que não se comoveu com os suspiros dos homens. Este Deus é o mesmo que Jesus nos descreveu com a fisionomia de um Pai compassivo não apenas com a angústia, mas também com a rebeldia dos Seus filhos.

Não obstante, como sair do obscuro labirinto onde se cruzam e baralham a bondade de Deus e aparentemente a Sua impassibilidade? O Deus que quer secar as nossas lágrimas não é suficientemente poderoso para afastar os males que nos fazem chorar? Jesus, cujo poder é manifestamente sobre-humano, devolve aos paralíticos o uso dos seus membros, aos mudos da palavra, o ouvido aos surdos, a vista aos cegos, a vida aos mortos. Por onde quer que passe “*cura todas as enfermidades e moléstias*” (Mt 9,35), escrevem os evangelistas. Uma vez que pode, porque não o faz para que desapareça o sofrimento do nosso pobre mundo?

Aí está o mistério. Jesus tira o pecado do mundo, mas deixa nele o sofrimento. A criação está ordenada de tal modo que o sofrimento ocupa nela um lugar necessário e saudável. Se quando uma criança aproxima o dedo da chama não sentisse uma dor atroz, rir-se-ia às gargalhadas, vendo como a sua mão se convertia em cinzas. Maldizemos neste caso o sofrimento?

Jesus não modificou as leis da criação, mais ainda, sendo capaz de suprimir o sofrimento alheio não o evitou a Si próprio. Quis ser um homem como nós, um homem sofredor. Embora tenha alimentado multidões, soube suportar a fome. Partilhou das nossas fadigas e sentiu as nossas dores. Terminou a Sua missão, sofrendo dos maiores padecimentos e humilhações. Quis ser o juguete da adversidade. Desautorizado, condenado, padeceu, completamente só, os horrores da crucificação. No Seu coração sentiu a amargura da indiferença, da ingratidão, da negação e da traição. O Seu corpo transformou-se numa chaga. Os Seus inimigos ficaram estupefactos com a Sua conduta incompreensível. *“Salvou os outros – diziam – e não Se salva a Si próprio”* (Mt 27,42). No entanto, ainda não tinham decorrido três dias já o sacrifício de Jesus dava publicamente frutos. Ao ressuscitá-Lo do túmulo, o Pai proclamava aos homens que os pecadores haviam recuperado a graça. Mas haveria uma necessidade forte de pagar semelhante preço? O Salvador ressuscitado repeti-lo-á às testemunhas da Sua nova vida: *“Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na Sua glória?”* (Lc 24,26).

Era preciso! E porquê? O mistério da dor continua a ser indecifrável para nós. Emanuel – Deus entre nós – não nos explicou os enigmas do universo. Veio para ensinar-nos a viver e a triunfar do mal. É este o consolo anunciado na Bem-aventurança de que nos ocupamos e que não é a promessa de uma anestesia impossível. Os discípulos de Jesus serão consolados, o que equivale a dizer que já não estarão desolados porque também não estão afastados. Já não estarão sós na sua dor. Jesus, o vencedor da morte, não só chorou como nós mas também, quando chega a hora de Ele próprio *“enxugar as lágrimas de todos”* (Is. 26,8; Ap 21,4), une as nossas dores às Suas com vista a ajudar-nos a sofrer, para que as nossas lágrimas, como as Suas, tenham um valor redentor.

Que importa que não possamos sofrer o que muitos intitulam de “problema do mal” e que, na verdade, é um mistério impenetrável, uma vez que, de qualquer maneira, havemos de sofrer? Coisa estranha: mal a ciência encontra a cura de uma doença, logo lhe aparece outra desconhecida; os benefícios das descobertas científicas para a humanidade utilizam-se, normalmente, para fins mortíferos. É como se uma porção constante de dor tivesse de afligir sempre a terra! Mas Jesus preferiu voltar os nossos olhos para o futuro e assegurar-nos de que a nossa dor não é inútil. Os cristãos ficarão consolados se aceitarem os sofrimentos inevitáveis, dos quais nenhum homem está isento, como um sacramento que os une a Cristo para a realização da Sua obra redentora.

Ditosos os cristãos que, quando choram, dizem com Jesus: *“Pai, faça-se a Tua vontade. Pai, perdoa os que me fazem sofrer! Pai, em Tuas mãos entrego a minha vida!”*. Eles já não estão sós. Estão consolados.

## SUGESTÕES PARA VIVER A BEM-AVENTURANÇA AO LONGO DO MÊS

### Para o dever de se sentar

Ao longo da vossa vida conjugal terão tido bastantes momentos de sofrimento e dor; neste momento, sugiro-vos, tendo este tema por base, que dialoguem não só acerca da dor ou dos sofrimentos passados, mas também de como vivem ou haveis vivido esses momentos e onde fica a alegria e a esperança.

### Texto para interiorizar

“O riso. Esta humilde criatura parece destinada a dissolver-se em nada quando penetra na imensidade de Deus. No entanto, as Escrituras falam do riso como imagem e figura dos pensamentos mais íntimos de Deus. A Palavra poderia encher-nos de admiração, mas é inegável que Deus sorri no céu. Ri do riso, da tranquilidade, da segurança, da serenidade. Ri do riso que domina todas as complicações de uma história cruel, sanguinária, louca e vulgar. Poder-se-ia dizer: como se tudo isto nada tivesse a ver com Ele. Cheio de compaixão, Ele conhece perfeitamente o drama amargo desta terra. Deus sorri, dizem as Escrituras. E afirmam que até o mais pequeno sorriso puro e delicado, que brota não importa de onde, proveniente de um coração recto, diante de qualquer disparate deste mundo, reflecte uma imagem e um raio de Deus. É um sinal de Deus vencedor, senhor da história e da eternidade, do Deus cujo sorriso nos demonstra que tudo é definitivamente bom”.

(Karl Rahner).

### Para questionar em casal sobre o sofrimento e a alegria

Depois de algum tempo dedicado à oração, os seguintes parágrafos, retirados de “**Razões para a alegria**”, de J.L. Martín Delcalzo, podem servir de base a que dialogueis e vos questioneis sobre como assumis na vossa vida pessoal e conjugal os momentos de dor e sofrimento e em que medida a alegria é a nota dominante da vossa caminhada como casal cristão. Também pode ajudar-vos a ter um diálogo sincero na presença de Deus as seguintes perguntas:

*“ Sim, talvez esta seja a chave da alegria: descobrir que temos alma, explorar as dimensões do espírito, atrever-se a acreditar que não é a vida que é aborrecida mas que os aborrecidos somos nós que passamos a vida como os milionários que perderam dez cêntimos e esqueceram o tesouro que têm no cofre da sua condição humana”* (Razões para a alegria, pág. 10).

*“Eu penso que a vida (como Deus) é amor na alegria e na tristeza, nos que hoje se apaixonam pela primeira vez e nos que hoje irão ser vítimas de um acidente, que a vida é verdadeira nos berços dos recém-nascidos e nas camas dos hospitais, no riso e no choro; que não há uma vida na alegria e uma vida na dor mas que tudo é vida, até que a dor o seja mesmo em dobro” (Razões para a alegria, pág. 148).*

*“Não gosto do refrão que diz: “mal de muitos, consolo de tontos”. Eu diria “mal de muitos, serenidade do homem”. Porque é preciso combater a dor, sim, mas sabendo que faz parte da nossa condição humana, da nossa efemeridade de seres incompletos. Aprender que as grandes personagens felizes da História não o foram, “porque não sofreram”, mas “apesar de terem sofrido”. Porque a alegria não está em viver longe da dor, mas no degrau acima do sofrimento” Razões para a alegria, pág. 150).*

*“O verdadeiro problema da dor é o ‘sentido’ da dor e, mais concretamente, da ‘maneira’ de sofrer. É aí que realmente se retrata um ser humano. Amiel dizia que ‘a maneira de sofrer é o testemunho que uma alma dá de si mesma’. É bem certo: há ‘grandes’ deste mundo que se deixam ir abaixo diante das tormentas. E há pessoas pequenas que são maravilhosas, quando chega a angústia” (Razões para viver, Pág. 152).*

Como vivemos os momentos de provação (doença, morte de um ente querido...)? Com rebeldia, resignação, angústia, paz, prazer...?

Nos momentos de sofrimento, aqueles que nos rodeiam notaram alguma diferença no nosso modo de agir e de assumir os acontecimentos?

Como nos ajudamos mutuamente a crescer na fé, na esperança, na alegria, no amor, repetindo assim a experiência dos discípulos de Emaús, cujo coração ardia com a presença do Senhor?

## **Para a regra de vida**

Procura alguém que, à tua volta, esteja a sofrer e procura ser testemunho de alegria e de esperança com a palavra e a partir da vida.

## **Para a oração pessoal, conjugal e escuta da Palavra**

Pensamentos alegres para reflectir ao longo do mês:

Não te entregues à tristeza nem te abandones a apreensões. A vida do homem é a alegria do coração e a sua alegria ao longo dos dias. Anima-te, alegra o coração e afasta de ti a tristeza porque a tristeza já fez perder muita gente e é inútil.

*“Deus deseja fazer os homens perfeitamente felizes e para isso só quer que O amem. A felicidade está ligada ao amor porque nada há tão agradável como amar o que é digno de amor... O amor é essa afeição que nos faz encontrar prazer nas perfeições de quem se ama, e não há ninguém mais perfeito do que Deus, nem ninguém mais encantador” (Leibnitz, Discurso de Metafísica).*

*“Às vezes, Pai, julgo adivinhar algo do Teu grande mistério, como um clarão doce e que cega, tão breve! Tão leve! É menos do que uma conjectura, menos do que pressentir que vou estar perto, a ponto de quase tocar em algo, menos do que o mínimo, e vai-se. Em vão tento agarrar o que vislumbro, aclarar o que assoma entre véus, aprofundar o que intuo, precisar os contornos tão vagamente insinuados. É inútil tentar alcançar o que não é palpável, que parece inexistente e, no entanto, tão forte e tão verdade.*

*Alcanço apenas isto: ver agitar-se levemente uma cortina que não se abre e aquilo que entrevejo é sempre prazer, prazer puro, alegria infinita. Então acho que compreendo, embora não compreenda nada. E gostaria de exultar: Dou-Te graças, Pai, Senhor do céu e da terra. Mas a minha voz afoga-se no puro júbilo. Tu sabes, eu calo-me e depois tudo passa. O véu volta a correr e a vida é como sempre. Mas soube o suficiente sem saber: TU ÉS ALEGRIA” (Ângela C. Ionescu, Como Barro, PCL; Madrid 1999).*

Textos da Sagrada Escritura: Gal 5, 22-23; Sal 4.7-9; Sal 104,34; Fil 4,4; Lc 1,46-47

## **Para recitar com frequência**

*Somos ditosos, porque fomos chamados à vida.*

*Somos ditosos, porque fomos chamados à fé.*

*Somos ditosos, porque Deus nos amou primeiro.*

*Somos felizes, porque temos um Deus*

*muito melhor do que imaginávamos.*

*Somos felizes, porque, ao ressuscitar,*

*(Cristo) venceu a morte.*

*Somos ditosos, porque sabemos*

*que, inclusivamente, a dor é caminho de ressurreição.*

*Somos ditosos, porque Ele continua connosco.*

*Somos ditosos, porque, ao ser Ele o nosso irmão,*

*descobriu quão irmãos nós éramos.*

*Somos ditosos, porque Ele curará a nossa cegueira como a de Tomé.*

*Somos ditosos, porque Ele avivará a nossa esperança morta como*

*a dos de Emaús.*

*Somos ditosos, porque ele endireitará o nosso amor*

*como o de Madalena.*

*Somos ditosos, porque os nossos nomes estão inscritos  
no Reino dos Céus.  
Somos ditosos, porque o Reino dos Céus já está dentro de nós.  
Somos ditosos, porque nos nomeou testemunhas do Seu prazer,  
a melhor das tarefas,  
o mais bendito dos trabalhos,  
a missão que deveria encher-nos sempre os ouvidos de alegria.*

(J.L. Martin Descalzo)

## **Para a reunião da equipa**

### QUESTIONÁRIO:

- O sofrimento do inocente, o holocausto... continuam a colocar, hoje, a questão sobre Deus?
- Alguma vez pode existir o prazer de ter sofrido?
- Como se pode viver com alegria perante a calamidade e a miséria em que vivem milhões de seres humanos?
- Nietzsche dizia que para que ele pudesse crer no Redentor dos cristãos, estes teriam de cantar outras canções e os seus discípulos parecer mais redimidos (mais alegres). As nossas reuniões, celebrações, assembleias, a nossa vida... são alegres?
- Qual o papel de Deus na tua alegria?

### SÍMBOLO

A ser escolhido em equipa

### ORAÇÃO

#### **Prece inicial**

Senhor, ainda que nos rebelemos,  
ainda que maldigamos a nossa sorte,  
a dor está aí, cravada na nossa carne.

É tão difícil crer que, nós que fomos criados  
para viver e ser felizes,  
nos vejamos torturados sem remédio  
pela enfermidade que se crava nos nossos ossos, por irmãos de carne e sangue  
que torturam, maltratam e matam os seus irmãos,  
carne da sua carne, sangue do seu sangue.  
Senhor, dá-nos força para enfrentar a dor  
que não podemos afastar das nossas vidas  
generosidade sem limite para ser bálsamo  
nas feridas dos mais martirizados pelo sofrimento.  
Por muito que a dor aperte  
que não duvidemos de que Tu estás aí,  
embora Te faças impalpável e invisível,  
e que o nosso sofrimento seja fecundo  
quando sofremos pelos outros, como Jesus.

(António Danoz)

### **Leitura para meditação:** Is 52, 13-15; 53, 1-5. 10-12

*“Olhai, o meu servo terá êxito, crescerá, elevar-se-á, será exultado. Assim como, ao vê-lo, muitos ficaram pasmados – tão desfigurado estava o seu rosto que não parecia de homem – assim o admirarão muitos povos; os reis permanecerão mudos diante dele porque verão o que nunca lhes tinha sido contado e observarão um prodígio inaudito.*

*(...) Quem acreditou no nosso anúncio? A quem foi revelado o braço do Senhor? Cresceu na sua presença como um rebento, como raiz em terra árida, sem figura nem beleza. Vimo-lo sem aspecto atraente, desprezado e evitado pelos homens, como homem das dores experimentado nos sofrimentos, diante do qual se tapa o rosto menosprezado e desestimado. Na verdade, ele tomou sobre si as nossas doenças, carregou as nossas dores. Nós o reputávamos como um leproso, ferido por Deus e humilhado, mas foi castigado pelos nossos crimes, esmagado pelas nossas iniquidades. O castigo que nos salva pesou sobre ele, pois fomos curados nas suas chagas.*

*(...) Mas aprouve ao Senhor esmagá-lo com sofrimento, oferecendo a sua vida em sacrifício expiatório; terá uma posteridade duradoura e viverá longos dias e a obra do Senhor prosperará nas suas mãos. Livrada a sua alma dos tormentos, verá a luz, o justo será saciado de contentamento. O meu servo justificará muitos, porém tomará sobre si as suas iniquidades. Ser-lhe-á dada uma multidão como parte e terá como despojo uma multidão, porque ele próprio entregou a sua vida à morte e foi contado entre os pecadores, tomando sobre si os pecados de muitos e intercedeu pelos culpados.”*

## Texto para a reflexão pessoal

Desde sempre, o homem tem tentado fugir da dor. Será isto lícito? ... É evidente que não tratamos aqui de questionar este tipo de atitude. O que temos de perguntar é em que medida tento escapar da dor que me atormenta. Que fazer? Será a desgraça o destino de todos os homens? Longe de nós tal ideia! Com Tagore poderíamos dizer que “a desgraça é grande, mas o homem é ainda maior do que a desgraça”. Então, quem outorga ao homem a categoria de “grandioso”, já que ele próprio conhece a sua impotência, a sua mortalidade, a sua pequenez?

*“Exulta de alegria, filha de Sião... Eis que o teu rei vem aí”* (Zac 9,9). Estas palavras são um convite à alegria, ao júbilo que quem se sabe salvo e liberto de todo o tipo de amarras e escravatura: Cristo é *“o artífice da paz em todas as nações”* (Zac 9,10). *“Ele é a nossa paz”* (Ef 2,14).

Deus Pai antecipou-nos o prazer da eternidade. Por meio de Jesus, aproximou de nós a felicidade. Jesus é a Vida eterna, aquela que nos pode fazer perfeitamente felizes. O seu prazer pode transbordar de nós se cremos n’Ele, se acolhemos o Reino em que Ele Se torna realidade. Quem crê em Jesus é feliz. Aos que d’Ele se aproximam, Jesus chama “Bem-aventurados”. Jesus deixou a semente da alegria no mundo quando partiu. Enviou-nos o Espírito, derramou-O nos nossos corações. E o Espírito experimenta o prazer inefável do encontro com Deus. Um encontro que se produz num imediatismo delirante. O Espírito com os seus dons entusiasma os homens e as mulheres. O Espírito marca-nos para o dia da grande felicidade do encontro com Deus Pai.

## Prece final

Senhor, Jesus,  
faz de nós uma equipa aberta, confiante e pacífica,  
invadida pela prazer do Teu Espírito Santo.  
Uma equipa entusiasta,  
que saiba cantar a vida,  
vibrar diante da beleza,  
estremecer perante o mistério  
e anunciar o Reino do Amor.  
Que tenhamos a festa no coração,  
apesar de sentirmos  
a presença da dor no nosso caminho,  
porque sabemos, Cristo ressuscitado,  
que Tu venceste a dor e a morte.

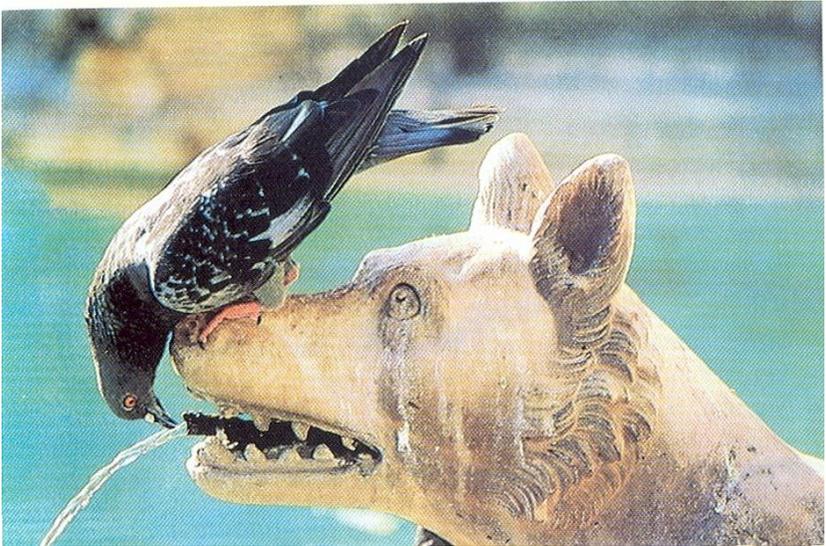
Que não tenhamos medo das tensões  
nem nos deixemos afogar pelos conflitos  
que possam surgir entre nós,  
porque contamos, na nossa debilidade,  
com a força criadora e renovadora  
do Teu Espírito Santo.

Concede, Senhor, a esta Tua família  
uma grande dose de bom humor  
para que saiba desdramatizar  
as situações difíceis  
e sorrir abertamente para a vida.

Torna-nos peritos  
em desapertar nós e romper cadeias,  
em abrir sulcos e deitar sementes,  
em curar feridas e manter viva a esperança.  
E concede-nos ser, humildemente,  
num mundo abatido pela tristeza,  
testemunhas e profetas da verdadeira alegria.

*“Sejamos, pois, testemunhas da alegria com a palavra e com a vida a tantos irmãos nossos que, pelas mais variadas situações, a clamam e reclamam: “é preciso recordarmos uns aos outros que o cálice da dor é também o cálice do prazer, que o que realmente nos causa tristeza pode converter-se num campo fértil de alegria. Por isso, precisamos de ser anjos uns com os outros, de nos darmos mutuamente força e consolo. Porque, somente quando nos damos conta de que o cálice da vida não é apenas um cálice de dor, mas também de prazer, seremos capazes de o beber”.*

(H. Nouwen)



**“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça  
porque serão saciados”**

Os que não pactuam com nenhuma mentira,  
venha ela donde vier, nem se deixam subornar.  
Os que não toleram que outros vivam na miséria.  
Os que sempre e em toda a parte são honrados  
e não permitem o roubo camuflado.  
Os que não fazem discriminação de pessoas  
pela cor da pele, sexo, credo ou situação social.

## CAPÍTULO V

### QUARTA BEM-AVENTURANÇA

*“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”*

#### INTRODUÇÃO

Na formulação desta Bem-aventurança fala-se dos conceitos “fome”, “sede” e “justiça” e que quem tenha “fome e sede” dessa “justiça”, num determinado momento, ficará saciado.

A Bíblia interconfessional traduz assim esta Bem-aventurança de Mateus: Bem-aventurados os que desejam ardentemente o que Deus quer, porque Deus satisfará os seus desejos. Se admitirmos esta tradução, não se trata apenas de comer, mas de cumprir a vontade de Deus. Mais claro se tornará se dermos conta da utilização concreta que Mateus faz do substantivo “justiça” e do adjectivo “justo”. Uma utilização que tem sempre relação com determinado comportamento do homem.

Ter “fome e sede de justiça” equivale, para S. Mateus, sentir-se dominado por uma disposição interior pela qual nos entregamos inteiramente a Deus, exclusivamente, sem reservas. É procurar ser perfeitos como Ele é perfeito. É o desejo ardente de que a Sua vontade se cumpra totalmente, a todo o custo, não apenas com palavras mas também com obras e verdade.

Por outro lado, ser “justo” para Mateus equivale a trabalhar em tudo, segundo as normas de Deus, respeitando tanto os direitos divinos como os humanos. E esta conduta, esta atitude, que será critério de eleição e motivo de bênção no Juízo Final (Mt 25, 34-40), reflecte-se de modo singular na ajuda aos necessitados: “Porque tive fome deste-Me de comer, tive sede e deste-Me de beber; era peregrino e recolheste-Me; estava nu e deste-Me de vestir; adoeci e visitaste-Me; estive na prisão e foste ter Comigo” (Mt 25, 35-39).

Tal como o Cardeal Martini, podemos afirmar que o vocábulo “**justiça**” nos sugere, no mínimo, três atitudes diferentes:

- A “**justiça de Deus**” ou a salvação final que Ele oferece a todos os homens.
- A “**justiça dos homens**”, isto é, as suas boas obras ou “obras de misericórdia.
- E a “**justiça social**”, base das nossas relações justas.

Não se trata, pois, de espiritualizar ou materializar essa fome ou essa sede, de discutir significados literais ou simbólicos, mas de comprovar como estas três atitudes estão tão relacionadas umas com as outras como pode estar uma planta com a raiz, a flor e o fruto:

- A “raiz” é a “**justiça de Deus**”. É Ele que, com a Sua graça, nos torna justos, santos.
- A “flor” são as nossas “**boas obras**”, realizadas de acordo com a vontade divina.
- E os “frutos” aparecerão na forma de “**justiça social**”, “solidariedade”, “**caridade**”. Atitudes e virtudes com as quais o homem não tem como objectivo a sua própria satisfação ou interesse mas a do seu próximo e, dentro destes, os mais necessitados.

## 1. EXORTAÇÃO À GENEROSIDADE

Esta Bem-aventurança abre novos horizontes às exigências da vida cristã: Bem-Aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Esta formulação distingue-se claramente das anteriores. Os pobres, os mansos, os aflitos podiam parecer resignados; mas os famintos e os sedentos não podem concordar com a sua sorte, a menos que aceitem morrer. Não é possível fazer calar a fome nem a sede: quem tem fome saciá-la-á custe o que custar, nem que tenha de comer fruta podre ou raízes de árvores; e, se necessário, beberá água inquinada para, pelo menos, enganar a sede. Do ponto de vista do Evangelho, o faminto e o sedento são seres descontentes a quem Jesus promete não só contentá-los mas também saciá-los.

O que pretende Jesus com esta Bem-aventurança? Debruçando-nos sobre o texto de S. Lucas, podemos pensar que se trata de uma necessidade corporal: Bem-aventurados os que agora padeceis de fome porque sereis saciados. Ideia que se vê reforçada pela imprecisão paralela: Ai de vós que estais saciados porque vireis a ter fome! Neste caso, o evangelista teria repetido, de outra forma, a bênção dos pobres e o anátema contra os ricos. Reiteração que não se explicaria bem já que se deve dizer que, quando S. Lucas fala simplesmente dos “famintos saciados” e dos “saciados famintos”, como o faz igualmente numa estrofe do Magnificat (1,53), utiliza umas metáforas cujo sentido espiritual era clássico nas Escrituras. Assim, o profeta Amós refere este oráculo de Deus: “*Eis que vêm dias em que enviarei fome sobre a terra. Não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a palavra do Senhor*” (Am 8,11). Noutra lugar, a Sabedoria promete aos seus seguidores “*alimentá-los com o pão da inteligência*” (Ecli. 15,3) e convida-os a “*beber o Meu vinho que para vós misturei*” para vos devolver assim a vida (Prov 9, 5-6).

No conjunto destas aspirações teremos de estabelecer em que consiste essa “justiça” da qual estão famintos e sedentos os discípulos de Jesus. Mas antes de fazermos uma leitura actual desta Bem-aventurança, queria deduzir das imagens da fome e da sede a exortação à generosidade que Jesus nos dirige.

O Evangelho não se conforma com essas virtudes convencionais que se situam num “justo médio”. Onde fez Jesus o elogio às virtudes tranquilas e sem esperanças? Quando é que o Mestre felicitou os Seus discípulos por serem “quase trabalhadores”, “quase abnegados” ou “quase desinteressados”? Jesus aperfeiçoou os Dez Mandamentos com as Bem-aventuranças que nos obrigam a progredir o melhor possível no bem. Diante de nós já não há barreiras: o horizonte é ilimitado, o progresso indefinido. O mandamento já não é “*Não esquecerás o teu Deus nem tratarás mal o teu próximo*”, mas “*Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*”.

Por isso, o discípulo de Cristo jamais está dispensado de fazer o melhor. É claro que não desespera porque está sempre feliz com Deus e porque não se queixa do próximo; mas também nunca está satisfeito consigo próprio, pois deseja sempre servir melhor a Deus e aos seus irmãos.

Jesus Cristo não instaurará o reinado de Deus sobre a terra com temerosos e medíocres: fazem-lhe falta homens e mulheres de coração grande, que pensem grande, que vejam longe, que amem com grandeza.

A magnanimidade caracteriza-se pela generosidade de sentimentos, pela vontade que não está isenta de fracassos. Deus julga-nos pela intenção dos nossos actos; aos Seus olhos, o nosso amor vale mais do que os nossos dons. Embora muitas vezes os nossos desejos não se consigam alcançar, Jesus sabe também satisfazê-los: encarrega-Se assim de saciar os que têm fome e sede de se parecerem com Ele.

Os cristãos das Bem-aventuranças não são semideuses caídos do céu; são terrenos; são pobres pecadores que anseiam por sair da sua miséria. Têm fome de um mundo melhor, têm sede de colocar um pouco mais de beleza na sua vida e de ver mais fraternidade entre os homens. Esta sede só Jesus pode saciar: “*Se alguém tiver sede, venha a Mim*” – pede que dêmos o primeiro passo e depois disso – “*e beba*”. Que se chegue a Mim, como viajante, o sedento que se inclina para a água do riacho que o refresca. Que se alimente da Minha palavra, que penetre no Meu espírito! O dinheiro, a ambição, os prazeres, não saciam a profunda necessidade de atingir a felicidade para a qual fomos criados. Vamos Àquele que espera por nós junto do poço, onde disse a uma pecadora de Samaria: “*Quem beber da água que Eu lhe der jamais terá sede porque a água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente de água a jorrar para a vida eterna*” (Jo 4, 14).

## 2. REALIZAÇÃO ACTUAL DA QUARTA BEM-AVENTURANÇA

Alguns teólogos focalizam o estudo das Bem-aventuranças na análise das circunstâncias do momento em que Jesus as disse. Pode ser interessante comparar os textos de S. Lucas e S. Mateus e relacioná-los com passagens do Antigo Testamento, como a de Isaías: *“Como o faminto sonha que come, mas desperta de estômago vazio...”* (Is 29,8), ou pensar em algumas passagens do Evangelho onde se menciona a fome e a sede.

Embora reconhecendo utilidade nesta relação, essa investigação é para especialistas que devem tomar claro se a justiça equivale a santidade ou se só S. Mateus chamou “justo” a S. José; se a riqueza semântica da palavra justiça só pode balizar-se com um exame exaustivo dos textos evangélicos ou se a verdadeira justiça é de carácter interior, caminhando pela senda do bem que Deus nos manifestou; o que agora mais nos interessa é como dar resposta a “fome e sede de justiça”.

A justiça que se espera que o cristão assuma hoje incide sobre os comportamentos éticos na pluralidade da dimensão das actividades do cristão e a busca permanente de Deus, cumprindo a sua vontade tanto no mais íntimo do nosso ser como no nosso papel social.

Mas o que se pode caracterizar como uma verdadeira aplicação actual da quarta Bem-aventurança é o que chamaríamos uma socialização de mandato: tornar extensiva a todos a justiça, como realização espiritual, material e cultural, superando qualquer individualismo egoísta.

É certo que hoje, quem se refugie na busca da virtude da justiça, como caminho de aperfeiçoamento, no âmbito da sua intimidade e da sua ocupação individual sem projectar-se nos outros, poderá alcançar altas quotas de santidade, mas não pode achar-se sob o manto benéfico da quarta Bem-aventurança.

O inseparável na mensagem evangélica do amor a Deus e ao próximo impede que se acumule perfeição esquecendo a justiça ao próximo, quer dizer, ser abertamente solidário com quem mais necessita: o pobre e o oprimido. A sombra da cruz não tem recantos onde não se chega; projecta-se especialmente ali onde é mais difícil a sua instalação e onde se sente mais fome e sede de justiça.

Esta Bem-aventurança só tem verdadeiramente sentido na medida em que estejamos conscientes, na nossa actuação diária, de que há no mundo mil e duzentos milhões de famintos, o que nos obriga a actuar com urgência e a exigir de nós próprios.

Quando Jesus explicou que no Seu reino entrariam todos os de boa vontade, onde se incluem os pobres, os perseguidos, os marginalizados, os desesperados, causou grande escândalo nos sacerdotes, escribas, fariseus....

Tentando resumir, poderíamos assinalar as seguintes valorações actuais da justiça na quarta Bem-aventurança.

Justiça seria adequar o comportamento de toda a nossa actividade à ética e à solidariedade:

À ética como moral recta ajustada à natureza das coisas, na nossa conduta pública e privada. Nas nossas relações profissionais, de cidadania, sociais e culturais e em toda a rica e variada dimensão da nossa sociabilidade. Na nossa privacidade e, especialmente com a nossa família e colaboradores, tornarmos uma existência mais confortável.

À solidariedade, interessando-nos pela situação do nosso próximo: dos que conhecemos, dos que estão perto, mas não conhecemos, dos que não conhecemos nem estão perto, evitando a exploração do fraco profissional ou social, assumindo a sua defesa e contribuindo para que desapareça ou se atenua a exploração; ajudando tanto os pobres de recursos materiais como os de espírito.

As Bem-aventuranças não podem reduzir-se a um projecto de revolução social, pois qualquer outro programa poderia substituí-las com vantagem. Não há direito de se confundir a fé com uma ideologia, nem a justiça de Deus com a represália social.

Praticar eficazmente a solidariedade tem uma solução difícil, mas uma exposição fácil.

Não podemos dizer aos pobres e marginalizados que se conformem porque alcançarão o céu mais facilmente do que os ricos, porque a sua falta de esperança pode levá-los a actos que os impeçam de alcançar o céu. O Evangelho, que implica boa nova, e as Bem-aventuranças são claros em assinalar que o céu se alcança ganhando-se na terra, principalmente os favorecidos, ajudando os necessitados a superar ou reduzir as suas privações e misérias.

Um dos permanentes riscos que podemos correr é o da falsa espiritualização das Bem-aventuranças – interpretando-as como uma mensagem consoladora, o que implica uma espécie de resignação com a situação das desigualdades e desequilíbrios – considerando materialista o querer remediar as situações de pobreza e indigência, exigindo mudanças e atitudes solidárias. Perante estas tentativas de instalar surdinas tranquilizantes nas consciências dos católicos que se mobilizam pela caridade é, quando esta aparece e se torna necessária, que muitas vezes falha a justiça.

Num mundo estruturalmente injusto, não basta disposição individual de luta contra a injustiça, a pobreza e a indignidade. É necessária uma dupla estratégia. Por um lado, que o pobre se dê conta dessa solidariedade, que não se traduz apenas na melhoria material mas também de afecto, compreensão e, inclusivamente, amor pela sua causa. Por outro lado, que o esforço consiga mobilizar eficazmente colectividades ou juntar-se a eles nesta luta pela superação de todo o tipo de pobreza.

Poderíamos concluir com algumas pistas de conduta:

Participação activa na vida pública para conseguir que a justiça social seja um valor que se consolide na comunidade humana.

Eliminar sinais exteriores de riqueza ou consumismo caprichoso que causem escândalo ou ofendam por contraste.

Agir pessoalmente no que concerne a educação e cultura dos pobres, sacrificando tempos livres.

Envolver-se na educação e formação das crianças e dos jovens para que estes assumam o valor evangélico da justiça e actuem solidariamente.

Cumprir com as obrigações fiscais, exigindo a eficiente e justa aplicação dos recursos públicos.

Compromisso com a defesa da dignidade da pessoa, dos seus direitos e liberdades, das suas garantias e direito à vida.

Não é justo quem se limita a cumprir as leis, pois a justiça evangélica encontra-se na recomendação que S. Lucas transcreve como síntese do amor ao próximo e modelo de atitude justa: “*Sede misericordiosos na medida em que o nosso Pai o é*”, e que nos mostra Deus como modelo de bondade aos olhos dos homens, em busca de uma perfeição, que S. Mateus resume, não apenas como o dever de amar o próximo, incluindo os inimigos, no verdadeiro caminho para a perfeição.

*“A justiça é uma caridade imperfeita e a caridade é uma justiça perfeita.”*

(S. Agostinho)

## PARA VIVER A BEM-AVENTURANÇA AO LONGO DO MÊS

### Para o dever de se sentar

Este mês propomo-vos que o vosso dever de se sentar se inicie com um tempo dedicado à oração com os seguintes textos:

*“Ó Deus, Tu és o meu Deus... A minha alma anseia por Ti como terra seca, sem água...”. CERTO?*

*“Como a corça que busca correntes de água viva, assim a minha alma Te procura, meu Deus...”. DE CERTEZA?*

*“Faça-se a Tua vontade assim na terra como no céu...”. SIM?*

*“Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim...”. ESTAMOS ASSIM TÃO IDENTIFICADOS?*

Depois deste tempo de oração, releiam as pistas de conduta propostas atrás e dialoguem na presença do Senhor, analisando o vosso comportamento e tentando descobrir nessas pistas o que Deus vos pede hoje individualmente e como casal.

### Terminem, dirigindo a Deus a seguinte prece:

*Senhor, Tu és o Deus justo e amas a justiça.  
Que busquemos, antes de tudo, a justiça,  
a justiça do reino,  
seguros de que tudo o resto  
nos será dado por acréscimo.  
Que sejamos homens e mulheres com paixão  
pelo respeito ao direito  
das pessoas e dos povos,  
pela justiça na partilha dos bens,  
nas leis que regem as relações com os povos  
nas pessoas responsáveis  
que os poderosos não esmaguem os humildes.  
Senhor, que os nossos egoísmos  
e os nossos interesses pessoais  
não afoguem a fome e a sede de justiça.*

## Para a regra de vida

Tropeçamos diariamente na injustiça no trabalho, na rua, nos meios de comunicação. Qual é a minha atitude? Penso que não me diz respeito? Que posso fazer?

## Para a oração pessoal, conjugal e escuta da Palavra

Textos da Sagrada Escritura: Is. 58,6-11;Dt 24. 14-18;Sal 11; 24; 72; 146; Mt 5, 17-20

Neste sentido, ser-nos-á muito útil concentrarmo-nos durante este mês nesse valor tão em voga hoje a que damos o nome de “*solidariedade*”:

Claro que não é nada de novo! Claro que pode tratar-se de um entre tantos slogans que alguns põem na moda por interesses vis inconfessáveis! Porém, para nós é uma atitude extraída do Evangelho, que pode perfeitamente ligar-se com esta Bem-aventurança.

- “*Solidariedade*” é a tomada de consciência da nossa participação activa no destino dos outros: É a forma de se sintonizar com as alegrias e as angústias dos outros.
- “*Solidariedade*” é o clima onde crescem facilmente ideais comuns, como o de acabar com a fome e a sede de justiça de muitos.
- “*Solidariedade*” é o critério que devemos usar na hora de distinguir as escalas de valores e as prioridades. Qual é para mim o primeiro, o segundo, o terceiro...?
- “*Solidariedade*” é essa fonte de onde brotam com espontaneidade não apenas as iniciativas como o valor para levá-las a cabo.
- “*Solidariedade*”, para muitos, é, enfim, o novo nome da caridade de sempre.

Mas... esta “**fome e sede de justiça**” são um “*dom do Espírito*”, uma graça que devemos pedir.

## Para a reunião da equipa

QUESTIONÁRIO:

- Concretizar o conceito bíblico de “**justiça**”.
- O que acrescenta o Evangelho ao Antigo Testamento?

- A que justiça se refere a Bem-aventurança? - A sua dupla vertente no que se refere a Deus e aos homens.
- “**Justiça e caridade**”: dois pólos. Excluem-se? Incluem-se? Complementam-se?
- “**Fome e sede**”: como devem manifestar-se na nossa vida?
- Esferas da nossa prática da justiça: Piedade, Igreja, família, trabalho, sociedade...
- Importância da justiça, hoje.

## SÍMBOLO

A ser escolhido em equipa

## ORAÇÃO

### Prece inicial

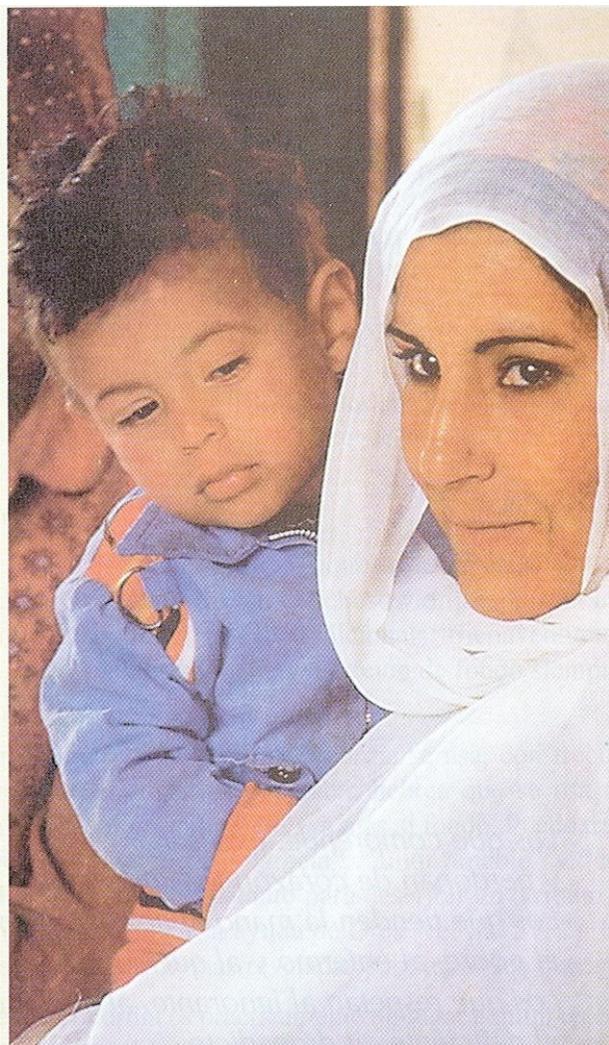
Dá-me, Senhor,  
 a fome de Ti  
 e a sede da Tua Palavra  
 para saciar outras fomes  
 e matar outras sedes,  
 para que a justiça, a Tua,  
 se aninhe no meu coração  
 e dirija os meus passos e as minhas fomes.

### Leitura para meditação: Is 58, 6-11

*“O jejum que eu aprecio é este – oráculo do Senhor Deus: Abrir as prisões injustas, desatar os nós do jugo, deixar livres os oprimidos, quebrar toda a espécie de jugo; repartir o teu pão com o esfomeado, dar abrigo aos infelizes sem asilo, vestir o nu e não desprezar o teu irmão. Então a tua luz surgirá como a aurora e as tuas feridas não tardarão a cicatrizar-se; a tua justiça irá diante de ti, e a glória do Senhor atrás de ti. Então invocarás o Senhor e Ele te atenderá; clamarás e Ele dirá: Eis-me aqui! Se tirares da tua casa a opressão, o gesto ameaçador e o falar ofensivo; se deres pão ao faminto e saciares a alma do pobre, a tua luz brilhará na escuridão e as tuas trevas tornar-se-ão como o meio-dia. O Senhor te guiará constantemente, saciará a tua alma no árido deserto, dará vigor aos teus ossos e serás como um jardim bem regado, como uma fonte de águas inesgotáveis.”*

## Prece final

Senhor, Tu enviaste o Teu Filho  
para “cumprir toda a justiça”.  
Ele proclamou bem-aventurados  
os homens e as mulheres  
empenhados em que haja justiça para todos.  
Pôs a lei ao serviço das pessoas  
e não quis tornar o homem escravo da regra.  
Pai justo e Deus da justiça,  
nós, homens, criámos um mundo  
de leis injustas, partilhas injustas.  
Os pobres, os deserdados, os explorados  
ficaram sempre com a pior parte na partilha.  
As injustiças têm nome:  
fome, dor, analfabetismo,  
Desemprego, crianças sem pátria,  
homens e mulheres sem terra e sem tecto.  
Senhor, que chegue o Teu reino e a sua justiça,  
para que saltem de júbilo:  
Os que choraram lágrimas de rebeldia  
sob o pé injusto dos poderosos.  
Os povos explorados e as suas gentes  
a quem temos negado o pão e o sal  
na mesa comum preparada por todos  
e por Ti generosamente abastecida.  
Senhor, só cessará a fome de pão,  
de igualdade, de humanidade e de cultura  
quando os famintos e sedentos de justiça  
saciarem a sua fome e sede e fiquem fartos.



**“Bem-aventurados os misericórdiosos  
porque alcançarão misericórdia”**

Os que compreendem e perdoam de coração as falhas dos outros.

Os que estendem a mão ao abandonado,  
ao pobre, ao doente e ao que sofre.

Os que respeitam o ignorante, o idoso,  
o deficiente, o drogado...

Os que se pegam mais ao que nos une  
do que ao que nos separa.

Os que rezam com sinceridade:

*“... como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”*

## CAPÍTULO VI

### QUINTA BEM-AVENTURANÇA

*“Bem-aventurados os misericordiosos  
Porque alcançaram misericórdia”*

#### INTRODUÇÃO

Também esta Bem-aventurança se expressa de diversas formas, segundo as diferentes traduções da Bíblia. “Ditosos os que dão ajuda...”, diz uma; outros traduzem-na de forma mais tradicional: *“Bem-aventurados os misericordiosos...”* De qualquer modo, como pano de fundo, permanece sempre uma atitude: a misericórdia.

No nosso mundo, a palavra misericórdia usa-se, com frequência, num contexto jurídico; no entanto, a palavra hebraica que se usa com mais frequência para misericórdia, “*khnesed*”, vai bem mais ao fundo. Pode também traduzir-se por “ternura”, “gentileza”, “graça”, “amor” e “autodoação, amor incondicional” e é usada tanto para descrever um atributo de Deus (ver Sal 25, 10), como para pedir a ajuda de Deus (ver Sal 51,2). A misericórdia é uma das forças divinas reveladas a todos os que amam a Deus.

Falar de misericórdia é praticamente um lugar comum no relato bíblico. No texto hebraico, os peritos encontraram trezentos termos que se traduzem por “misericórdia”. Autores extra-bíblicos consideram que misericórdia é sofrimento perante o mal alheio e crêem que é um sinal de debilidade. Pelo contrário, no Novo Testamento retoma-se o conceito bíblico inicial de compaixão perante as necessidades físicas e morais do próximo com empenhamento para solucioná-las; de tal forma que a palavra grega que se utiliza no Novo Testamento nesta Bem-aventurança, “*eleos*” está muito ligada com a palavra grega “*eleemosyne*” = “*obras realizadas gratuitamente em favor dos necessitados, doação de misericórdia*” e é fulcral no hino de acção de graças de Maria (Magnificat) por ter sido escolhida para dar à luz o Messias.

## 1. O QUE SIGNIFICA EXACTAMENTE A PALAVRA MISERICÓRDIA

Cristo ensina que os que procuram a misericórdia de Deus devem perdoar aos outros. Este princípio é de tal forma fundamental que Cristo o inclui na oração que ensina aos discípulos: *“Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”*. Cada vez que recitamos o Pai-nosso, pedimos a Deus a mesma medida de misericórdia que oferecemos aos outros.

S. Paulo define Deus como *“Pai das misericórdias”* e *“rico em misericórdia”*. Os Evangelistas, por seu lado, relatam os milagres de Jesus como realizados com frequência por compaixão. Embora seja S. Mateus quem descreve de modo mais completo as Bem-aventuranças, S. Lucas é o autor do denominado *“Evangelho da Misericórdia”*. Ele relata as principais parábolas da misericórdia no seu capítulo 15 *“ovelha e dracma perdidos”*, *“o filho pródigo”* e refere máximas como *“sede, pois, misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso”* ou *“fazei aos outros o mesmo que quereis receber deles”*.

Santo Agostinho, bispo e santo e, sobretudo, um homem que viveu profundamente a misericórdia de Deus, define-a como *“uma certa compaixão pela miséria alheia que nos impele a socorrê-la, se pudermos”* (A Cidade de Deus, IX, 5).

Misericórdia significa literalmente *“coração aflito”*; ter misericórdia é ser compassivo, *“padecer com”* quem sofre, fazendo o que está ao nosso alcance para evitá-lo ou minorá-lo; não é uma atitude exclusivamente cristã. Qualquer ser humano bem formado é capaz de compadecer-se e mitigar o mal que afecta os outros; não obstante, para quem tenta fazer da sua vida a mensagem cristã, o significado de misericórdia tem um modelo último: o do mesmo Deus que Se fez homem para nos salvar. A misericórdia cristã é, na realidade, um aspecto da caridade. A compaixão é um acto interno de amor ao próximo que leva a actuar; também existe uma relação estreita entre misericórdia e justiça.

*“O Senhor é tão misericordioso quanto justo”*. Esta oração do salmista é um dos muitos versículos da Bíblia em que se comparam estes atributos de Deus que percorrem e iluminam a história do povo de Israel, tão ferido por uma Injustiça inflexível como elevado por uma Misericórdia inesperada. Mas, embora Deus castigue e perdoe sucessivamente, não podemos concluir a partir daí que os Seus sentimentos variam como os nossos. Em Deus *“não se dão mudanças nem alterações”* (Carta de S. Tiago 1,17). É bom quando castiga e justo quando perdoa.

As noções de justiça e de misericórdia também são correlativas, quando a Escritura as aplica ao homem, como indica este texto do profeta Miqueias: *“Já te foi revelado, ó homem, o que convém, o que o Senhor quer de ti: nada mais do que praticares a justiça, amares os irmãos e andares com humildade diante de Deus”* (Mi 6,8). O programa em torno do qual Jesus agrupa os Seus discípulos segue, pois, dentro da linha tradicional. Depois de os

convidar a TER FOME E SEDE DE JUSTIÇA, o Senhor acrescenta: *“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”*.

A quinta Bem-aventurança completa a anterior, sem a corrigir, como poderíamos ser levados a supor. Porque é justo compadecer-se de todos os que sofrem. No entanto, à primeira vista, poderia parecer que a justiça se opõe à misericórdia, porque esta tende a exceder-se na ajuda ao próximo acima do estritamente devido. Na realidade, a misericórdia supera a justiça, vai além do justo; como afirma a carta de S. Tiago: *“A misericórdia vai além do juízo”*. No caso de Deus, a aparente contradição entre justiça e misericórdia desaparece: Deus não é injusto ao ser misericordioso; a misericórdia supera a justiça. Pobres de nós se não fosse assim!

*“Como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de misericórdia, bondade, humildade, mansidão e paciência”* (Col 3,12)

O amor do homem, o nosso amor, é selectivo; por isso há uma grande diferença entre a palavra amizade e a palavra misericórdia. Desde que temos o uso da razão, seleccionamos a amizade, conforme as pessoas nos caem bem ou mal, enquanto que a misericórdia é universal: não conhece problemas de personalidade nem um mau momento de uma pessoa; isto é uma graça de Deus. A misericórdia não é uma qualidade moral; não estamos a falar de qualidades morais. Não há qualquer qualidade moral que nos faça entrar neste tipo de amor; por muito que nos esforcemos, nunca chegaremos a esse ponto. Se este amor estivesse ao alcance dos homens, não haveria necessidade de Deus e muito menos de que Deus Se tivesse feito homem e morrido na cruz. Posto que não há qualquer qualidade moral que nos faça assumir a paixão do outro, já que o homem não tem este amor de misericórdia, porque não está ao seu alcance, se um dia o vier a ter é porque nasce nele através do Espírito, por pura iniciativa de Deus, como uma oferenda sua.

## **2. OS MISERICORDIOSOS**

A misericórdia de Deus é eterna e contínua. Em vários momentos na Bíblia encontramos exemplos de misericórdia que culminarão na parábola do Bom Samaritano.

S. Lucas tem um texto das Bem-Aventuranças não tão extenso como o de S. Mateus e nele diz Jesus: *“Por isso digo aos que me escutais: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizei aos que vos maldizem...”* (Lc 6, 28-28). Começa com uma primeira referência *“aos que escutais”*, quer dizer, aos que haveis feito da vossa vida somente uma coisa: ouvir. E se Jesus, no Sermão da Montanha de S. Mateus, diz: *“Procurai primeiro o Seu reino e a Sua Justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo”* (Mt 6,33), aqui Jesus diz: Abri o ouvido e o resto ser-vos-á dado por acréscimo.

Bendizer significa falar bem, dizer bem. A prova pessoal de que realmente amamos o nosso inimigo é a de que falamos bem dele: se há uma pessoa com quem não simpatizamos e conversamos com ela, estamos a fazer com liberdade uma opção pessoal pelo Evangelho, a opção de ouvirmos.

*“A quem te bater numa das faces oferece-lhe também a outra; e a quem te levar a capa não impeças de levar também a túnica. Dá a todo aquele que te pede e ao que se apodera do que é teu não lho reclames. O que quiserdes que os homens vos façam fazei-lho vós também. Se amais os outros que vos amam, que agradecimentos mereceis? Os pecadores também amam aqueles que os amam”* (Lc 6, 29-32). Não faz falta Deus para amarmos os que nos amam. Na terra há mais de seis milhões de pessoas que fazem exactamente isso e não necessitam do Evangelho; têm-no no seu íntimo; não faz falta Deus para nos aproximarmos da pessoa com quem simpatizamos.

*“Amai os vossos inimigos, fazei o bem, dai sem nada esperar...”*. Isto é outra coisa, isto é liberdade; porque, quando nada se espera, é-se livre. O homem mais livre do mundo é o homem que ama sem limites aqueles que Deus põe no seu caminho e ao mesmo tempo não espera nada de nada porque tem o acréscimo que Deus lhe deu. Se se aproximam as pessoas é porque Deus se aproxima, não porque as tenha procurado; este é o homem mais livre do mundo e não se aproveita de ninguém em benefício próprio. Dar sem esperar nada em troca e esperar tudo de Deus, ter esperança somente em Deus será a grande recompensa. O mesmo Deus, na Sua providência, proverá às nossas carências por meio das pessoas certas que coloca na nossa vida.

Esta recompensa aparece no versículo seguinte: *“sereis filhos da luz, tereis o poder para serdes filhos de Deus, porque ele é bom com os ingratos e perversos”*, quer dizer, com todos os homens. De facto, ninguém que tenha procurado e procure honestamente Deus se sentiu defraudado com o poder criador de Deus para fazê-lo Seu filho. Quando Deus fala, fala a todo o mundo, amigos e inimigos, sejam ou não pecadores. Somos filhos de Deus, quando temos a Vida, não porque está escrito nos assentos paroquiais.

Depois Jesus acrescenta: *“Sede compassivos como o vosso Pai é compassivo”*. Tudo o que diz respeito ao amor Jesus engloba na palavra compaixão. Mas aqui já não se trata de inimigos mas de “pegar na paixão do outro e entrar nela”. Quem não é filho de Deus não pode compreender isto; porque não se trata de uma questão de princípios morais, é uma prerrogativa de Deus. *“Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; dai e recebereis”* (Lc 6, 36-38). Vale a pena procurar Deus e o que Ele nos der. E diz: *“Ser-vos-á dada uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante. A medida que empregardes com os outros será usada convosco”* (Lc 6, 38). Cada pessoa tem as suas necessidades e só Deus as colmata. Deus desce à nossa realidade e – Ele que tem o Espírito de Deus, ou seja, que foi criado de novo, – tem a capacidade

de de entrar na realidade do Seu irmão; e quando alguém tem a capacidade de entrar na realidade do seu irmão, cumpre-se a promessa de Jesus: *“É por isto que todos saberão que sois Meus discípulos: Se vos amardes uns aos outros”* (Jo 13, 35). Por isto saberão que haveis sido criados de novo.

### 3. JESUS, NOSSO MODELO, PASSOU FAZENDO O BEM

Jesus percorria todas as cidades ensinando nas sinagogas, proclamando a boa nova do Reino e curando todas as enfermidades: *“Ao ver a multidão sentiu compaixão”*. Sentiu compaixão por eles *“porque estavam cansados e abatidos como ovelhas sem pastor”* (Mt 9, 36).

Quando Deus envia a Cornélio, um centurião romano, Pedro para o evangelizar, Pedro assusta-se pelo facto de se tratar de um pagão e, quando tem de falar de Jesus, não sabe como começar. No final diz algo de maravilhoso: *“Passou fazendo o bem”* (Act 10, 38).

Detemo-nos agora na parábola do Bom Samaritano: *«Levantou-se então um doutor da Lei e perguntou-Lhe, para O experimentar: “Mestre, que hei-de fazer para possuir a vida eterna?” Disse-lhe Jesus: “Que está escrito na Lei? Como é que a lês?”. O outro respondeu: “Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo”. “Respondeste bem” – disse Jesus. “Faz isso e viverás”. Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?”. Tomando a palavra, Jesus respondeu: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu em poder dos salteadores que depois o despojaram e encheram de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto... (Lc 10, 25-30).*

Este homem que desce de Jerusalém para Jericó, segundo Orígenes, Pai da Igreja, imagem de Adão e Eva saindo do paraíso, cai nas mãos de salteadores, que são as nossas necessidades, enganos, incoerências e, depois de despojá-lo, deixam-no meio morto. É horrível ver, hoje, se olharmos à nossa volta, gente que sofre, quer nos falem ou não disso, que deitam a culpa ao mundo todo, a mil coisas, quando o problema é outro. Se tivéssemos compaixão para ir ao encontro dos nossos irmãos, de todos os cansados da vida que não têm ninguém que os cure, que lhes dê luz, com poucas palavras, abrindo apenas o coração, saberiam que Deus é bom com todos e que Deus está com eles.

Não podemos ficar indiferentes, não podemos ficar tranquilos. Talvez seja este o maior sofrimento que toca aos crentes, porque é o sofrimento que mais alcança o coração de Deus. Se pensamos que estamos na igreja para sermos muito “devotos”, estamos muito enganados: estamos para amar o próximo, para ter misericórdia.

*“Descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante”* (Lc 10-31-32). Estas palavras impressionam. Este sacerdote não pôde acudir a este homem porque representava a Lei e esta nada pode fazer; acompanha as pessoas moralmente intocáveis, os que têm a fasquia muito alta. Mas a Lei, perante um homem meio morto, nada pode fazer; é impotência, não egoísmo. Depois passou um levita e fez o mesmo.

Se passamos adiante, não fazemos nada. Que forma de perder tempo! Não podemos ficar de mãos nos bolsos, com as nossas piedades e devoções. No entanto, há muitos homens e mulheres que estão “cansados e humilhados” e nós por trás da água benta e das velas!

*“Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de piedade. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele”* (Lc 10, 33-34). Os samaritanos eram inimigos do povo de Israel por causa do templo, do lugar de adoração a Deus. Pois bem, um samaritano que ia a caminho chegou junto do ferido, teve compaixão, aproximou-se, amou-o e, vendo as suas feridas, depois levou-o para a estalagem e encarregou o estalajadeiro de cuidar dele. Jesus é este samaritano.

Jesus disse: *“Escutai”* e o resto ser-vos-á dado por acréscimo. Ouve e nada mais; ouve e todos os espinhos que tens na tua vida, Deus retirar-tos-á. Só Deus é bom e só Jesus nos tira o cansaço e o abatimento. E se começámos a pensar que a Deus não Lhe interessam as nossas virtudes nem as nossas promessas, se descobrimos que apenas interessa é que, por uma vez na vida, olhemos para cima, levantemos os olhos e vejamos um Pastor que nos tira o nosso *“encurvamento”* (Lc 13, 10-13), então, a partir daí virá tudo e teremos a capacidade de ver e ajudar o ferido. Ouvi e o resto ser-vos-á dado por acréscimo.

#### **4. DESCENDO À REALIDADE**

Ao tratar-se esta Bem-aventurança, é fácil determo-nos em considerações teóricas. A misericórdia não é um sentimento humanitário, mas alivia a dor alheia: *“A misericórdia não se fica por uma simples atitude de compaixão. A misericórdia identifica-se com a superabundância da caridade”* (S. José Maria Escrivá, Amigos de Deus, n.º 232).

Para ser práticos convém enfrentar a verdade sem paliativos. Porque sofrem os homens e as mulheres dos nossos dias? Que podemos fazer para não amar só de boca, mas com obras e de verdade? Que males afectam de maneira mais incisiva aqueles com quem partilhamos este aqui e agora do novo milénio? Não precisamos de pensar muito para chegarmos à conclusão de que são os do costume, embora com algumas cambiantes,

porque os principais males que nos afectam têm raízes antigas, infelizmente presentes no homem desde o princípio da humanidade.

São muitas as misérias que se encerram nos homens e mulheres do nosso tempo, que nos dão golpes todos os dias e se metem em nossas casas através dos meios de comunicação. Mas, como compadecer-se de maneira efectiva e não apenas afectiva dos males alheios? Uma boa forma de o fazer seria voltar às raízes. Quer dizer, ter em conta as “obras de misericórdia” e embora no texto de S. Mateus (25, 34.40) Cristo cite seis tipos de actividades misericordiosas – dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, dar guarida aos peregrinos, visitar os doentes e os presos – as obras de misericórdia incluem toda a preocupação com os outros, principalmente pelos que são esquecidos com mais facilidade, marginalizados ou convertidos em foco de ira mais do que de amor.

O nosso mundo está cheio de contrastes: os avanços da ciência e da tecnologia são compatíveis com a fome e com a guerra. *“O mundo está cada vez mais poderoso e fraco, capaz do melhor e do pior, pois tem aberto o caminho para optar entre liberdade e a escravidão, entre o progresso e o retrocesso, entre a fraternidade e o ódio. O homem sabe muito bem que está na sua mão dirigir correctamente as forças que ele desencadeou e que podem desfazê-lo ou salvá-lo”* (Gaudium et Spes, n.º 9).

O nosso mundo clama por misericórdia e a nossa resposta tem de ser a promoção e extracção do bem de todas as formas de mal existentes no mundo e no homem.

## 5. PORQUE ELES ALCANÇARÃO MISERICÓRDIA

Porque eles alcançarão misericórdia. Jesus não diz: merecerão misericórdia. O perdão divino é um acto de amor gratuito. Só temos de o agradecer e de nos alegrarmos por sermos perdoados. Constitui uma das mais paradoxais maravilhas do Evangelho esta afirmação de Jesus de que Deus fica feliz por nos perdoar, de que é mais feliz ao absolver-nos do que o que nós somos ao ser libertados das nossas culpas.

Como dar-Lhe graças de semelhante bondade? Jesus não no-lo disse e isso faz-nos compreender esta Bem-aventurança. O que nós esperamos de Deus devemo-lo aos nossos irmãos. Não nos preocupemos mais com a sua indignidade, pois devemos-lhes um amor gratuito como o que Deus nos atesta.

Bem-aventurados os misericordiosos! A Igreja de Deus na terra é uma grande família de pecadores perdoados constantemente, a caminho da conversão e que caminham juntos rumo à santidade. Que não haja mais censuras nem mais suspeitas entre nós. Vamos esmiuçar as dúvidas dos nossos irmãos, quando Deus nos perdoa as nossas? Peçamos a

Jesus que ocupe em nós o lugar do nosso eu e que nos dê aquilo a que S. Paulo chamava “*umas entranhas de misericórdia*” (Col 3,13). Um conjunto de irmãos trémulos perante a justiça de Deus mas “que levam as cargas uns dos outros”, que se apoiam mutuamente e que encontram força pondo em comum todas as suas fraquezas; é essa a Igreja dos cristãos na terra.

A misericórdia pode parecer uma qualidade frágil. Queremos misericórdia para nós próprios, mas resistimos a praticá-la relativamente aos outros. Desejamos julgar tudo o que apenas conhecemos ou olhá-lo de um só ângulo. Tendemos a ver-nos só com bons olhos. Afinal, somos gente mais ou menos decente, com intenções relativamente boas. Em suma, não somos assassinos nem traficantes de droga. Mas Cristo chama-nos à conversão, vivendo a misericórdia de Deus.

## SUGESTÕES PARA VIVER ESTA BEM-AVENTURANÇA AO LONGO DO MÊS

### **Para o dever de se sentar**

Dedicar um dever de se sentar à misericórdia é, desde logo, como projecto vital, situar-se numa atitude de confiança positiva e de esperança activa, pois assumir a misericórdia leva-nos a compreender que a dor será transitória e até medicinal, a reconhecer que a situação do outro pode mudar e a admitir as nossas próprias quedas e inconstâncias.

### **Texto para reflectir**

*“Havia uma vez uma mulher que era de uma fraqueza insuperável e morreu. Não deixou para trás nenhuma obra boa. Os diabos pegaram nela e deitaram-na às chamas. O seu anjo da guarda pensou: Que boa acção dela posso recordar para a contar a Deus? Então, lembrou-se e disse a Deus: ‘Uma vez ela descascou uma cebola e deu-a a uma mulher pobre’. Deus respondeu-lhe: ‘Pega agora na mesma cebola, oferece-lha no lago, deixa que a agarre e puxa; se a tirares do lago pode ir para o paraíso, mas se a cebola se desfizer, tem de continuar onde está’. O anjo correu para junto da mulher ofereceu-lhe a cebola e disse-lhe: ‘agarrá-a e eu puxarei’. E começou a puxar com cuidado. Já a tinha praticamente tirado, quando outros pecadores do lago viram que a estavam a retirar e começaram a agarrá-la para saírem com ela. Mas a mulher era de uma debilidade insuperável e começou a dar-lhes patadas: ‘é a mim que estão a puxar, não a vocês, é a minha cebola, não a vossa’. Assim que disse isto, a cebola desfez-se e a mulher voltou a cair ao lago onde continua a arder até hoje. O anjo afastou-se a chorar.”*

(Dostoievski, Os irmãos Karamazov)

## **Para dialogar em casal sobre a misericórdia**

Nesta altura propomo-vos uma forma diferente para o vosso diálogo. Três passagens do Evangelho ajudar-vos-ão a reflectir outras tantas vivências de misericórdia:

### **1º As mulheres de Jerusalém na via dolorosa**

O Mestre sofre uma crueldade indescritível. Um grupo de mulheres, certamente mães, apieda-se do Mestre e chora a sua dor. Nesse momento, Jesus olha-as, esquece o Seu próprio sofrimento e conforta-as. Pede-lhes que não chorem por Ele. E profetiza-lhes que o homem fará atrocidades contra si próprio. Essa dor, a que os homens sofrem por causa dos homens, é que deve ser objecto de compaixão. A misericórdia torna-se, aqui, advertência para evitar provocar a dor e para acabar com o que a provoca.

*Em que medida somos consoladores do sofrimento do nosso cônjuge, dos nossos filhos, da nossa família, daqueles que nos rodeiam: os vizinhos, os colegas de trabalho, os membros da equipa...?*

*Somos causa, ainda que inconscientemente, de dor para os outros, para o nosso cônjuge, para os nossos filhos...?*

### **2º A mulher adúltera**

Os fariseus, legalistas cem por cento, exigem de Jesus umas palavras que julguem essa pobre mulher. Esperam uma condenação, porque o pecado é grave e é proibido por Lei. Mas Jesus deixa de lado a mulher e o seu pecado e leva os fariseus ao auto-juízo do seu coração. Porque para além de um facto concreto – por muito mau que possa ser – está a pessoa. Por isso, logo se volta para a mulher e lhe diz que vá e que não volte a pecar. Aqui, a misericórdia é perdão e convite à conversão.

*Qual é a qualidade do nosso perdão? Fica algo no nosso coração que não tenhamos perdoado ao nosso cônjuge e aos nossos filhos? Se assim é, porque não fazê-lo agora?*

*Somos capazes de ver no outro, para lá das suas acções, a importância da sua pessoa?*

*Reconhecem em nós as acções do Mestre pela nossa forma de perdoar?*

### **3ª O bom ladrão no calvário**

Perante a massa vociferante, os sacerdotes satisfeitos e o pedido de milagre do outro ladrão, o bom ladrão só reconhece a sua própria culpa, aceitando como justa a sua condenação. Defende o inocente e atreve-se a pedir a sua compaixão que intui da dor inocente de Jesus. E Jesus oferece-lhe o Paraíso. A misericórdia, aqui, apresenta-se-nos como a vitória do homem que se sabe miserável e se confia a quem pode redimi-lo.

*Falemos com o nosso cônjuge acerca dos nossos fracassos, das nossas intenções falhadas de sermos melhores, dos nossos desânimos e peçamos-Lhe ajuda para não desfalecer, para recomeçar sempre de novo.*

### **Para a regra de vida**

Três componentes irrenunciáveis da misericórdia que poderiam ajudar-nos a fixar uma regra de vida:

- Observar, reconhecer, chorar e assumir a dor dos irmãos, num acto positivo de proximidade e encarnação dessa dor.
- Dar prioridade, apesar dos actos negativos dos outros, ao homem. Porque, como diz S. Paulo: “*o bem que quero não faço e faço o mal que não quero*”.
- Reconhecer o nosso próprio mal, esse que nos leva a afastarmo-nos do Pai. A misericórdia inclui também a compaixão connosco próprio e o darmos a nós mesmos sempre uma nova oportunidade.

### **Para a oração pessoal, conjugal e escuta da Palavra**

Textos da Sagrada Escritura: Is 49,7-16; Lc 1, 46-55; 1, 68-79; Os 11, 1-9; Lc 15; Sal 50; 102; 129; 135; Jo 10, 1-8 e 27-30

### **Para recitar com frequência**

*Pai de misericórdia  
que salvas todas as dores,  
escuta os gemidos dos homens  
que Te clamam com um choro tão profundo.*

*Pai bom e acolhedor,  
que perdoas as minhas culpas e os meus erros,  
escuta a minha humilde prece  
e concede-me o Teu perdão.  
Pai amoroso e otimista,  
que, apesar de todos os nossos males,  
confias em nós  
e nos dás a conhecer a alegria que nasce  
da conquista apaixonada da justiça.  
Já conheces as minhas condenações,  
já conheces a minha impaciência e a minha intolerância,  
vem salvar a minha impotência  
e animar a minha esperança.  
Já vives no meu coração debilitado  
e sofres com o meu pecado constante,  
enche-me do teu amor  
e dá-me forças par lutar.  
Já choras as minhas dores  
e doem-te as minhas maldades,  
deixa-me partilhar os suores  
e as penas dos peregrinos.*

*Pai bondoso,  
que sempre nos dás oportunidades,  
torna o nosso coração generoso  
para que sempre comecemos a caminhar...*

## **Para a reunião da equipa**

### **QUESTIONÁRIO:**

- Motivações mais importantes para praticarmos a misericórdia.
- Como praticamos a misericórdia? Porque é este um ponto fundamental da conversão?
- A misericórdia é uma virtude para os fracos?
- As exigências humanitárias e sociais esgotam-se na justiça, sem que haja lugar à misericórdia evangélica?

- Até onde vai para nós, cristãos, o perdão no exercício da misericórdia?
- Citem ocasiões e modos de ser misericordiosos.

## SÍMBOLO

A ser escolhido em equipa

## ORAÇÃO

### Prece inicial

Senhor, diante da falsa imagem de Deus,  
duro e justiceiro,  
revelaste-te um Pai cheio de carinho,  
mãe de coração grande,  
onde cabem todos os homens,  
justos e injustos, maus e bons.  
Será, Senhor, a misericórdia o Teu lado fraco?  
Pai consolador e origem de todo o consolo,  
ter entranhas de misericórdia,  
perdoar sem medida,  
é privilégio dos fortes.  
Senhor, neste mundo governado  
por homens e mulheres de coração duro,  
por multinacionais sem rosto,  
faz circular nas nossas ruas,  
nos nossos escritórios, hospitais e clínicas,  
homens e mulheres felizes  
por fazer da misericórdia  
o exercício quotidiano da sua vida.  
Há pobres que pedem pão e azeite,  
doentes que reclamam um médico,  
meninos que choram, oprimidos que clamam por justiça.  
Todos, velhos e crianças,  
necessitam de uma mesa bem posta  
de misericórdia e de ternura.  
Se temos de cair em algumas mãos,  
que caiamos, Senhor, nas Tuas,  
cantando sempre as Tuas misericórdias.

## Leitura para meditação: Lc 10, 25.37

*«Levantou-se então um doutor da Lei e perguntou-Lhe, para O experimentar: “Mestre, que hei-de fazer para possuir a vida eterna?” Disse-lhe Jesus: “Que está escrito na Lei? Como é que a lês?”. O outro respondeu: “Amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo”. “Respondeste bem” – disse Jesus. “Faz isso e viverás”. Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?”. Tomando a palavra, Jesus respondeu:*

*“Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu em poder dos salteadores que depois o despojaram e encheram de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. “Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de piedade. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: “Trata bem dele e o que gastares a mais pagar-te-ei quando voltar.”*

*“Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?” Respondeu ele: “O que usou de misericórdia para com ele”. Jesus retorquiu: “Vai e faz tu também do mesmo modo”».*

## Prece final

Falta-me, Senhor, paciência:  
para analisar e saborear as coisas e os sucessos,  
para escutar as estrelas,  
as árvores...  
para compreender a história.  
Falta-me paciência, Senhor,  
para confiar em que o meu irmão pode mudar,  
que se está a estruturar,  
que também lhe é possível a conversão.  
No entanto,  
quantos clichés impomos!  
Quanta dor e quantos muros criados!  
Como encerramos a confiança e a vizinhança,  
afogados numa “fama” levantada!

Falta-me paciência comigo mesmo:  
vou-me abaixo facilmente quando julgo que não avança.  
O meu empenho tomba ao primeiro stop.  
A chamada à conversão  
torna-se-me pura ilusão,  
puro slogan sem encarnação real na minha vida.  
Tu, Senhor, convidas-nos à misericórdia,  
que é muito mais do que a resignação,  
muito mais do que a compaixão ou o conformismo.  
É acolher o irmão para comungar com ele,  
partilhar o irmão para crescer juntos.  
Convidas-nos à misericórdia:  
a confiar no crescimento do irmão,  
na positividade do irmão,  
na irmandade do irmão.  
A confiar em que nos olhos do irmão há luz  
e no seu sorriso há palavra;  
a assumir que a dor do irmão é também minha,  
que o seu sofrimento é meu.  
Convidas-nos, Senhor,  
a iniciar uma felicidade nova e paradoxal:  
a felicidade de sermos nós sendo os outros,  
a felicidade de ser feliz, felicitando-nos,  
a felicidade da dor partilhada,  
a felicidade da fome alimentada,  
a felicidade de uma misericórdia universal e próxima,  
concreta e aberta,  
simples e atrevida.  
Dá-nos, Senhor, a Tua misericórdia,  
essa que nos torna família,  
essa que limpa o nosso egoísmo e a nossa comodidade,  
essa misericórdia que Tu viveste,  
da qual nos disseste:  
“Quem acolhe um destes,  
os meus irmãos mais pequeninos,  
é a Mim que acolhe”.

Jose Fernandez Paniagua



**“Bem-aventurados os puros de coração  
porque verão a Deus”**

Os que não vêem “segundas intenções”  
nas pessoas ou situações.

Os que nunca têm duas caras  
e olham as pessoas de frente.

Os que amam de verdade as pessoas,  
a natureza e as coisas.

Os que são transparentes como o cristal  
nos seus pensamentos, desejos e acções.

## CAPÍTULO VII

### SEXTA BEM-AVENTURANÇA

“Bem-aventurados os puros de coração,  
porque verão a Deus”

#### INTRODUÇÃO

Estamos perante uma Bem-aventurança que os tradutores do Novo Testamento formulam praticamente da mesma maneira. No entanto, nós homens nem sempre temos estado de acordo com estas “*purezas*”. Gostamos, isso sim, de fazer-nos de puros: puros de sangue, puros de corpo, puros de pecado, puros de fama, etc. O certo é que muitas vezes temos confundido tudo e não é de estranhar que também andemos um pouco confusos com isto de acertar com o verdadeiro conteúdo desta expressão evangélica.

Esta Bem-aventurança é fundamental para entrar na dinâmica do Reino por contraposição à mentalidade dos fariseus e das suas insistência perante o ritualismo minucioso e pormenorizado de impurezas legais e das correspondentes purificações corporais.

Cristo afirma taxativa e definitivamente a preeminência do interior do homem, da purificação e limpeza do fundo do ser que supõe a conversão do coração, o afastamento radical do pecado e a abertura ao amor a Deus e aos irmãos.

A que “**coração**” se refere o evangelista e qual é o tipo de limpeza que deseja Cristo? É claro que, no seu aspecto fisiológico, “**coração**” significa o mesmo em hebraico que nas línguas actuais. Noutras acepções, ao contrário, apresenta diferenças que é necessário ter em conta para compreender o que Cristo quis dizer com esta Bem-Aventurança.

Para nós, “**coração**”, em sentido metafórico, designa o centro da vida afectiva e emocional. Para um hebreu e, portanto, para Jesus, é o mais profundo do ser humano, a raiz última da sua personalidade, a fonte dos seus pensamentos, intenções, desejos, recordações, emoções... É o reduto recôndito da vida emotiva, volitiva, intencional e intelectual. É aí que reside a Lei não escrita que todo o homem alberga em si mesmo (Rom 2,15). Daí surge a responsabilidade, o mérito e o demérito. Aí se realiza a preciosa acção de Deus e é onde o homem se abre ou se fecha ao amor. É também o lugar onde nascem ou confluem as relações que o homem mantém com Deus e com o próximo. Amamos e odiamos de todo o coração. Temos bom ou mau coração. Abrimos o coração de par em par à pessoa de Jesus. E o coração serve-nos, como a Maria, para guardar e meditar na Palavra do Senhor. De que tipo de pureza fala o Evangelho? O conceito de puro opõe-se, evidentemente, ao de sujo; não se trata aqui de uma pureza meramente externa mas interior. Neste sentido, o coração é fonte que vicia ou garante a pureza de quanto brota dele. Recordemos a discussão de Jesus com os fariseus que criticavam os seus discípulos por não se lavarem, como era hábito, antes de comerem. Jesus responde-lhes afirmando que o que sai do homem é que torna o homem impuro (ver Mc 7, 15 e 20-23). E, ao contrário, também sai de dentro o que nos limpa e dignifica. Também brotam do nosso coração os bons desejos e as boas acções. Não pode existir, pois, identificação com a vontade de Deus senão a partir de um coração puro.

## 1. A PUREZA DE CORAÇÃO

O que significa “**pureza de coração**”? A palavra “puro” quer dizer, normalmente, “limpo”, por oposição a “sujo”, “manchado”.

*“Aquele que está lavado – disse Jesus a Pedro – não necessita de lavar senão os pés, pois está todo limpo. Também vós estais limpos, mas não todos.” (Jo 13, 10). É evidente que, neste contexto, a palavra “puro” tem uma ressonância muito diferente.*

A pureza de coração no contexto judeu, muito ritual na sua origem, foi-se tornando cada vez mais interior. Nos livros mais antigos da Bíblia, a pureza é uma categoria ritual; assim se distinguem os animais puros e impuros; o mesmo se passa quando esta noção se aplica às pessoas. O Levítico enumera toda uma série de formas de contrair uma impureza ritual, que impede de participar no culto mas que não tem, em si mesma, qualquer carácter moral.

A pregação dos profetas foi levando progressivamente Israel a descobrir que a santidade de Deus é de ordem moral e, portanto, paralelamente, que as condições para nos aproximarmos de Deus não são de ordem ritual, mais ou menos mágica, mas de ordem moral. Passando, assim, do plano ritual para o plano moral, rapidamente se chega à noção de pureza de coração, de uma pureza situada ao nível da conduta, das disposições interiores.

No livro dos Salmos encontramos uma concepção de pureza de coração que é a da rectidão, de ausência de falsidade. Assim, no salmo 24, aquele em que se inspira a sexta Bem-aventurança, estamos no plano exclusivamente moral. As condições para se apresentar perante Deus resumem-se a quatro. As duas primeiras são gerais: ter as mãos inocentes e um coração limpo; as outras duas são aplicações concretas: não adorar ídolos (outros traduzem: não seguir a vaidade, o falso, o vazio) e não jurar em falso.

O mesmo podemos encontrar no salmo 15; e o salmo 73 estabelece esta mesma associação entre inocência de mãos e pureza de coração. Estas associações habituais são importantes. O coração e as mãos são a sede dos pensamentos e o instrumento das acções; isto representa o homem na totalidade. Nós tendemos a dissociar as intenções dos actos e a colocar toda a importância nas intenções. Para S. Mateus, a dissociação entre o interior e o exterior, entre o que se pensa e o que se diz, é uma hipocrisia. Atender só à pureza de intenção quando se fala de pureza de coração torna-se perigoso. A pureza de coração não prescinde dos actos; pelo contrário, o que se passa é que faz recair a atenção na fonte de onde provêm esses actos.

Deste modo, o coração puro não é simplesmente aquele que tem boas intenções; é o coração de onde procedem as boas acções, de onde vem a conduta de vida que permitirá apresentar-se diante de Deus e entrar em relação com Ele.

## 2. UM CORAÇÃO LIMPO, UM CARÁCTER ÍNTEGRO

Entre os semitas, o coração servia para designar o conjunto das nossas faculdades interiores, tanto a razão e a consciência como as tendências afectivas e a vontade. O termo puro corresponde bem à ideia de “sem mancha”. Sim, Jesus, ao empregar a expressão “puro de coração”, que figura no salmo 24, fê-lo evidentemente no sentido que estes lhe atribuíam. O “**puro de coração**” é o que não tem ideias más, nem más intenções contra ninguém. O que é benevolente tem uma disposição positiva e favorável para com todos, não é capaz de trair nem tem propósitos ocultos de exploração. “Vê a Deus” e trata primeiro de conhecer a Sua vontade. Suprime os “se”, os “mas” e os “porém” e substitui-os por esta palavra simples “sim”, um “sim” imediato, alegre, espontâneo.

A “**pureza de coração da sexta Bem-Aventurança**” nasce de uma inteligência ávida de verdade e de uma consciência delicada, iluminada pelo Evangelho que permite aos cristãos participar nos planos de Deus. Contudo, para não se afastar disso, o cristão, na sua conduta, deve dar provas de um carácter íntegro.

Entre os antigos, a palavra “carácter” designou primeiro o artesanato gravado, depois o instrumento do gravador e, finalmente, em simultâneo, vestígio, sinal ou letra. Neste último

sentido, falamos todavia de caracteres de imprensa. Aplicado a uma pessoa, o carácter é o modo pelo qual se reconhece a sua maneira de ser: o seu carácter é amável ou irascível, alegre ou triste: E, como cada um de nós possui a sua fisionomia moral, podemos afirmar certamente que todos os homens têm o seu carácter. A expressão “ter carácter” indica a força que capacita o ser humano para tomar decisões e governar-se a si mesmo, graças, sem dúvida, ao seu autodomínio e, sobretudo, porque demonstra ser independente das influências externas. Deste ponto de vista, um indivíduo sem carácter é como um bocado de cera que o primeiro que chega molda ao seu gosto, enquanto que um homem de carácter imprime o seu timbre pessoal em tudo o que toca. Quer trabalhe quer sofra, quer aja quer resista, continua a ser o que quer.

O cristão puramente cristão – puro de coração – é o que age como cristão em qualquer circunstância. É fiel à sua palavra, vai até ao limite das suas convicções sem deixar-se travar por qualquer compromisso. As suas atitudes, as suas decisões, os seus gestos “caracterizam-no” como cristão.

Esta integridade de carácter entra em conflito com o conformismo – hábito de regular a sua própria conduta com base nas ideias e exemplos da maioria –. Este defeito sempre existiu, só que se torna mais sensível na actualidade. Nos nossos dias as opiniões difundem-se e os hábitos impõem-se da mesma forma que um produto alimentar ou uma marca de automóvel. Agora, tudo se fabrica em série. A uniformidade do ser humano não se faz simplesmente através do mesmo tipo de roupa, mas também rigorosamente através do pensamento. O indivíduo pensa o que pensa o seu grupo, repete o que ouve dizer, faz o que fazem os outros. É preciso uma audácia singular para se libertar das ideias pré-fabricadas e para se afastar dos caminhos já traçados.

S. Paulo exortava os cristãos de Roma a que não se conformassem com as máximas e com os costumes do mundo efémero e cambiante, mas que se transformassem sob a acção renovadora do Espírito de Deus (Rom 12, 2). Isto requer uma grande coragem. A questão já não se centra sobre a distinção entre o bem e o mal, mas transporta-se para o plano da acção, para decidir se, em certos casos concretos, a prudência não aconselha certas acomodações ao que seria teoricamente o dever.

“Mas não temos de viver de acordo com a nossa época?” “Não devem os crentes testemunhar alguma amplitude de ideias?” “Não será melhor aceitar um mal menor para evitar algo pior?” “Trata-se de uma circunstância excepcional, uma vez só ninguém fica a saber! Eu saberei parar a tempo!” “Não é lastimável uma pessoa afastar-se do seu meio?”

Quem é que nunca se pôs estas questões? Talvez o tenha feito com angústia, pois o que se discute nem sempre é uma questão de dignidade ou de prestígio; é também uma questão de interesse, uma promoção, um benefício profissional, a aceitação ou a recusa de

uma situação familiar mais problemática. Porém, é nestas lutas entre uma consciência clarividente e uma vontade incerta que o crente define o seu carácter. O cristão não tem fé suficiente para enfrentar o sacrifício com o qual há-de pagar a sua independência. O apóstolo S. Tiago aplica um qualificativo magnífico à lei do Evangelho, "**Lei Perfeita da Liberdade**" (Tgo 1, 25). A verdadeira liberdade não consiste em satisfazer os nossos caprichos, em substituir um dever pelo interesse, mas em mantermo-nos na dependência das leis divinas para tornarmos independentes as nossas paixões e também a tirania das opiniões e dos favores alheios.

Contudo, a firmeza de carácter deve ter em conta as realidades; recorrendo às comparações familiares, Jesus recomendava aos apóstolos que imitassem a simplicidade da pomba (pela qual devemos entender a rectidão e a confiança), mas também a prudência da qual é símbolo a serpente (quer dizer, a prudência, a vigilância, a habilidade desde que não seja a ficção nem a astúcia). O cristão dirige o seu barco orientando-se pelas estrelas, mas trata de vigiar a presença dos rochedos. Digamos, em termos menos imaginativos, que o carácter íntegro não é um carácter obstinado, que se encerra na sua maneira de ver e se nega a qualquer outra consideração. Trabalhar com oportunidade não é ceder ao oportunismo. Não se coloca nenhum problema ao cristão, quando a opção se apresenta entre o dever e o pecado, entre o bem e o mal; mas pode ver-se levado a escolher entre deveres opostos e de desigual gravidade, ou entre o bem total e a aproximação ao bem. O bom, diz o provérbio, é, às vezes, inimigo do óptimo.

Enquanto que o espírito conformista leva a pensar e a comportar-se como os outros, a vocação do cristão obriga-o a viver "para os outros". Se quiséssemos fazer como os outros, perderíamos rapidamente a nossa rectidão de consciência e a integridade do nosso carácter. Evitaremos este perigo duplo, imitando o Mestre. Jesus, quando veio a este mundo, nada pediu e deu tudo o que o mundo precisava. A exemplo Seu, o cristão permanecerá "puro de coração" no meio do mundo, desde que não leve nada nem peça nada, pelo contrário, desde que dê a luz, a força e a paz que obtém da sua intimidade com Deus.

### 3. DEIXA QUE O EVANGELHO SE GRAVE NO TEU CORAÇÃO

Antes de terminar a reflexão sobre esta Bem-aventurança, seria bom soltar com o leproso do Evangelho o nosso grito ante as faltas ocultas: "*Limpa-me!*" E proclamar com o salmista: "*Purifica-me das faltas escondidas. Preservai também o vosso servo da soberba, que ela não domine sobre mim. Eu serei perfeito e absolvido das grandes faltas. Aceitai as palavras da minha boca e o murmúrio do meu coração esteja perante Vós. Vós, Senhor, sois a minha rocha e o meu redentor!*" (Sal 19, 13-15). A raiz de todas as faltas é o orgulho, é julgarmos que somos Deus e que podemos dispor da vida, de tudo o que a rodeia, de acordo com o deus que criamos. Ao chegar à raiz em que nos realizamos, conforme nos

apetece (porque o tempo é nosso, a vida é nossa, a terra é nossa), só nos resta que Deus tenha misericórdia de nós e que todos os dias nos purifique com a Sua palavra: *“Vós fostes purificados pela palavra que vos anunciei”*. O Evangelho tem de ser o nosso alimento, de manhã, à tarde e à noite e que todos os dias Deus nos conceda o mesmo que à sua Mãe: o Evangelho chegou à Virgem Maria e ela concebeu por obra do Espírito Santo. Não há graça maior do que estar a dormir, acordado, a comer, a dançar... sem descanso diante de Deus.

Este estar sem descanso diante de Deus ou “orar sem cessar” (1 Tes 5, 17), como nos exorta com frequência S. Paulo, não quer dizer, de modo algum, multiplicar os actos de piedade como se tivéssemos de rezar ao toque do sino ou do relógio. É, por dom de Deus, uma tendência natural e espontânea dentro do homem. Assim como, quando uma mulher está grávida, não necessita de momentos pontuais para lembrar-se do ser que traz dentro uma vez que esse ser lhe recorda de mil maneiras ao longo do dia que está dentro de si, assim o homem traz a palavra de Deus dentro de si, *“como Palavra de Deus, a qual opera eficazmente em vós que crestes”* (1 Tes 2, 13), quer dizer está activo dentro do seu ser. Como diz S. Paulo, esta mesma palavra recorda ao homem seu portador que está ali, dia e noite, manifestando-se de mil formas, sem momentos pontuais de relógio ou de sino, exactamente como o bebé no seio da sua mãe.

*“Bem-aventurados os puros do coração, porque verão a Deus”* (Mt 5, 8). Ver a Deus é um privilégio das almas simples, transparentes, de intenções puras.

## SUGESTÕES PARA VIVER A BEM-AVENTURANÇA AO LONGO DO MÊS

### **Para o dever de se sentar**

A Bem-aventurança da pureza de coração serve de base a diversos temas do dever de se sentar: a simplicidade, a honestidade, a coerência, a veracidade ou a sinceridade. Proponho-vos um dever de se sentar a dois tempos que, de certo modo, tocam cada um desses valores.

### **Primeiro tempo: Olho-me a mim próprio**

O primeiro momento deste dever de se sentar é pessoal; a reflexão da sexta Bem-aventurança leva-nos a formular uma das mais profundas questões que podemos e devemos colocar-nos: Quem sou eu na realidade? Questão a que a maioria dos seres humanos

foge com medo de se enfrentar e de descobrir que não somos realmente a pessoa que devemos ser. Contudo, o encontro consigo próprio é uma tarefa chave na vida matrimonial.

Proponho-vos o seguinte questionário para ajudar à reflexão.

*“Quem sou eu? Poderias descrever-te em poucas palavras?”*

*“Quais as três palavras que me definem melhor? (apenas três)”*

*“Quais são os traços mais salientes do meu carácter? Pensa que és único e nas tuas qualidades.”*

*“Ando de alguma forma de máscara? De que tipo? Tenta descrever essas máscaras.”*

*“O que acho mais importante na minha vida? Pensa no teu bem mais precioso.”*

*“Quais são as minhas reais necessidades? Reflecte sobre as tuas necessidades básicas e mais profundas”.*

*“De que necessito verdadeiramente do meu marido/mulher para satisfazer as minhas mais profundas necessidades? Sê sincero, específico e carinhoso”.*

*“Aceito-me tal como sou realmente? Escreve alguns sinais positivos e negativos de aceitação de ti próprio”.*

*“O que me custa mais a aceitar em mim mesmo? Porquê?”*

*“Custa-me a admitir que me enganei? Reflecte sobre algo que se tenha passado recentemente”.*

*“O que tenho de perdoar a mim mesmo? O perdão de si mesmo é um requisito para perdoar e ser perdoado”.*

*“Há algum sintoma de egoísmo ou egocentrismo na minha vida? Faz uma lista desses sintomas.”*

*“Quais são os meus verdadeiros acertos na minha vida conjugal? Prossigo com eles?”*

*“Como está a minha relação com o meu marido/mulher neste momento? Descreve-a, pormenorizando-a amorosamente”.*

## Segundo tempo: Partilhamos e celebramos

No dia que tenham marcado o dever de se sentar, comecem com a seguinte oração:

*Queixamo-nos demais do mal que vai pelo mundo, da injustiça que nos rodeia.  
Queixamo-nos largamente,  
só nos queixamos, todos nos queixamos.  
Mas já analisámos o nosso coração?  
Descobrimos nele a impureza, a hipocrisia, a rotina, os interesses distorcidos?  
Já nos demos conta que o de fora não mancha,  
que é o que sai do coração  
que suscita a nossa vida,  
as nossas relações, os nossos projectos, as nossas acções?  
Ser como uma criança.  
É a Tua alternativa, Senhor.  
É a Tua estratégia e o Teu protocolo.  
Uma criança: proximidade e sinceridade,  
abertura e necessidade de outros, nem personalidade dupla nem roupagens.  
A pureza está dentro,  
nasce do alto e aninha-se no coração.  
E, como uma torrente, como uma maré,  
inunda os nossos passos e os nossos sonhos,  
purifica os nossos objectivos e os nossos interesses,  
purifica todo o nosso trabalho e o nosso ser.  
Dá-nos, Senhor,  
um coração puro,  
como o dos simples,  
como o das crianças,  
como o Teu.*

Permanecem depois em silêncio durante uns 15 minutos. Durante esse tempo, pensem nas seguintes perguntas que servirão depois de base ao vosso diálogo:

- De que modo creio que falhei a minha relação contigo? Preciso que me perdoes por ...
- Estou a recordar ressentimentos por algo que fizeste e de que não te tenhas desculpado?
- Qual é a minha quota de culpa num diálogo pouco fluido e que pode, por vezes, chegar a ser difícil?
- Da minha reflexão pessoal quero pôr em comum contigo...
- Dêem um ao outro um sinal de perdão, ternura e afecto e voltem a rezar a oração com que começaram o dever de se sentar.

## Para a regra de vida

### Reflecte e procura:

Não há nada mais contrário à felicidade do que a impureza que nos torna contaminantes. A pureza atrai, é positiva. Só quando se é verdadeiro é que se age bem. Não há maior infelicidade do que ter de dissimular, ocultar ou disfarçar a nossa realidade.

Num coração puro só cabe o positivo, o que faz crescer, o que torna pleno.

Quem reconhece as suas impurezas, esforça-se por acabar com elas. Esse esforço torna feliz porque é como quem limpa um campo de abrochos para que possa nascer um jardim fértil.

## Para a oração pessoal, conjugal e escuta da Palavra

Textos da Sagrada Escritura: Ez 11,17-24; 36, 24-29; Mt 15, 1-2; Is 1,16-17; Mc 7,1-7; Sal 15; 24; 51; Hb 10, 1-18

### Para recitar com frequência

*Pai, autor da pureza,  
que nos ofereceste um coração puro  
arrancando a mancha  
que por Adão a todos nos tornou indignos.  
Faz com que eu mantenha puro o meu coração  
na atitude ilusória de uma criança.  
Pai, Que entregaste o Teu Filho  
para que possamos purificar-nos  
concede-nos coragem  
para recorrer a Ele na recuperação do perdido.  
Pai, Que nos deixas o Teu sacramento na Igreja  
como bálsamo e remédio,  
que eu me aproxime para saborear o gozo eterno  
que me devolve a vida.  
Já conheces o meu coração maculado  
e as minhas falsidades.  
Faz-me viver entregue a uma vida sem maquilhagens.  
Conheces o meu caminho e as suas quedas,  
orienta os meus esforços e purifica os meus instintos.  
Oferece-me a Tua graça e o Teu perdão.*

*Faz-me ter um coração puro e fresco pela Tua Palavra.  
Pai, Que nos queres puros,  
ouve os meus esforços e a minha oração,  
que querem, na simplicidade de uma criança  
não se afastar da Tua casa.*

## **Para a reunião da equipa**

### QUESTIONÁRIO:

- Onde se poderia colocar a novidade fundamental e a importância desta Bem-aventurança para os que tentam pertencer ao Reino, de facto e não apenas de nome?
- Pureza legal – pureza de coração. Perigo de se ficar apenas por uma. Qual deve ser a postura exacta? Qual a postura e o ensinamento de Cristo?
- Pureza de coração. Aspectos mais importantes para nós, para o mundo. Perda do sentido de pecado. Como ilumina o Evangelho este problema?

### SÍMBOLO

A ser escolhido em equipa

### ORAÇÃO

#### **Prece inicial**

Senhor, procuramos ver o Teu rosto,  
saciar-nos com o prazer da Tua presença.  
Sabemos que só os de coração puro  
podem ver-Te tal como és,  
Deus da vida,  
da luz, da transparência.  
Dá-nos um coração puro,  
onde não haja lugar ao rancor,  
à inveja,  
à astúcia,  
à corrupção,  
que mancham a transparência do espírito.

Dá-nos corações transparentes,  
pois só os homens  
e mulheres de olhar puro  
podem ver a Deus e deixá-Lo ver.  
Senhor, não nos ocultes o Teu rosto.

### **Leitura para meditação:** Ez 36, 16-28

*«Foi-me dirigida a palavra do Senhor nestes termos:*

*“Filho do homem, quando os Israelitas habitavam no seu território, mancharam-se com a sua conduta e com os seus próprios actos; o seu comportamento era a meus olhos como a menstruação da mulher.*

*Então desencadeei o meu furor contra eles por causa do sangue que haviam derramado no país e dos ídolos com que o profanaram.*

*Dispersei-os entre as nações e distribuí-os pelos países estrangeiros. Lá os julgarei, segundo o seu comportamento e os seus actos.*

*Entre os povos por onde se dispersaram, profanaram o Meu santo nome, pelo que se dizia deles: ‘É o povo do Senhor, eles saíram do seu país?’*

*Então, eu quis salvar a honra do Meu santo nome que os Israelitas tinham profanado entre as nações para onde haviam ido.*

*Por isso, fala à casa de Israel: Assim fala o Senhor Deus: Não é por causa de vós que faço isto, ó casa de Israel, mas por causa do Meu santo nome que vós profanastes entre as nações para onde fostes.*

*Quero santificar o Meu santo nome, que vós aviltastes, profanastes entre as nações, para que saibam que Eu sou o Senhor, oráculo do Senhor Deus, quando a seus olhos for santificado por vós.*

*Eu vos retirarei de entre as nações, recolher-vos-ei de todos os países e vos reconduzirei ao vosso país.*

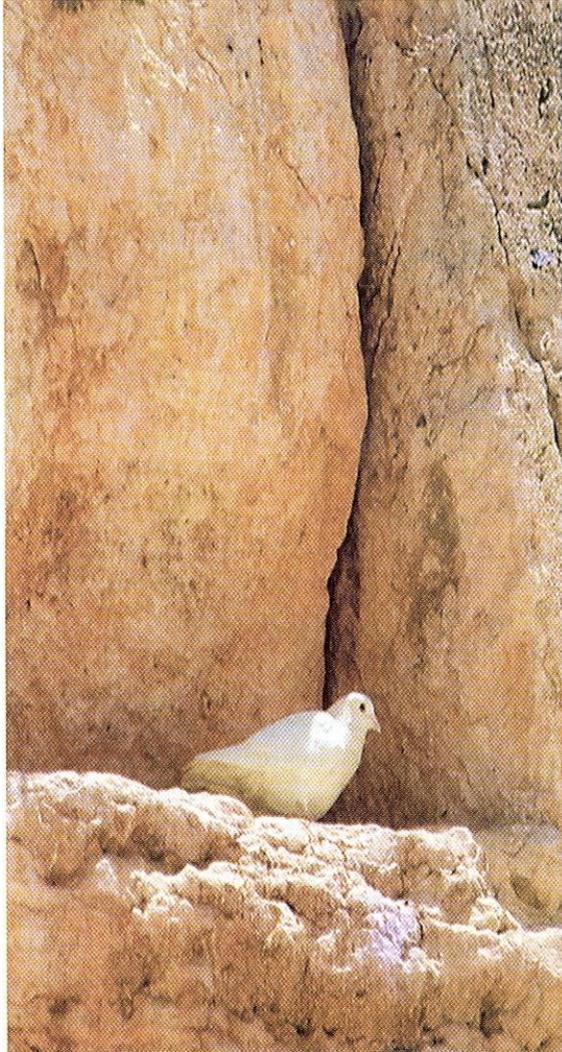
*Derramarei sobre vós uma água pura e sereis purificados; eu vos purificarei de todas as manchas e de todos os pecados.*

*Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo: arrancarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne.*

*Dentro de vós porei o meu espírito, fazendo com que sigais as minhas leis e obedeçais e pratiqueis os meus preceitos”».*

## Prece final

Senhor! Que formosos são os corações puros!  
Tu és o Deus da aliança,  
o Deus dos homens e mulheres de corações inocentes.  
Livra-nos do erro,  
das concessões vergonhosas,  
da impureza de um mundo injusto,  
da prudência dos astutos  
que assassinam a candura da Pomba.  
Senhor, Tu és o Deus da Bem-Aventuraça,  
do olhar cristalino,  
do coração puro,  
da consciência tranquila  
dos negócios claros,  
da carne imaculada e não prostituída.  
Senhor, empenhámo-nos em ocultar o Teu rosto  
aos homens e mulheres do nosso mundo,  
com os nossos ateísmos disfarçados de progresso,  
com as nossas injustiças,  
com as nossas agressões ao próximo  
que é a Tua imagem verdadeira.  
Por mais que se empenhem os iconoclastas  
do Deus vivo e verdadeiro,  
sabemos que veremos o Teu rosto  
tal como és e Te revelaste:  
Pai, com um coração grande onde cabem todos,  
todos vivem, todos amam e gozam sem limite.  
Ao lado dos corações puros  
estão os corações egoístas, satisfeitos,  
corações sem amor e sem piedade.  
Senhor, queremos ver-Te.  
Enche-nos os olhos com a Tua divindade,  
a alma com a Tua luz.  
Mostra-nos o Teu rosto vivo e verdadeiro  
"e vejam-Te os meus olhos,  
pois és a Sua chama,  
descubra a Tua presença  
e mate-me a Tua vista e formosura,  
olha que a doença de amor  
não se cura  
a não ser com a presença e a figura".



**“Bem-aventurados os pacificadores  
porque serão chamados filhos de Deus”**

Os que fazem a paz com igualdade,  
liberdade e partilham sem preferências.  
Os que não fazem a paz através das armas,  
enganos e silêncios...  
Os que fomentam a convivência,  
a fraternidade e formação dos homens.  
Os que baseiam a paz no respeito mútuo,  
na justiça e no amor.

## CAPÍTULO VIII

### SÉTIMA BEM-AVENTURANÇA

*“Bem-aventurados os pacificadores,  
porque serão chamados filhos de Deus”*

#### INTRODUÇÃO

O desejo de paz é comum à maioria das pessoas. Não obstante, constatamos que se trata de uma realidade que se destrói facilmente. A história do mundo desde Abel e Caim até à actualidade é uma sucessão ininterrupta de guerras, destruições, violências e crimes. Acaso não vemos esta realidade tantas vezes afirmada nos media? E não são só os conflitos armados. A guerra está no interior: lutas de grupos e facções, tensões extrafamiliares e intrafamiliares, no emprego, na profissão, na vida conjugal... Para não entrar no conflito intrapessoal que provoca em nós o pecado.

Hoje, o problema torna-se mais angustiante, porque apresenta uma modalidade específica: a capacidade do homem para a destruição alcançou dimensões inimagináveis com a aplicação da ciência e da técnica ao mal. A humanidade tem já os meios para chegar ao auto-extermínio. Além disso, numa guerra levada ao limite do hediondo, o homem pode ser destruído no seu íntimo, pode chegar à pior das violências na sua própria identidade através da manipulação do cérebro.

É evidente que não temos sabido trabalhar para a paz, que não temos levado a sério esta Bem-aventurança; todo o esforço será em vão sem uma aproximação aos ensinamentos de Cristo.

## 1. COMO É A PAZ DE CRISTO?

### 1.1. Paz que nasce de Deus e do mistério da Cruz

Sabemos que a misericórdia é uma prerrogativa de Deus e, se a misericórdia é um atributo de Deus, a paz de que Jesus fala também é um poder que nasce de Deus.

Na última Ceia, Jesus dá-nos um exemplo de como se pode dar esta paz e porque é uma paz diferente. Jesus disse: *“Quem Me não ama, não guarda as Minhas palavras; e a palavra que ouvistes não é Minha, mas do Pai que Me enviou. Tenho-vos dito isto, estando convosco. Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, Esse ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que tenho dito.*

*Deixo-vos a paz, dou-vos a Minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá”* (Jo 14, 24-27).

Quando Jesus disse estas palavras, havia três anos que pregava uma mensagem que se voltou contra Ele. Sabia que ia celebrar a última Páscoa; sabia que um dos Seus amigos, um dos que partilhava a vida conSigo, que havia escutado as Suas palavras e visto os Seus milagres, O iria traiçoar. Jesus já havia dito que Pedro O iria negar, que todos se escandalizariam e O deixariam só. Sabia que seria afastado do Seu povo como um homem impuro e que morreria na cruz, fora de Jerusalém. Como podia um homem que ia ser condenado dizer: *“Deixo-vos a paz, dou-vos a Minha paz”?*

Mas Jesus estava consciente de que as palavras não eram Suas: *“A Palavra que ouvís não é Minha, mas do Pai que Me enviou”*.

Temos de acreditar realmente no Evangelho, neste Evangelho que diz: *“ama os teus inimigos, o que der a vida por Mim encontrá-la-á...”*. Aí começa a sabedoria do homem que se interroga sobre a qualidade de vida que quer e sobre o que está realmente procurando.

A Páscoa que estamos a celebrar traz-nos uma das cenas mais comoventes do Evangelho: os discípulos de Emaús. De regresso a casa, os discípulos caminham tristes e decepcionados; Jesus aparece-lhes no caminho. Quando lhes pergunta o que sucedeu, eles falam do Nazareno como um profeta, como um homem maravilhoso, como alguém que foi poderoso nas palavras e obras diante de Deus. Porém estão defraudados: esperavam outra coisa depois de O terem seguido durante três anos. Jesus viu a falta de esperança destes discípulos; sabia bem que ninguém acreditava no mistério da cruz e muito menos na ressurreição, de que parece terem ouvido algo que lhes haviam dito umas mulheres. E Jesus deu-lhes a Sua Paz, explicou-lhes as Escrituras, falou-lhes desse mistério, de como o Messias tinha de padecer e morrer na Cruz; ajudou-os a compreender e a reconhecer a fracção do Pão na Eucaristia. *“Não ardia o nosso coração, enquanto nos explicava as escrituras?”* (Lc 24.32).

Jesus da Paz, de um Deus que Se faz homem em Seu Filho Jesus Cristo, ao Qual chamam carpinteiro, ignorante, endemoninhado, samaritano, blasfemo, comilão, bêbedo, amigo dos publicanos e pecadores, etc.

A Paz de Cristo é a Paz da Boa Nova, que leva o crente à perseguição, à cruz, ao desprezo e, no entanto, por causa disso, a anunciar a paz, a proclamar a paz, a trabalhar pela paz e dá ao homem o que é prerrogativa de Deus: a paz de Cristo, a paz do mistério da Cruz. A paz deste homem condenado à morte que disse “*dou-vos a Minha paz*”. Esta é a paz dos puros de coração, dos pequenos.

Este é o poder de Deus; Isaías apresentava-O dizendo: “... *desprezado e evitado pelos homens, como homem das dores, experimentado nos sofrimentos; diante do qual se tapa o rosto, menosprezado e desestimado. Na verdade Ele tomou sobre Si as nossas doenças, carregou as nossas dores; ...*” (Is 53, 3-54).

## 1.2. O caminho da paz

Temos uma missão diferente e única. Zacarias diz ao seu filho João Baptista, cheio do Espírito Santo: “*E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo; porque irás adiante do Senhor a preparar os Seus caminhos. Para dar a conhecer ao Seu povo a sua salvação pela remissão dos pecados, graças ao coração misericordioso do nosso Deus, devido ao qual nos visitará a luz do alto, a fim de iluminar aqueles que se encontram nas trevas e na sombra da morte e guiar os nossos passos no caminho da paz*” (Lc 1, 76-79).

Quando Deus nos permite anunciar este Evangelho da paz, quando Deus nos permite, desde o mistério da cruz, repetir exactamente o mesmo que Ele, “*dou-vos a Minha paz*”, a minha paz e não uma teoria ou um manual de salvação, em nós – chamemo-nos nós como nos chamemos – repete-se palavra por palavra o texto de Zacarias que, cheio do Espírito Santo, anuncia ao seu filho recém-nascido: “A ti, menino, te chamarão profeta do Altíssimo”.

Os homens estão cansados e desanimados porque não sabem onde está a paz, porque não têm alguém que lhes diga: “*dou-vos a Minha paz*”. Procuram milhares de remédios, milhares de tipos de paz, mas precisam de um “João Baptista” que guie os seus passos pelo caminho da paz.

Para tal, temos de parar de crescer, de nos julgarmos importantes; temos de deixar que Deus nos faça pequenos; quanto mais pequenos formos, mais vamos ter esse poder de Deus que se chama AMOR, que se chama ser filho de Deus: “*Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste*

aos *pequeninos*” (Mt 11,25). Aos que se fazem pequenos, Deus fá-los homens e mulheres crentes. Homens e mulheres que se apoiam unicamente no que se podem apoiar, na sabedoria de Deus. Só os pequenos, os que se fazem pequenos, vão atrás desta sabedoria. Francisco de Assis compreendeu-o perfeitamente:

*“Senhor, fazei de mim um instrumento da Vossa Paz: Onde houver ódio, que eu leve o amor; onde houver ofensa, que eu leve o perdão; onde houver discórdia, que eu leve a união; onde houver dúvida, que eu leve a fé; onde houver erro, que eu leve a verdade; onde houver desespero, que eu leve a esperança; onde houver tristeza, que eu leve a alegria; onde houver trevas, que eu leve a luz. Senhor, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado. Pois é dando que se recebe, é perdendo que se é perdoado e é morrendo que se ressuscita para a Vida Eterna!”*

Nós temos de nos abandonar aos desígnios de Deus com uma confiança total, em vez de fazer prognósticos incertos sobre qual será a saída para a crise que o mundo agora atravessa; coloquemos n’Ele a nossa esperança e repitamos, cheios de fé, a oração litúrgica: “Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, dá-nos a paz”. Mas atraiçoariamos também a nossa vocação se nos negássemos a ser os trabalhadores incansáveis do Evangelho. O Senhor ordenou-nos que amemos os nossos irmãos e encarregou-nos de difundir, sempre e em toda a parte, a caridade pura e desinteressada que pode unir os homens. Bem-aventurados, portanto, os que se consagram a fazer reinar a paz, porque Deus vê neles os Seus filhos.

## 2. OS PACIFICADORES

“Beati pacifici” deve traduzir-se por “Bem-aventurados os pacíficos”, o que está totalmente correcto; mas o uso despojou este adjectivo do seu significado etimológico para o converter num equivalente de amigo da paz. Mas Jesus espera muito mais; o Reino que quer estabelecer é de actividade e dinamismo, como o é o amor do qual procede e no qual se funda o Reino. A palavra grega que S. Mateus usa, “eirenopoioi”, é constituída por duas palavras: “eirene” (paz) e o verbo “poieo” (fazer, elaborar). Os titulares desta Bem-aventurança são, sem dúvida, os que se comprometem com o esforço pela paz, os que apaziguam os conflitos, mas talvez mais os que impedem que eles surjam, os que procuram a paz, os que a fazem reinar em torno de si.

Os pacíficos aos quais se refere esta Bem-aventurança, portanto, não são os simplesmente “pacíficos”, quer dizer, os que não querem problemas, os que querem que todos os deixem em paz, os “tanto se me faz”, os que fogem das tensões familiares ou sociais, nem sequer os que buscam eternamente um certo tipo de harmonia cósmica. O adjectivo qualificativo “pacífico”, embora pareça demasiado para alguns, evangelicamente falando é ainda muito pouco.

Também não gera a paz a mãe que concede todos os caprichos ao seu filho desde que ele se cale e a deixe em paz. E como a mãe, tantos outros que se demitem da sua obrigação nas suas relações familiares, laborais, políticas, etc., dizendo assim que “se dão bem com todos”.

Não são pacificadoras todas essas pessoas que, pelo poder ou pela influência que possuem, se dedicam a santificar o mundo falando de paz, recomendando a paz, impondo a paz e até reprimindo duramente os que não querem admitir a paz.

A atitude que Jesus premeia é outra muito diferente. A daqueles a quem ultimamente se chama pacifistas? Pois também não, embora esta possa fazer supor em muitas ocasiões uma eficaz preparação dos ânimos em relação às atitudes de verdadeiro amor pela paz. Não digo que o seu trabalho não seja positivo. Pode sê-lo e é-o em muitos casos. Mas cheira muito a grupo de pressão, partido político, ideologia dirigida e não demasiado a... Evangelho.

A que trabalhadores para a paz chama Jesus “Bem-aventurados”? Sem entrarmos em contradição com o que acabamos de dizer, a todo aquele que não só não gere discórdia, mas também a quem semeie pequenas ou grandes porções de paz em torno de si: no seu corpo, na sua mente, na sua família, nos seus amigos e, oxalá também, a níveis mais altos. É certo que quem prometeu não deixar de pagar nem um copo de água recompensará o menor dos esforços que façamos para que, filhos de um mesmo Pai, vivamos como irmãos.

### **3. DECÁLOGO PARA O CONSTRUTOR DA PAZ**

- O seguidor de Cristo reconhece na paz um dom de Deus que tem de pedir ao Senhor e, ao mesmo tempo, esforçar-se por ele e lutar para que se estabeleça. É uma consequência da sua fé no Deus da Paz.
- Sabe que a paz é fruto da justiça. Adopta a postura justa: perante Deus apresenta-se como uma criatura, servo e filho. Perante os homens como irmão e servidor. É este o justo. Sem este princípio não há ordem e, portanto, paz.
- Assimila e vive a realidade de que o caminho da paz é o mesmo que o do amor. A caridade impulsiona-o a buscar e partilhar a paz (Rom 13, 8-10; Ef 4, 1.6). Só assim, pelo amor, poderá realizar a sua vocação indeclinável e urgente de profeta da paz (Fil 2, 14-16).

- Descobre a fonte da paz na ordem que deve encontrar-se no mais profundo do seu ser. Daqui se depreende a necessidade do esforço para se dominar vencendo as paixões, fontes de desordem quando não se controlam.
- A luta do cristão não se esgota no esforço interior. Essa paz interior deve ser rio que invada todos os campos e esferas da vida humana.
- Cada qual tem a obrigação de descobrir em que âmbitos se deve desenrolar o seu esforço na construção da paz. Em princípio, devem preferir-se os campos mais prementes e onde mais se pode espalhar o bem.
- A elaboração da paz suscitará inevitavelmente a guerra. Por isso tem de se estar disposto a tudo ou não haverá nada.
- Não se pode ter ilusões nem crer em utopias ingénuas de felicidade intramundana. Cristo preveniu: a paz deste mundo nunca será perfeita e a luta durará até ao fim dos tempos (Mt 13, 24-30). Parábola do trigo e do joio.
- A força da luta e a razão dos esforços não é a “segurança” da obtenção de frutos mensuráveis e constantes, mas o mandamento de Cristo e a convicção de que só se pode ser plenamente homem e plenamente cristão se se comprometer ao esforço pela paz. A sua motivação é transcendente, não está vinculável aos êxitos subsequentes. Daí que a sua força seja inesgotável se fundada na fé.
- O cristão sabe que só o reconhecimento do Senhor por todo o universo estabelecerá a paz definitiva, que todo o esforço pela paz se resume a um nome: Jesus Cristo, de quem recebemos a graça, o exemplo, a força e, definitivamente, a recompensa.

## SUGESTÕES PARA VIVER A BEM-AVENTURANÇA DURANTE O MÊS

### **Para o dever de se sentar**

Iniciemos o nosso encontro, recitando juntos:

Queremos ser, Senhor, instrumentos da Tua paz:  
 onde haja vaidade e arrogância  
 levemos a humildade e a modéstia;  
 onde haja hipocrisia e fingimento  
 levemos sinceridade e franqueza;

onde haja humilhação ou desprezo  
levemos consideração e apreço;  
onde haja excesso e abuso  
levemos honra e justiça;  
onde haja vantagens pessoais e interesses privados  
levemos o bem comum e sentido social;  
onde haja engano e falsidade  
levemos verdade e autenticidade;  
onde haja indiferença e frieza  
levemos calor humano e solicitude;  
onde haja animosidade e desenfreamento  
levemos moderação e cordialidade;  
onde haja intransigência e fanatismo  
levemos compreensão e tolerância;  
onde haja insolência e provocação  
levemos acatamento e respeito;  
que não procuremos tanto  
ser valorizados como valorizar,  
ser reconhecidos como reconhecer,  
ser compreendidos como compreender.  
Porque é dando que se recebe,  
esquecendo que se encontra,  
morrendo que se ressuscita.  
Queremos ser, Senhor, instrumentos da Tua paz.

### **Para rever as nossas atitudes**

O contrário da paz não é a guerra, mas a violência e seria um erro reduzir a violência à “*grande violência*” (guerra, terrorismo, assassinato...). Existe uma violência próxima, sendo sobre esta que nos vamos debruçar neste dever de se sentar.

Essa violência manifesta-se em vinganças pessoais, pequenos incidentes, negação da saudação ou da palavra, rixas familiares que dividem e enfrentam, no “olho por olho, dente por dente”, o não aceitar as diferenças, a ira que nos faz desejar o fim do malvado... Partilhemos em casal o reflexo disto na nossa vida.

Algumas vezes somos educadores na violência, quando não damos o nosso braço a torcer, quando queremos impor a nossa razão pelo grito, quando pensamos que uma proposta é má só porque foi outro a dizê-la, quando ensinamos os nossos filhos a responder com um golpe mais forte... Reflectimo-nos neste retrato?

Façamos uma análise das nossas violências domésticas na família, com o cônjuge, os filhos e outros familiares, assim como com os amigos e com, os colegas de trabalho.

Que valor damos ao lado positivo dos outros?

Terminem este momento, fazendo uma lista de compromissos a rever no próximo dever de se sentar: atitudes a cultivar ou a corrigir, valores a ensinar...

## **Para a regra de vida**

Analisa quais são os pontos de maior conflito na tua relação com as pessoas. Seguidamente propõe-te a pequenas acções ou omissões que ajudem a manter uma relação mais pacífica. Comenta com o teu cônjuge e pede-lhe ajuda.

## **Para a oração pessoal, conjugal e escuta da Palavra**

Textos da Sagrada Escritura: Is 11,5-9; Col 1,8-20; Zac 9, 9-10; Jo 14, 25-29; Sal 85; Ef 2, 13-1; Ap 21, 1-5

### **Para recitar com frequência**

*Senhor,  
fazei de mim um instrumento da Vossa Paz:  
onde houver ódio, que eu leve o amor;  
onde houver ofensa, que eu leve o perdão;  
onde houver discórdia, que eu leve a união;  
onde houver dúvida, que eu leve a fé;  
onde houver erro, que eu leve a verdade;  
onde houver desespero, que eu leve a esperança;  
onde houver tristeza, que eu leve a alegria;  
onde houver trevas, que eu leve a luz.*

*Senhor,  
fazei que eu procure mais:  
consolar que ser consolado,  
compreender que ser compreendido,  
amar que ser amado,  
pois é  
dando que se recebe,  
é perdendo que se é perdoado  
e é morrendo que se ressuscita  
para a Vida Eterna.*

## Para a reunião da equipa

### QUESTIONÁRIO:

- Em que pontos temos de modificar o nosso conceito de “pacífico”?
- O que é ser pacífico? Quem são os que entram nesta Bem-aventurança? Quais as suas características?
- Motivações do cristão para ser construtor da paz. Em que coincidem e como se diferenciam as motivações que possa ter o homem de boa vontade?
- Quais as esferas mais importantes do nosso esforço para construir a paz?
- O nosso privilégio de viver num mundo mais necessitado da paz: onde se torna mais necessária a nossa acção?
- A paz é fruto da justiça. Quais são as nossas iniciativas no trabalho, nos lugares de lazer, na rua, em casa... para construir a paz sobre bases sólidas, eliminando toda a injustiça?

### SÍMBOLO

A ser escolhido em equipa

### ORAÇÃO

#### Prece inicial

Cremos em ti, Senhor, Pai de todos,  
que és um Deus pacífico, não violento.  
Tu criaste o homem e a mulher  
e desejas a convivência  
entre todas as pessoas e todos os povos.  
Os Teus profetas anunciaram a paz  
e desfizeram os poderes deste mundo  
que tiranizam, criam injustiças  
e desencadeiam guerras e ódios.

Agora professamos a fé cristã dizendo juntos:  
“Cremos no Deus da paz”.  
Cremos em Jesus Cristo, Príncipe da paz,  
Que nasceu de Santa Maria.  
Na noite do Seu nascimento  
os anjos anunciaram a paz aos pastores.  
Cristo veio trazer a paz e não a discórdia;  
repeliu a espada e a violência  
e propôs como únicas armas  
a verdade, a justiça e a caridade.  
Foi condenado à morte por ter dito a verdade,  
mas Deus ressuscitou-O entre os mortos.  
Por isso recitamos todos juntos:  
“Cremos em Jesus Cristo, Príncipe da paz”.  
Cremos no Espírito Santo.  
A paz é dom de Deus  
e fruto dos artesãos que a constroem.  
Cremos na Igreja,  
com o perdão dos pecados  
e na vida eterna em paz.  
Novamente professamos juntos a fé:  
“Cremos no Espírito da Paz”.

### **Leitura para meditação:** Is 52,7-10

*“Que formosos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa nova, que apregoa a vitória! Que diz a Sião: o teu Deus é Rei. Ouve! As tuas sentinelas elevam a voz. Cantam em coro, porque vêem com os seus próprios olhos o Senhor que volta a Sião. Cantai todos a uma os vozes os cânticos de alegria, ruínas de Jerusalém, porque o Senhor consola o Seu povo, resgata Jerusalém. O Senhor faz ver o Seu santo braço, aos olhos das nações, e todos os confins da terra verão o triunfo do nosso Deus.”*

### **Oração pela paz**

*Nós Te pedimos a paz, que nos é tão necessária  
como a água e o fogo e a terra e o ar.  
A paz que é perdão que nos liberta  
da raiva e da ira, da inveja e do sangue.*

*A paz que amnistia os presos e exilados  
que desejam um lar mais digno e mais estável.  
A paz que é liberdade, a vida sempre aberta  
em casa e na fábrica, na escola e na rua.*

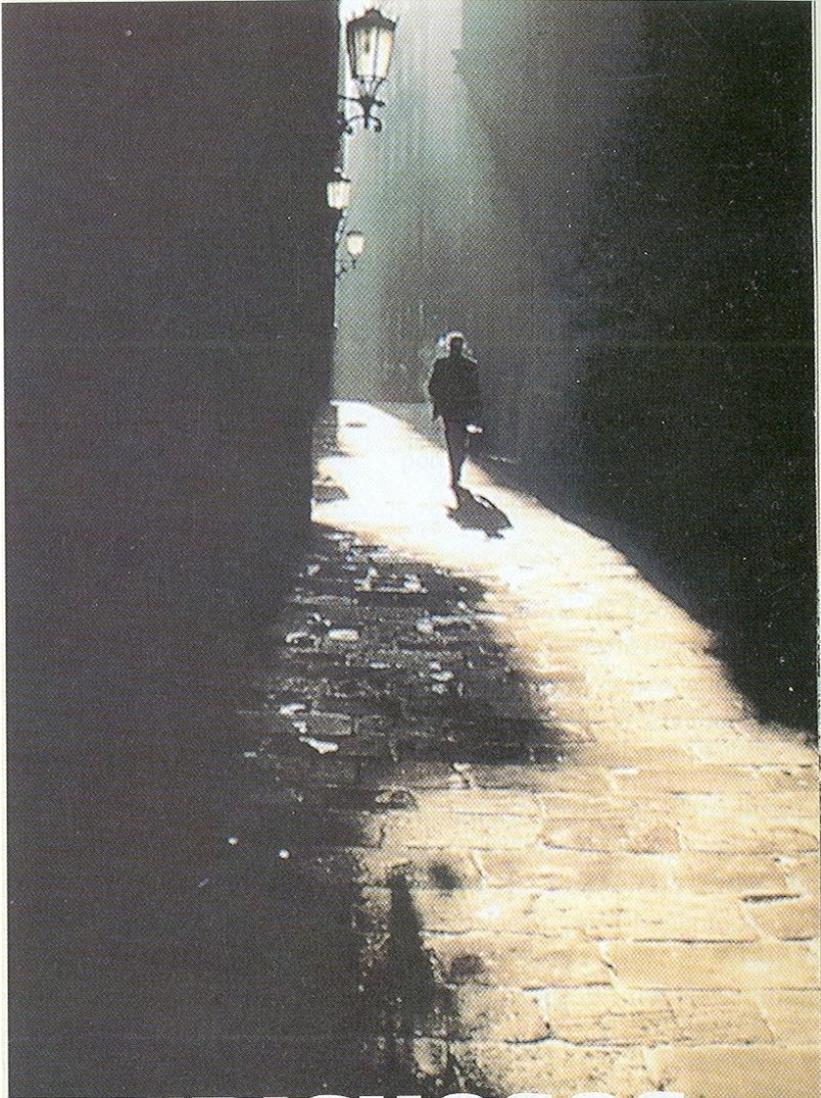
*A paz que é o pão amassado cada dia,  
que se parte na mesa com júbilo e com fome.  
A paz que é a flor do Teu reino que esperamos  
e que tornamos mais belo e próximo cada tarde.  
Pedimos-Te a paz e pedimo-la a nós próprios  
porque somos irmãos e Tu és o nosso Pai.*

## **Prece final**

Os que derramam fogos e rasgam as areias,  
os que esquecem os dias, os humilhados e os famintos,  
os que amam a esperança, os que padecem,  
os que escrevem livros, os nunca condenados,  
os que sofrem e pensam e dizem e meditam,  
os que nunca venceram, os não condecorados,  
os que lavam as suas mãos e de nada necessitam...  
Precisamos de coração aberto  
para ver a razão mais escondida,  
precisamos de esquecer o incerto  
e alcançar a paz que tens prometida.  
Os que vivem às apalpadelas e levantam tempestades  
no livro caduco de páginas manchadas,  
os que morrem submissos nas adversidades  
e suportam a letra das leis desgastadas,  
os que temem a dúvida, os que se encontram perdidos,  
os que enterram os anos nas chuvas adversas,  
os desvalidos que buscam o silêncio para esquecer os seus males...  
Precisamos de atirar-nos para a frente  
com a dor da palavra ferida,  
desacatar a vida prontamente  
e alcançar a paz que tens prometida.  
Os que têm vivido sós, que nunca rezaram,  
os que se esquecem, mentem, respondem e resistem,  
os fortes, os humildes, os que não meditaram,

os que amam, os que arriscam, os que acusam e passam,  
os que querem falar-Te, os que nunca Te ouviram,  
os que se escondem, lutam, padecem,  
os que com os olhos puros olharam e Te viram,  
os que tudo aceitam, os que nada deploram...  
Precisamos de coração e mente  
livres e fiéis à nova vida.  
Precisamos de paz que nos dê alento  
para a paz que tens prometida.  
Faz frio, Senhor, e hei-de procurar-Te.  
Sou mais um. As pessoas estão vencidas.  
Que as minhas palavras possam alcançar-Te  
para a paz que tens prometida!

(Enrique Badosa)



**“Bem-aventurados os perseguidos por serem justos  
porque deles é o Reino dos Céus”**

Os que pregam o **Evangelho** e não “*o seu evangelho*”.

Os que estão dispostos a dar a vida pelos outros.

Os punidos por defenderem os direitos do homem,  
em especial, dos fracos e marginalizados.

Os que preferem a obediência a Deus à dos homens.

## CAPÍTULO IX

### OITAVA BEM-AVENTURANÇA

*“Bem-aventurados os perseguidos por serem justos, porque deles é o Reino dos Céus”*

#### INTRODUÇÃO

*“Bem-Aventurados os que sofrem perseguição, por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados sereis quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por Minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa nos Céus; porque também assim perseguiram os profetas que vos precederam”. (Mt 5, 10-12)*

Estas duas Bem-aventuranças aglutinam-se numa só: **“Bem-Aventurados os perseguidos”**. S. Paulo diz à comunidade de Corinto, na segunda carta (12,9): *“... é na fraqueza que a minha força se revela totalmente”*. São as contradições de Deus que nesta Bem-aventurança, possivelmente, alcançam o seu ponto culminante. S. Paulo compreendeu-o muito bem (vide 1 Cor 1, 18-25; 2 Cor 12, 7-10). A salvação é acção de Deus e baseia-se na Sua misericórdia; não é uma acção humana, embora Deus se sirva dela.

A vinte séculos de distância não resta senão aceitar (embora estejamos a anos-luz de o assimilar) que o Reino de Deus se consolida e se enraíza na perseguição. Uma vez mais, torna-se evidente que o Evangelho caminha por caminhos diferentes e diametralmente opostos aos dos homens. E Jesus di-lo sem rodeios, e fá-lo no Seu primeiro discurso programático para que não restem dúvidas. Dir-se-ia que não tem a noção do que é a propaganda, a publicidade, o proselitismo e a liderança. Como pensa que irá ter seguidores com semelhante doutrina?

Todavia vai mais longe: não se limita a declarar Bem-Aventurados os que padecem de perseguição por causa da justiça, mas, de uma maneira enfática, pouco comum no Evangelho, exorta-os a uma alegria transbordante: *“alegrai-vos e regozijai-vos...”* (Mt 5, 12), *“Alegrai-vos nesse dia e saltai de satisfação...”* (Lc 6, 33).

Causa-nos espanto a verdade? Se esta palavra não nos faz estremecer, é porque não penetrámos nela e muito menos a assimilámos.

## 1. ORIGINALIDADE DA MENSAGEM DE CRISTO

A mensagem de Jesus transmitida nos Evangelhos reúne as condições necessárias para que os homens reconciliados com Deus tenham acesso ao Seu reino.

Por “justiça” entende-se, na Bíblia, o cumprimento da vontade divina. Portanto, estes “justos” de quem se fala são apenas os que estão dispostos a levar um tipo de vida caracterizado pela generosidade, fidelidade e amor para com Deus e para com os homens. A “justiça” que Jesus esperava dos seus discípulos exigia, por contraposição às bênçãos que lhes prometia, uma grande força de vontade e uma luta incessante contra as suas tendências. Mas o Mestre era demasiado leal para não os avisar, desde o princípio, que iriam tropeçar cada vez mais com as mais severas oposições. Se aceitavam sofrer pela justiça, pelo Evangelho, por Sua causa, então o Reino seria deles. A oitava Bem-aventurança proclama este último requisito: Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

Jesus deve ter descoberto no olhar dos Seus ouvintes alguns sinais de admiração, pois passou ao estilo directo e, para explicar o que acabava de afirmar, recorreu à história de Israel: Bem-aventurados sereis quando vos insultarem e vos perseguirem e, com mentira, proclamarem contra vós todo o tipo de mal por Mim. Alegrai-vos e regozijai-vos porque grande será nos Céus a vossa recompensa, pois assim perseguiram os profetas que vos precederam.

Esta forma de falar não podia ser mais inesperada para os Seus ouvintes; contradizia quanto lhes haviam ensinado, tudo aquilo que lhes havia sido transmitido por herança dos seus antecessores. Onde teriam ido parar aquelas famosas conquistas de um Messias vitorioso? Será que a Sua monarquia não iria ser universalmente reconhecida e os Seus adversários iriam continuar a triunfar? Eles gostariam de ser desinteressados, mansos, misericordiosos, rectos, mas faria falta que os homens a quem deram a conhecer aquela doutrina de amor e paz aceitassem os ultrajes e as alúrnias a que aludia? No texto de S. Lucas, as pregações de Jesus são ainda mais sombrias: *“Bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem e, quando fordes excluídos, vos injuriarem e vos maldizerem por causa do Filho do homem”*.

E, quando estavam a tentar assimilar as Suas palavras, dá mais um passo que os deixa desconcertados. É a afirmação de que toda aquela confusão não indica, de modo algum, que a Boa Nova esteja votada ao fracasso, que o mundo não será transformado pelo Evangelho. As perseguições fazem parte dos desígnios do Seu Reino. Os discípulos não deveriam entristecer-se pelos maus tratos que tivessem de receber. *“Alegrai-vos nesse dia e regozijai-*

-vos". Podemos calcular o que pensariam os que ouviam de Jesus, pela primeira vez, aquelas novidades surpreendentes e que admiração devem ter produzido nos Seus ouvintes.

Os primeiros ouvintes do Sermão da Montanha, como bons judeus que eram, estavam familiarizados com a perseguição ao longo da sua História e muito particularmente naquele preciso momento, submetidos como estavam ao domínio romano, esperando ansiosamente a salvação; no entanto, há diferenças fundamentais entre o que pensavam estes judeus e o discurso de Jesus.

Para Israel a perseguição significava um castigo merecido pelos pecados e muito especialmente pela infidelidade à Aliança, um método pedagógico de Deus para fazê-los voltar ao bom caminho, uma situação transitória até que Deus libertasse Israel.

A perseguição a que Jesus se refere é diferente: é a dinâmica do Reino, algo essencial ao trabalho da Salvação, a pregação e extensão do Evangelho. Será uma constante histórica até ao fim dos tempos, não uma mera situação transitória. O sentido de castigo converte-se num "sinal" da presença do Reino. É fonte de bênção. É motivo de alegria, causa de Bem-aventurança, participação na acção salvífica de Cristo. Na perseguição fica evidente a força do Senhor e do Evangelho que, apesar do ímpeto do inimigo para o mal, o converte em energia para o bem.

Quando na sinagoga de Cafarnaum, Jesus, desiludido com os projectos terrenos dos Seus ouvintes, falou sobre o pão que Ele daria para a vida do mundo, S. João conta que muitos dos Seus seguidores, achando irritante aquele discurso, se retiraram e O deixaram. Jesus, então, perguntou aos Doze: "*Também quereis ir?*". Simão Pedro responde com fé: "*Senhor, para onde iríamos? As Tuas palavras são a Vida Eterna. Nós acreditamos e sabemos que Tu és o Santo de Deus*".

A difusão da Boa Nova seguirá o mesmo ritmo em todas as partes. A oposição e as perseguições têm como consequência estimular ou dar ânimo aos seguidores de Jesus. Não que a infidelidade de uns seja caos de maior fidelidade de outros, mas é a ocasião. O importante também é descobrir que, no texto da nossa Bem-aventurança, Jesus não pronuncia uma única palavra contra os perseguidores e jamais fecha as portas do Seu Reino. Neste mesmo sermão, mais à frente, pedir-nos-á que oremos pelos nossos perseguidores (Mt 5, 44).

"*Passareis pela tribulação, mas confiai!*", diz Jesus, mas não acrescenta: "*vencereis o mundo*". Ele diz: "*Eu venci o mundo*". Não nos promete triunfos pessoais, cujo mérito seríamos tentados a atribuir a nós próprios. Dá-nos uma maior segurança: "*Eu venci o mundo*". Estamos com o Vencedor. E, portanto, que outra atitude poderíamos tomar senão a de serenidade, paciência e misericórdia?

Como discípulos, temos de ter memória para recordar que nada nos acontecerá que não Lhe tenha sucedido primeiro. Só assim perpetuaremos nas nossas vidas os feitos e façanhas do Senhor. De tal modo que, se verdadeiramente O deixarmos viver e actuarem nós, não iremos estranhar que sejamos incómodos em determinados ambientes. Se o que recebemos do mundo são aplausos e homenagens, isso pode ser sinal da nossa mundanização ou de que tenhamos adulterado a verdade do Evangelho.

## **2. UM MUNDO AO CONTRÁRIO: BEM-AVENTURADOS SEREIS QUANDO VOS PERSEGUIREM**

Não podemos fazer uma ideia de quão a linguagem de Cristo terá chocado. Os que o ouviam haviam nascido num povo que esperava o Messias, Rei Todo-poderoso. Estes homens e mulheres ouviam Jesus a falar de um Reino, mas também de uma perseguição e até de uma morte. Converter os perseguidos em privilegiados era o mundo ao contrário.

Mas Jesus tinha vindo precisamente inverter os valores do mundo. Como profetizou Simeão (Lc 2,34), Jesus seria “sinal de contradição”. A Sua mensagem seria o vinho novo que rejuvenesce os odres envelhecidos; iria modificar tantos costumes, suprimir tantas facilidades, inquietar tantas consciências, provocar tantos remorsos, que muita gente não só não O aceitaria de modo algum como faria tudo o que pudesse para não se ouvir falar mais d’Ele. Os Seus discípulos não deveriam criar ilusões. Contradir-se-ia o Evangelho. Comprovar-se-ia a sua falsidade. Caluniariam quem O pusesse em prática. Ridicularizá-los-iam. Este iria ser o Seu destino; e se as burlas e os ultrajes não bastassem para deter a sua difusão, os Seus adversários, usando da força, recorreriam a outros meios mais radicais, como a prisão e até a morte.

Jesus diz aos Seus ouvintes que os discípulos de que precisa para o Seu reino têm de ser homens e mulheres corajosos, que os que vierem depois d’Ele não devem contentar-se com ensinar e praticar a “justiça” – o que implicava já, certamente, muito esforço – mas devem comprometer-se a defendê-la e a sofrer por ela.

Cristo faz este apelo ao valor aos homens de todos os tempos, a todos aqueles que queiram segui-Lo. O Mestre não quer um cristianismo fechado no qual uns quantos privilegiados, na intimidade de um pequeno cenáculo, se dediquem à observância das virtudes cristãs. Essa pretensão de afastamento far-nos-ia abandonar a tarefa a que Jesus nos chama. Deus quer a salvação de todos os homens, Jesus chamou-os todos ao Seu Reino, nele acolheu até os que poderiam parecer os mais indignos. Os Seus discípulos terão de ser testemunhas da Sua mensagem no mundo, no meio de gente que não olha o Céu, uns porque têm tudo na terra, outros porque são aqui demasiado infelizes. Envia-nos a eles, como o servo da parábola, pelas ruas e praças, pelos arrabaldes e encruzilhadas, para que os conduzamos à sala do banquete onde Ele os espera.

Não limitemos “a perseguição por causa da justiça” ao sofrimento paciente dos golpes do adversário; Jesus pede-nos primeiro que tomemos a ofensiva (nunca contra os homens, mas contra o mal) e que nos exponhamos voluntariamente à crítica e à oposição, actuando em toda a parte e falando sempre como testemunhas.

O discípulo que sofre pela justiça não se limita a padecer as repercussões do mal. Combate as injustiças onde as encontra e procura, sobretudo, evitá-las. Para além disso, dedica-se, no que estiver ao seu alcance, a reparar o mal cometido pelos outros. A nossa missão é ocupar o lugar dos que se escapam da tarefa comum, corrigir os desvios devidos aos que descuidam o seu dever, voltar a erguer o que alguns destroem.

Uma adulteração desta Bem-aventurança seria a de um cristianismo de temerosos. Não podemos deixar de nos sentir impressionados pela insistência com que Jesus previne os Seus discípulos contra todo o sentimento de temor. Quando adverte os Doze que a pregação do Evangelho lhes valerá, como a Ele próprio, novos inimigos, apressa-se a dizer-lhes: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode fazer perecer na Geena o corpo e a alma” (Mt 10,28).

Jesus proíbe ceder ao temor porque é uma falta de fé. A sorte deles não difere da Sua própria; Ele mesmo sofreu oposições e ódios; porquê, pois, tremer? Quem confiar n'Ele, saberá enfrentar a maldade e o perigo. A adversidade não deve aterrá-lo: é uma condição normal dos discípulos que tomam a sério a sua vocação. “Todos os que queiram levar uma vida digna de Jesus Cristo sofrerão perseguições” (2 Tim 3, 12), escreveu S. Paulo no final da sua vida, repetindo o que vinha afirmando desde o início do seu apostolado: “*Temos de passar muitas tribulações para entrar no Reino de Deus*” (Heb 14, 22).

Uma última observação. Jesus bendisse apenas os cristãos insultados e perseguidos por Sua causa, os acusados em falso de qualquer tipo de mal. Algumas vezes, acontece que alguns são atacados pela sua virtude senão mesmo pelos seus defeitos. Há os que admoestam o seu próximo ou que no seu trabalho se satisfazem com uma vaidade pessoal. Naturalmente são criticados e muitas vezes fracassam. Não teria cabimento que adoptassem um ar de vítimas e que se julgassem perseguidos pela justiça. Outros, fogosos defensores da fé ou apontadores de erros alheios, carecem das virtudes naturais de lealdade e paciência, assim como das virtudes cristãs de humildade e mansidão e acabam por tornar-se odiosos. Alguns podem ser perseguidos, assim, não por se chamarem cristãos, mas por não agirem como cristãos. S. Pedro estabeleceu cuidadosamente esta distinção: “*Que mérito tereis se, praticada a falta, sofreis pacientemente o castigo? E quem vos poderá fazer mal se fordes zelosos do bem? Se padecerdes alguma coisa por causa da justiça, felizes de vós! Não temais as suas ameaças nem vos deixeis perturbar. Mas venerai Cristo Senhor nos vossos corações e estai sempre prontos a responder, para vossa defesa, com doçura e respeito, a todo aquele que vos perguntar a razão da vossa esperança*” (1 Ped 2, 20; 3, 13-15).

O grupo dos apóstolos, os primeiros ouvintes das Bem-Aventuranças, depois de terem sido condenados pelo Sinédrio, retiraram-se do tribunal – escreve S. Lucas – “*felizes, porque haviam sido dignos de sofrer ultrajes em nome de Jesus*” (Heb 5,41). Um século mais tarde, um leigo, S. Justino, declarou ao imperador Antonino: “*Morremos com alegria depois de nos termos confessado a Cristo*”. Assim falam todos os mártires, assim falam todos os santos. Francisco de Assis não teve de derramar o seu sangue, mas atingia “*o gozo perfeito*” ao sofrer sem o ter merecido, para “*compartilhar das dores de Cristo*”.

### 3. PERSEGUIDOS POR SEREM “DOS DELE”

Os Actos dos Apóstolos são a prova manifesta de como o Evangelho se espalhou pela perseguição. Paulo, todos os apóstolos, depois de perseguições sem fim, deram testemunho supremo com o seu sangue. As primeiras comunidades cristãs participaram igualmente da paixão de Cristo (Fil 1, 27-30; 1 Tes 2, 14-15; 2 Tes 1, 4-5).

Três séculos de perseguições são a prova definitiva de que a Igreja sofre, é perseguida e morre com o Senhor. Os Papas dos três primeiros séculos selam com o martírio a sua fidelidade à mensagem e à pessoa do Mestre.

Desde então não tem havido um só momento ao longo da História em que o carisma dos mártires não tenha estado presente na Igreja em qualquer parte do mundo. O sangue de Cristo continua a verter-se através do sangue dos mártires, como recordação perene de que fomos salvos pela Páscoa.

Também hoje, enquanto lemos estas linhas, irmãos nossos estão a verificar nas suas vidas a profecia e a promessa de Cristo “*Se Me perseguiram, também vós sereis perseguidos*” (Jo 15,20).

Ao chegarmos aqui, vale a pena reflectir um pouco. O mundo sempre ensinou o oposto desta Bem-aventurança. É muito fácil deixar-se levar pela corrente do nosso egoísmo.

É urgente lançar um grito de rebeldia contra o mundo e contra nós próprios. Não é que isso nos faça assimilar a lição, mas talvez nos demos conta da nossa pobreza no seguimento de Cristo, de como, querendo ser cristãos, nos encontramos de costas voltadas para o ensinamento, testemunho e vida do nosso Mestre. Se O seguissemos, radicalmente, acharíamos estranho se não nos perseguissem. Precisamos de muita oração e muita compreensão do Evangelho até o convertermos na nossa carne e no nosso sangue.

Para terminar, esta Bem-aventurança, à semelhança da primeira, tem a recompensa no presente “*...é deles o Reino dos Céus*”; este “é” constitui o mais valioso do prémio.

A perseguição por causa da justiça é a prova da pertença ao Reino de Deus aqui na terra. Ser perseguido por causa da justiça, que se encontra no mais profundo do coração de Cristo, é ter-se encontrado com a salvação, a mentalidade e também a paixão do Senhor. JÁ SE É DO REINO.

Ao terminar o nosso estudo das Bem-aventuranças, demos graças ao Senhor de nos ter chamado a partilhar da Sua glória, fazendo de nós os membros do Seu Reino na terra (Rom 14,9). Vivamos unidos a Jesus com força, liberdade e alegria, ao serviço de Deus, amando-o como nosso Pai e ao serviço dos nossos irmãos, amando-os como Cristo nos amou.

## SUGESTÕES PARA VIVER A BEM-AVENTURANÇA AO LONGO DO MÊS

### Para o dever de se sentar

Coloquemo-nos na presença de Jesus e recitemos alternadamente:

“Pai, Tu és o lavrador;  
lavra o nosso coração rotineiro  
para que nele amanheça  
a decisão de se sentir enviado...  
Pai, Tu enviaste o Teu Filho  
Que viveu a perseguição;  
não deixes que nos refugiemos no caminho  
da luta e da desaprovação humana.  
Pai, Que sofres nos perseguidos,  
faz que sejamos, com as nossas palavras e a nossa vida,  
constantes testemunhas sem medo nem hipocrisia.  
Conheces o nosso comodismo  
e conheces a nossa rotina,  
vês os nossos medos, a solidão,  
sentes a nossa dor e desditas...  
Sofres com os homens a perseguição e a burla  
e choras tantas dores e tantos mortos...  
Envias-nos de novo  
e de novo nos queres testemunhas  
que saibamos percorrer o caminho  
a partir da segurança do Espírito que levamos.  
Pai, lavrador e adubo,  
põe no nosso caminho e nos nossos passos  
a seiva eficaz e o apoio  
para não nos retirarmos cansados.

(J. Fernandez Paniagua)

Falando de fidelidade, generosidade e amor:

«... Por “**justiça**” entende-se na Bíblia o cumprimento da vontade divina. Portanto, estes ‘justos’ de quem aqui se fala não são senão os dispostos a levar um tipo de vida caracterizado pela generosidade, fidelidade e amor...»

Construir uma vida em comum é pôr a trabalhar o amor; ao terminar o estudo das Bem-aventuranças, com um Verão pela frente para reflectir e projectar a vida, revejamos a história comum e algumas atitudes do amor conjugal.

Na nossa relação conjugal ou familiar há expressões pouco delicadas? Prevalece em nós uma atitude de mútuo serviço ou de utilização?

Ajudamo-nos positivamente um ao outro a acreditar na liberdade? Que fazemos para tal? Que poderíamos fazer?

Perdoamo-nos, alegramo-nos de que o outro seja diferente de nós próprios? Ajudamos os filhos a serem eles próprios?

Reconheço e apoio tudo o que há de positivo no meu cônjuge, nos meus filhos e demais família e amigos? Secundamos os seus projectos?

Somos suficientemente expressivos nas nossas demonstrações de carinho entre nós e com os filhos ou guardamos o carinho no coração?

Que formas deficientes de comunicação temos de mudar para que transmitam respeito, ternura e paz?

Temos “contas pendentes”? Quais?

S. Paulo exorta a “*que a vossa zanga não vá para lá do pôr-do-sol*” (Ef. 4, 26). Procuramos resolver os problemas antes que o dia termine?

Procuramos a gratidão como estilo de vida, segundo o espírito do Evangelho?

Numa revisão e autocrítica séria do nosso casamento descobrimos algum sintoma de divórcio psicológico?

Como casal cristão, pela nossa união crescente e pela nossa felicidade, somos sinal da fidelidade conjugal?

Como poderíamos ajudar os casais vizinhos que vivem em situação de conflito?

Em que medida compartilhamos as tristezas e alegrias, pensamentos e sentimentos, êxitos e fracassos, ilusões e projectos?

Para terminar o dever de se sentar podem recitar juntos e pausadamente o Magnificat.

## **Para a regra de vida**

Levar à oração conjugal os sucessos e experiências diárias.

Proceder com verdade, paciência e sem espírito de vingança, quando tenha de defender-me de alguma acusação injusta.

## **Para a oração pessoal, conjugal e escuta da Palavra**

Textos da Sagrada Escritura: Jer 26, 11-15; Lc 4, 28-29; 6, 22-23; Sal 37; 44; 56; 142; Mt 14, 3-12; Jo 15, 18-20; 1 Ped 4, 12-14

## **Para dizer na nossa oração**

*Senhor, perseguiram Jesus,  
aprimonaram-No, mataram-No  
por anunciar a Boa Nova do Reino,  
por acolher os pecadores,  
por defender a adúltera.  
Há homens e mulheres  
que fizeram sua a causa de Jesus,  
por isso são humilhados, perseguidos, assassinados.  
Concede-nos a força do Teu Espírito,  
para nos mantermos fortes,  
na confissão de fé em Jesus morto e ressuscitado,  
no serviço aos pobres,  
no seguimento de Jesus sem condições.  
Concede aos Teus servos  
pregar a Tua Palavra com valentia.*

## **Para a reunião da equipa**

### **QUESTIONÁRIO:**

- Formas actuais de perseguição dos discípulos de Jesus. Porque são perseguidos?
- Sentir-se inquietos e incompreendidos não revela falta de compromisso com a causa de Jesus e com o Evangelho?

- Há pessoas, grupos comprometidos com pessoas e situações injustas, que não são compreendidas pelas suas opções. Com quem nos sentimos mais identificados? Que fazemos para apoiá-las?
- Não nos dá a sensação que Cristo está demasiadamente adormecido no meio da tempestade a que está submetida a sua barca, na qual vamos todos e que é a Igreja?
- A alegria transcendental do cristão. Diferenças da do mundo? Aspectos mais importantes?

## SÍMBOLO

A ser escolhido pela equipa

## ORAÇÃO

### Prece inicial

Senhor, Tu dizes-nos: “Não tenhais medo dos que matam”,  
e nós estamos cheios de medo.  
Medo de que o companheiro de tertúlia ou de trabalho  
saiba que somos dos Teus.  
Mete-nos medo deixar de ser o modelo pelo reino,  
pela solidariedade com os pobres,  
pelas reivindicações justas,  
por causa dos não produtivos  
de uma sociedade consumista.  
Mete-nos medo perder os nossos privilégios,  
o nosso prestígio, o nosso dinheiro,  
por um “galileu” injustiçado,  
que levaram para fora da cidade para o matar  
e não dispuha de dois palmos de terra para ser enterrado.  
Envia, Senhor, de novo o Teu Espírito  
sobre os que hoje nos dizemos Teus discípulos, para anunciarmos com valentia  
o reino e a sua justiça,  
para nos fazermos pobres com os pobres,  
para que sejamos os profetas de uma nova denúncia,  
comprometidos com os que amaste  
até deixar a vida,  
com os habitantes dos bairros marginalizados,  
com os que rotulamos de “gente de mau viver”.

Senhor, com orgulho nos proclamamos Teus discípulos  
e nunca fomos inquietados  
e muito menos perseguidos por Tua causa;  
dizemo-nos solidários  
e nunca os senhores do poder e do dinheiro  
nos expulsaram das suas “sinagogas”  
por denunciar a injustiça.  
Senhor, que possamos ouvir dos teus lábios:  
“Vinde, benditos de Meu Pai,  
porque anunciastes com coragem o evangelho do reino,  
porque estivestes com o pobre,  
porque fostes voz dos sem voz,  
e por tudo isso fostes perseguidos”.

### Texto para reflexão

*“Alegro-me, irmãos, de que a nossa Igreja seja perseguida precisamente pela sua opção preferencial pelos pobres e por se incarnar no interesse dos pobres... Seria triste que, numa pátria onde se está assassinando horrorosamente, não contássemos, entre as vítimas, sacerdotes. São o testemunho de uma Igreja incarnada nos problemas do povo”.*

(O. Romero, Homilias de 15 de Julho e 14 de Junho de 1979)

### Salmo para interiorizar

*Senhor, Jesus veio e falou-nos de Ti.  
Desmontou falsas imagens  
que ocultavam o Teu verdadeiro rosto.  
Pareces-te mais com o pai bondoso,  
com a mãe terna  
do que com o Deus que mete medo  
e maneja com mestria raios e trovões.  
Tu és o Deus dítimo e repartes felicidade  
aos pobres de nascença  
que fabricámos com as nossas injustiças,  
as nossas estruturas de pecado,  
os nossos corações duros de ricos satisfeitos.*

*Senhor, só Tu és capaz de fazer feliz  
a criança que chora com fome,  
a mãe que não tem leite para lhe dar,  
o que tem marcadas na carne as cicatrizes de guerra,  
o que tem a pele marcada  
por sinais de tortura.*

*Senhor, Tu és o Deus manso que fazes felizes  
os que não se rebelam contra a mão que os fere,  
aos que retribuem o insulto com um sorriso,  
aos que não pagam ódio com ódio,  
bofetada com bofetada,  
mas oferecem a outra face.*

*Senhor, Tu fazes felizes  
aqueles cuja fome maior  
é a fome de justiça,  
os que têm sede insaciável  
de igualdade de oportunidades,  
de direitos, de bem-estar,  
de números em todas as contas-correntes  
abertas e por abrir.*

*Tu, o Deus de misericórdia, fazes felizes  
os que praticam a misericórdia,  
o abandonado na berma da estrada,  
a prostituta, o drogado,  
o de raça, cultura ou religião diferentes,  
os que a sociedade atira para a rua  
como lixo humano.*

*Senhor, Tu fazes felizes os puros de coração  
e de olhar, os que não mancham as mãos  
com o tráfico de influências, com o dinheiro sujo,  
com o sangue de inocentes pago como preço.*

*Senhor, Tu és o Deus da paz  
e és feliz com os não violentos, com os pacíficos,  
com os opositores à guerra,  
às armas que ferem e matam,  
com os que defendem a mãe Natureza  
de todas as formas de agressão.*

*Tu, o Deus perseguido e Deus dos perseguidos,  
és a felicidade dos que se entregam à causa da justiça,  
dos que sofrem a agressão  
da mentira e da tortura  
por defenderem os fracos contra os poderosos.*

## Prece ao terminar a última reunião

Pai, o meu coração transborda de gratidão  
por tantos dons e bênçãos Tuas.  
Não bastaria o canto do coração e dos lábios  
se não pusesse a minha vida ao Teu serviço  
para mostrar-Te o meu amor com actos  
e dar testemunho de Ti com as minhas acções.  
A Ti, gratidão e louvor.  
Tiraste-me do nada e elegeste-me.  
Fizeste-me feliz com o Teu amor e a Tua presença.  
Não Te conheço bem e tão pouco me conheço:  
não conheço sequer as minhas necessidades.  
Mas Tu, Pai, conheces-me totalmente e amas-me.  
Sou incapaz de me amar como Tu me amas.  
Criaste-me com um só coração  
para que seja para Ti, inteiramente Teu.  
Estar diante de Ti, Pai, é o mais grato que se pode pensar.  
Neste momento estou diante de Ti e apresento-me a Ti.  
Aceita-me quando e como quiseres.  
Faz de mim, segundo a Tua vontade.  
Eu sou Teu e Tu és meu,  
criaste-me à Tua imagem, a partir do barro,  
retiraste-me o mal por meio de Jesus  
e fizeste-me Teu filho.  
Honra, glória, louvor e gratidão para Ti  
pelos séculos dos séculos.  
Ámen.



## ANEXO

### SÍMBOLOS PARA A ORAÇÃO DAS REUNIÕES DAS BEM-AVENTURANÇAS

#### Capítulo I – As Bem-Aventuranças, um estilo de ser, viver e pensar

##### **Símbolo: velas**

Cada casal acende a sua vela no círio exposto na reunião, depois de ler uma estrofe da oração inicial, levando a vela para casa para utilizá-la durante o dever de se sentar.

#### Capítulo II – Primeira Bem-Aventurança:

*“Bem-aventurados os pobres em espírito,  
porque deles é o reino dos céus”*

##### **Símbolo: postal de peregrino**

#### Capítulo III – Segunda Bem-Aventurança:

*“Bem-aventurados os mansos,  
porque possuirão a terra”*

##### **Símbolo: fotografia duma das personagens indicadas**

Durante a oração, cada casal apresenta a vida duma das seguintes personagens: Gandhi, Martin Lutherking, S. Francisco de Assis, João XXIII, Madre Teresa de Calcutá, João Paulo II, explicando como a ele se aplicaria esta Bem-aventurança e destacando algo que gostaria de viver da sua vida.

## Capítulo IV – Terceira Bem-Aventurança:

*“Bem-aventurados os que choram  
porque serão consolados”*

**Símbolo: flores de diversas cores**

## Capítulo V – Quarta Bem-Aventurança:

*“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça,  
porque serão saciados”*

**Símbolo: cântaro de água**

Na mesa colocam-se fotografias alusivas às injustiças do mundo e um cântaro de água que será benzido pelo sacerdote, como símbolo da sede de justiça. Cada casal tira um pouco dessa água benta.

## Capítulo VI – Quinta Bem-Aventurança:

*“Bem-aventurados os misericordiosos,  
porque alcançarão misericórdia”*

**Símbolo: fotografias de pessoas que necessitam ser consoladas física e espiritualmente; e uma concha com azeite, recordando o bálsamo do samaritano.**

Cada casal prepara um símbolo e uma prece relacionada com uma obra de misericórdia.

## Capítulo VII – Sexta Bem-Aventurança:

*“Bem-aventurados os puros de coração,  
porque verão a Deus”*

### **Símbolo: uma flor branca**

Os casais renovam as promessas do baptismo e celebra-se a Eucaristia.

## Capítulo VIII – Sétima Bem-Aventurança:

*“Bem-aventurados os pacificadores,  
porque serão chamados filhos de Deus”*

### **Símbolo: um “pin” com uma pomba da paz para cada casal**

## Capítulo IX – Oitava Bem-Aventurança:

*“Bem-aventurados os perseguidos por serem justos,  
porque deles é o reino dos céus”*

### **Símbolo: uma cruz de madeira**

Começamos pela oração da reunião, a seguir, cada casal prepara uma oração de petição ou acção de graças relacionada com a situação da Igreja Católica no nosso país ou continente, focando pessoas ou instituições que ofereceram a sua vida, esforços ou sacrifícios em defesa dos perseguidos.

